

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”

CAMPUS DE MARÍLIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

ESDRAS FRED RODRIGUES SELEGRIN

**EXPERIÊNCIAS DA PRECARIZAÇÃO E PRECARIEDADE DO TRABALHO
BANCÁRIO: UM ENFOQUE SOBRE AS NARRATIVAS DE VIDA E TRABALHO
DO ANTIGO E DO NOVO BANCÁRIO DO BRADESCO**

MARÍLIA-SP

2013

Selegrin, Esdras Fred Rodrigues.

S464e Experiências da precarização e precariedade do trabalho bancário : um enfoque sobre as narrativas de vida e trabalho do antigo e do novo bancário do Bradesco / Esdras Fred Rodrigues Selegrin. – Marília, 2013.
149 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2013.
Bibliografia: f. 137-141.

Orientador: Giovanni Antônio Pinto Alves.

1. Trabalho. 2. Bancários. 3. Qualidade de vida. 4. Trabalhadores – Aspectos sociais. 5. Mudança. 6. Bradesco. I. Título.

CDD 306.36

ESDRAS FRED RODRIGUES SELEGRIN

**EXPERIÊNCIAS DA PRECARIZAÇÃO E PRECARIIDADE DO TRABALHO
BANCÁRIO: UM ENFOQUE SOBRE AS NARRATIVAS DE VIDA E TRABALHO
DO ANTIGO E DO NOVO BANCÁRIO DO BRADESCO**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao do Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de
Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista –
UNESP, Campus de Marília.**

Marília- SP
2013

ESDRAS FRED RODRIGUES SELEGRIN

**EXPERIÊNCIAS DA PRECARIZAÇÃO E PRECARIIDADE DO TRABALHO
BANCÁRIO: UM ENFOQUE SOBRE AS NARRATIVAS DE VIDA E TRABALHO
DO ANTIGO E DO NOVO BANCÁRIO DO BRADESCO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Unesp, Campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais. **Linha de Pesquisa:** Determinações do mundo do Trabalho: Sociabilidade, Política e Cultura.

Aprovada em 05 de fevereiro de 2013

Banca Examinadora

Prof. Dr. Giovanni Antônio Pinto Alves
UNESP – FFC

Profa. Dra. Lúcia Arrais Morales
UNESP – FFC

Profa. Dra. Vera Lúcia Navarro
USP- FFCLRP

Suplentes

Prof. Dr. Roberto Leme Batista
UNESP-FFC

Prof. Dr. Marcos Cordeiro Pires
UNESP-FFC

Marília- SP
2013

AGRADECIMENTOS

Há um tempo, recebi com cuidado um ensinamento, que passado de maneira benevolente, me gerou uma abertura, como se dá ao abrir uma janela no momento em que a chuva termina. Foi-me ensinado que as idéias não circulam quem circula são as pessoas.

“Nossas ideias são pessoas simples”.

No feitiço desse texto, gostaria de agradecer aos trabalhadores e trabalhadoras que se dispuseram a me ajudar com suas vastas experiências de vida. Aos professores que tive ao longo de minha formação acadêmica e ao meu orientador, o Professor Giovanni Alves, principalmente pelos desafios que este me propôs.

Agradeço a Professora Vera Lúcia Navarro por sua disposição em participar de nossa “Banca de Defesa”. Aos Professores Marcos Cordeiro Pires e Roberto Leme Batista.

Ao Professor Fábio Kazuo Ocada pela generosidade e honrradez

À Professora Lúcia Arrais Morales pelas mais sóbrias, alegres, sinceras e generosas conversas para toda vida.

Aos amigos, Allysson Antônio, Gabriel G. Borges, Fernanda Subires, Roberto della Santa, Mario Thiago Ruggieri Neto, Luana Maria de Andrade, Claudio R. da Silva, Angel Silvero, Marcela Machado.

Agradecemos em especial a Simone da Conceição Silva, por nosso tempo de formação para vida.

Ao meu filho Pedro Silva Seleguin por nosso amor incondicional.

Aos meus pais Laércio e Perpétua, por toda força, carinho, compreensão e fé; a minha Irmã Ingrid pelo tempo, dedicação e carinho nesses últimos dias.

Enfim, a todos que a sua maneira colaboraram com esse modesto, porém, pessoalmente engrandecedor, trabalho. Obrigado.

Esdras

Marília- SP - 2013

“Eu sou aquele navio
no mar sem rumo e sem dono.
Tenho a miragem do porto
pra reconfortar meu sono,
e flutuar sobre as águas
da maré do abandono”

(Miragem do porto – Lenine)

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi apreender por meio das narrativas pessoais de vida e trabalho de antigos e novos bancários do Banco Bradesco, suas experiências vividas e como são percebidas diante dos processos de precarização e situações de precariedade pelas quais passaram no âmbito de suas vidas e trabalho. Nesse sentido, a pesquisa se direciona a observar e entender os elementos compositivos de suas experiências, isto é, seus sonhos, expectativas e aspirações de vida e trabalho e, como tais elementos foram afetados nos momentos de transformações qualitativas nos seus modos de ser e de trabalhar, que, conforme a historiografia econômica e pesquisas sociológicas tem atingido a classe trabalhadora de forma mais acentuada nos últimos trinta anos. Ao se tratar de uma pesquisa que envolve antigos e novos trabalhadores bancários buscamos como um elo investigativo uma instituição financeira na qual o discurso gerencial se apresenta no sentido de rupturas e continuidades. O Bradesco possui esses elementos de maneira muito presente, não somente por ser um Banco de grande expressividade nacional, mas por conta de sua formação e desenvolvimento estarem imbricados a história política e econômica brasileira. Outra questão é que a história institucional do Banco oferece elementos interessantes, por apresentar planos de ‘carreira fechada’ e de conceber uma idéia padronizada de trabalhador. Por fim, considerando o trato com narrativas de vida e trabalho, procuramos metodologicamente figurá-las de modo que suas minúcias e nexos explicativos corriqueiros se dessem como elementos explicativos válidos e não somente fornecessem encaixes para determinações conceituais.

Palavras-chave: 1 - trabalho bancário 2 – experiência 3 – novo e antigo bancário 4 – precarização e precariedade do trabalho 5 - vida e trabalho.

ABSTRACT

The objective of this research was to understand through personal narratives of life and work of old and new Bradesco workers, their experiences and how they are perceived on the processes of deterioration concerned to labor conditions and as well precarious situations for which passed within their lives and work. In this sense, the research is directed to observe and understand the compositional elements of their experiences, their dreams, aspirations and expectations of life and work and, as such elements were affected in times of qualitative changes in their modes of being and working, that as the economic history and sociological research has reached the working class more sharply in the last thirty years. In the case of research that involves old and new bank employees as a link investigative seek a financial institution in which the managerial discourse is presented in import ruptures and continuities. Bradesco these elements so very present, not only for being a great expressiveness National Bank, but because of their training and development are interwoven with political and economic history of Brazil. Another issue is that the Bank's institutional history offers interesting elements by presenting plans 'career closed' and conceiving an idea of standardized worker. Finally, considering the narratives dealing with life and work, we methodologically figure them so that their everyday minutiae and explanatory links to take for explanatory and valid not only provide conceptual determinations for fittings.

Keywords: 1 - bank work 2- experience 3- new and old bank worker 4- deterioration and precariousness of work 5 – life and work.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO: Regiões do pensamento ou, abertura de um campo	13
1 Questões e necessidades para com o trato das narrativas, problemas iniciais de pesquisa	13
2 Movimento de ideias sob um solo impactado	18
CAPÍTULO I – Categorias de fundamento na perspectiva das narrativas	32
1 Experiência	32
a) Um adendo: Contemporânea pobreza e experiência	36
b) Contemporaneidade	37
c) Algumas pistas	38
d) Pegadas intactas, a tensão em suspendê-las	46
2 Precariedade e Precarização do Trabalho	51
a) Fazer de si um vendedor	54
3 O antigo e o novo trabalhador bancário	56
a) Trabalho bancário: especificidades e expressões	57
b) Elementos de Coesão	62
c) Elementos de Junção: Um jogo de chaves; a percepção sobre o antigo e o novo bancário na fala de um antigo bancário	67
CAPÍTULO II – O tecido aderente	72
1 Narrativas de vida e trabalho como campo de pesquisa	72
2 Nexos - O Bradesco	74
3 Nexos – “Mensageiros a Garcia”: O que há entre um poder disciplinar e formação para o trabalho ou, “ideário caipira”?	82
4 Nexo – “esse homem tomou a carta, guardou-a num invólucro impermeável, amarrou-a ao peito e, após quatro dias, saltou de um pequeno barco” – Relatos de um “Mensageiro” de carne e osso	94
CAPÍTULO III - Diálogo proximal exposto: quando os mensageiros retornam	97
Narrativa 1 – “Precisa-se com urgência de um homem capaz de levar uma mensagem a Garcia” - “Cadê aquele branquelo?” – formação para o trabalho	98

Narrativa 2 - Um novo bancário - “O que querem dos novos “mensageiros”? “Eles só querem cobrar, cobrar, cobrar”. Formação para o trabalho.	113
Considerações sobre as narrativas	130
Considerações finais	132
Referências	137
ANEXOS	142

APRESENTAÇÃO

O que os trabalhadores levam para suas casas faz parte da reprodução dos seus. Nesse sentido, as experiências vivenciadas nos ambientes de trabalho (e fora deles) denotam e assumem condições diferenciadas, a partir dos momentos específicos fomentados pela dinâmica do capitalismo, devendo ser observadas, através de *“cenários que nos remetem à experiência cotidiana da produção e sobrevivência, em condições de incerteza e riscos, que distam muito das formas organizadas pela razão subjacente à relação salarial”*. (GUIMARÃES, 2004, p. 30).

Este é um parágrafo interno de nossa exposição textual. A partir dele, é possível dimensionar as questões que iremos pontuar neste trabalho.

Dessa forma, o principal objetivo de nossa pesquisa foi apreender, por meio das narrativas de vida e trabalho de antigos e novos trabalhadores do Bradesco S.A.¹, experiências que fornecessem elementos vivos sobre os processos de precarização e situações de precariedade do trabalho bancário.

Assim, buscamos os elementos compositivos de suas experiências, isto é, seus sonhos, expectativas e aspirações de vida e trabalho, momentos que viveram ou presenciam em mudanças de processos e organização de trabalho, mercados de trabalho flexibilizados, momentos de crises econômicas. Enfim, elementos que pudessem de alguma forma, indicar as transformações qualitativas nos seus modos de ser e de trabalhar, que, conforme historiografia econômica e pesquisas sociológicas têm atingido de modo mais acentuado a classe trabalhadora brasileira nos últimos trinta anos.

Para tanto, foram realizadas sete entrevistas com antigos e novos trabalhadores do Bradesco, resultando em relatos e entrevistas maiores. Essa diferenciação se deu, pois, os assuntos tratavam de vida e trabalho e, dessa maneira, o que foi privilegiado foram o ritmo e a síntese que os trabalhadores faziam de suas histórias.

Especificamente tivemos contatos próximos com quatro “antigos” bancários, sendo dois antigos gerentes demitidos do Banco, um trabalhador em atividade sindical e uma antiga copeira aposentada por invalidez em razão de um acidente de trabalho.

Entre os que consideramos como “novos” bancários, mantivemos contato com três jovens mulheres contratadas pelo Banco entre o final da década de 1990 e meados da

¹ Ao longo do texto utilizaremos o nome dessa instituição financeira sem a insígnia jurídica do tipo de sociedade que compõe, ou seja, somente “Bradesco”.

década de 2000, entre elas, apenas uma se mantém na empresa, as demais pediram demissão, considerando descontentamento com o trabalho e mudança de perspectiva em relação à carreira e formação.

No entanto, em termos de forma de exposição, consideramos em nosso trabalho, um relato e duas narrativas maiores. O fato de num rol de sete entrevistados utilizarmos apenas três narrativas se dá pelo motivo, como dissemos, do formato de nossa exposição e, de outra forma, porque tais narrativas sustentam elementos suficientes que evidenciam e compõem elos e contrastes sobre o antigo e o novo tipo de trabalhador do Bradesco.

Certamente as demais narrativas tiveram grande valor para composição dos nossos argumentos, porém, não quisemos que elas se apresentassem sob contornos redundantes.

Sobre as técnicas de entrevista, podemos dizer que nos utilizamos de um roteiro semi-estruturado, convencionando a abordagem, “vida e trabalho”, dessa maneira, o privilégio da fala, obviamente, sempre foi do entrevistado. Procuramos deixar claras as intenções da pesquisa, e conservamos o anonimato dos entrevistados. Utilizamos a técnica do gravador e posteriormente a transcrição. Nesse sentido, estivemos embasados pelas observações de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1991), em seu livro “Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação”.

No contato com os bancários, podemos dizer que muitas possibilidades de discussão foram abertas, tão logo, buscamos trabalhar as narrativas sob forma de entendimentos válidos e não como meros encaixes explicativos.

A respeito de buscar entendimentos sobre precariedade e precarização do trabalho bancário por meio de narrativas dos trabalhadores do Bradesco, essa questão se deu por entendermos que o Bradesco, devido ao seu desenvolvimento e expansão territorial, figura desde meados da década de 1970, como um dos maiores Bancos nacionais, o que possibilita compreender em tempos largos, as transformações globais do capitalismo e as dinâmicas sócio-históricas da economia política nacional, e nesse sentido, as mutações nas relações sociais de trabalho.

No que se refere ao trabalho bancário, foi e é uma instituição que carrega consigo valores institucionais fortes e arraigados desde sua formação. É um banco de carreira fechada², o que favorece entrever sedimentações de formas de exploração do trabalho calcadas em termos de dominação e controle ao longo das trajetórias de seus empregados.

² Carreira Fechada é um termo, um eixo classificatório, utilizado pelo Bradesco na tentativa de definir um conceito de progressão profissional dentro da Organização. Etimologicamente a palavra “carreira” deriva do

Considerando essas questões, no contato com os trabalhadores bancários, conforme relatamos anteriormente foram priorizados aqueles que trabalharam e trabalham no Banco nos últimos trinta anos, configurando assim, o recorte temporal em nossa análise.

Todos os trabalhadores que se dispuseram a colaborar com nossa pesquisa trabalharam e trabalham em ‘agências de varejo’, essa foi uma questão atentada por nós, por ser este o setor mais abrangente do Bradesco, e por onde tais trabalhadores estiveram em contato maior com clientes, sendo expostos a ritmos de considerados mais intensos.

Com relação à maneira de exposição de nosso trabalho, introdutoriamente é realizado um movimento de discussão justamente sobre as dificuldades iniciais de pesquisa e, posteriormente, uma discussão acerca de determinados *modus* de abordagens no tratar de questões relacionadas ao mundo do trabalho que nos sinalizaram como maneiras pouco eficaz para com o trato de *narrativas de vida e trabalho*.

No capítulo que segue, Capítulo I – *Categorias de fundamento nas perspectivas das narrativas*; tivemos como interesse apresentar discussões em torno das principais categorias que envolvem e sobressaem das narrativas em nossa exposição. Isso não significou um movimento estanque, mas sim, o de proporcionar a visita a alguns fundamentos para que ficassem fluidos na leitura dos próximos capítulos, ou seja, partimos de uma visão geral dos termos para seu compartilhamento e refinamento nos sentidos e particularidades das falas dos trabalhadores.

Os termos trabalhados foram, “experiência”, “precarização e precariedade do trabalho” e “antigo e novo trabalhador bancário”; esses são eixos que indicamos como fundamentais ao leitor no ir e vir de ideias sempre presentes nas narrativas.

O Capítulo II - *O tecido aderente* aponta as narrativas como campo de pesquisa e busca construir “nexos” que dão sustentação não somente à fala dos trabalhadores, mas necessariamente à leitura do capítulo e os argumentos posteriores. Por esse viés, a ideia de construção dos “nexos” se deu ao nos depararmos em leitura, com uma frase oportuna: “o

Latim “*carraria*” (via), para um carro – “*carrus*”. Podemos considerar como uma marcação temporal no sentido do “emprego”, por exemplo, um trabalhador em início de carreira, noutro sentido, uma atribuição: “uma ilustre carreira de professor”, nesse caso, a noção de tempo se dilui com o “saber-fazer” profissional e pessoal. Em matéria da revista Época Negócios - “Executivo de fora não tem nossa filosofia” - de 05 de maio de 2009, por Alexandre Teixeira, o Presidente do Conselho de Administração do Banco, Lázaro de Mello Brandão, comenta os critérios de seleção do novo Presidente Executivo, no caso, Luiz Carlos Trabuco Cappi: “Despontam aqui os que naturalmente se adaptam à nossa filosofia e princípios”. Perguntado se no processo de escolha teria havido algum tipo de disputa entre candidatos, o Presidente de Conselho, respondeu: “Não, não, não. Tínhamos vários que poderiam preencher o cargo perfeitamente. A questão era saber qual trazia dentro de si a continuidade da cultura da casa”.

tecido aderir ao corpo”. Nossa intenção foi fazer fluir para dentro do texto essa determinação.

No que se refere ao último capítulo de nossa análise – o qual convencionamos intitular, *O diálogo proximal exposto: Quando os mensageiros retornam* – significa a síntese onde nossos argumentos metodológicos e contextuais “desaguam” para construção de um enredo textual que absorve diálogos compondo as estruturas de exposição através de histórias de bancários.

Por fim, a título das considerações finais, apanhamos em retrospecto nossos entendimentos ao longo do texto, para tecer de maneira conclusiva nossa análise. Nesse sentido, à moda de como finalizamos nosso texto, *devemos explicitar que entendemos nosso trabalho ainda muito devedor, é uma forma bruta, mas o consideramos como uma pequena ferramenta para trilharmos nosso entendimento em torno da vida daqueles que vivem a experiência dos “vazios”*.

INTRODUÇÃO: Regiões do pensamento ou, abertura de um campo

1 Questões e necessidades para com o trato das narrativas, problemas iniciais de pesquisa.

No início dessa pesquisa, algumas dúvidas fundamentais se apresentaram e, de certa maneira, prosseguiram em seu decorrer, pois, tratavam não somente ao que se referia a conceitos e teorias que deveriam ser utilizados, mas também um “*modus*” de conectá-los à realidade.

Para nós, essas eram questões que não se davam apenas como simples transferência, como se houvesse processos mentais esquemáticos de antemão tracejando o melhor caminho para o *olhar*, o *ouvir* e o *escrever*. De fato, a vivência acadêmica no que toca às ‘Ciências Sociais’ fornece bases pessoais para tais empenhos, contudo, ao conferir *confiança* a alguns conceitos nas especificidades teóricas, abrem-se veios de *expectativas* em relação à aplicabilidade, e num outro sentido, de colocá-los em coerência interna na preparação de textos e exposições de resultados.

Como dissemos, as dúvidas iniciais, giraram em torno do próprio andamento da pesquisa. Assim foram os contatos com bibliografias, que ao nos acostumarmos, se tornaram elementos de aflição e prazer; procedimentos em entrevistas; processos de análises e composição de um roteiro de escrita à própria exposição dos dados coletados ou compreendidos.

Esse esforço, quando em trabalhos de qualificações no campo científico, como os textos de conclusão de curso e dissertações de mestrado se conjuga com a adequação dos aspirantes às determinações do rigor científico. Estamos falando de ‘Ciência’, porém, essa conjugação envolve outros sentidos como, a pequena política nas disputas dos discursos acadêmicos, seus círculos e “mercado”. Para nós, os termos “pequena política” e “mercado” são eufemismos, porém adequados, pois, estão de acordo com a lógica que os envolvem.

Ou seja, alguns procedimentos parecem se dar “naturalisticamente”, e os trabalhos tendem a se apresentar de forma límpida, feito ideias desprendidas do esforço de um grupo em fazê-las circular. É como se os indivíduos saíssem do processo e a estrutura se

construísse por si, ou de outro modo, como se uma tendência fosse desprendida de contexto, ou das formas como são extendidas à comunidade acadêmica.

Na verdade, os fios que compõem o tecido de uma análise precisam estar vivos e sustentados, o que difere de serem suspensos por, ou de estarem dependurados pelo tecnicismo teórico ou mera reprodução esvaziada, explicamos:

Não é tarefa das mais simples tratar de *narrativas de vida e trabalho*, vejam que para os indivíduos que sentem ou sentiram na trajetória pessoal ou familiar as contradições das mutações no mundo trabalho no Brasil nos últimos trinta anos, recorte temporal ao qual nos atemos, em suas histórias assumidas como tragédias, com todas as propriedades dessa palavra, as coisas não surgem como simples alocações de conceitos e sua aplicação “cega”. É um registro que vai mais além.

É convincente dizer que pela atual morfologia das relações de trabalho no Brasil, há motivos suficientes para explorar o conteúdo acadêmico disponível relacionado ao mundo do trabalho e assumir uma discursividade denunciadora das mazelas incontestáveis pelas quais sofre a classe trabalhadora.

Este é um aspecto que, sem dúvidas, se constitui numa tarefa instigante e apropriada. No entanto, outros contrastes são passíveis de fazer pensar as categorias e processos informados nos “*modus operandi*” reproduzidos através das discussões que emergem de algumas abordagens da Sociologia do Trabalho brasileira.

Entenda-se que a intenção não é fazer apontamentos críticos a uma área do conhecimento a qual somos tributários, e não cabe também realizar nesse trabalho o resgate histórico pormenorizado da produção e legitimação de uma disciplina sociológica, porém, alguns procedimentos que se tornaram padronizados, muitas vezes dificultam o ‘entendimento’ denso das análises e, é a partir desse ponto, que os nossos conflitos eram travados.

É corrente se observar em Seminários e Congressos Científicos que envolvem temas da área, a existência de um movimento muito peculiar: as estruturas de análise e condicionamento de boa parte das pesquisas são bem parecidas, especialmente quando estas tratam sobre trabalho e reestruturação produtiva. O terço tende a se repetir incansavelmente até o final do rosário, com uma ou outra peculiaridade, que em seu sentido final, qualquer leitor ou ouvinte acostumado saberia indicar os resultados.

Para nós, esse movimento gerou e ainda gera bastante angústia. É um tanto dificultoso encontrar coerência em estudos que visam a tratar de trajetórias de

trabalhadores e que, por vezes, devido aos acúmulos e “didatismos” teóricos conceituais, acabam deixando para segundo plano o aprofundamento em categorias como “experiência” e seus elos com o todo vivido pelos trabalhadores, já que entendemos que estes deveriam, em primeira instância, serem postos em perspectiva.

Para nós, não se trata de hierarquizar as dicotomias *local/universal*, mas justamente ter em mente que não é fácil, e muitas vezes inglório operacionalizar sentidos que se queira atribuir a uma análise, quando o entorno de dados e categorias provêm de certas “*doxas*”³.

Dessa forma, estendendo a questão, não é caso de menosprezar os elementos macroeconômicos e as determinações de uma ordem global, suas formas articuladas e predominantes em termos de organização e gerência empresarial, nem mesmo o fato de correlacioná-las em comparações entre fases ou ciclos do capitalismo, muito menos, de não querer entrever nessas fronteiras a voracidade do sistema do capital sobre os aspectos mais sutis da vida.

Acreditamos serem esses elementos imprecindíveis, porém, sempre se corre o risco de ver construída uma sobreposição na real discussão, a vida, em sentido amplo, de uma “classe que vive-do-trabalho”. (ANTUNES, 1999, 2002).

Assim, as sobreposições são gradativas e geram convencimentos, pois fluem de um epicentro e arrebentam até mesmo pelos menores caminhos. Perguntamos como “utilizar” os conceitos de alcance contingente, se no contato empírico com trabalhadores nunca se parte do zero, e se, nas entrevistas o que se vê é um jogar de experiências fortes que no mínimo podemos agraciar com termos como *cotidiano* ou *experiências de classe social*?

Com isso, não estamos desprendendo do termo “vida” noções formais de um processo de precarização e elementos objetivos de formas precárias de trabalho, ou de outro modo, das imposições normativas sobre as relações sociais de trabalho, estamos considerando também outras direções, ou seja, a *experiência do trabalho*.

³ *Doxa* – do grego, significa opinião, uma opinião difundida, uso retórico dos argumentos pautados apenas em dados presentes. O termo, de modo corrente, é usado em oposição à *Episteme*, o conhecimento verdadeiro, especializado; contudo, há possibilidade da *doxa* verdadeira, um conhecimento válido, porém sem definição conceitual pautada em termos da *episteme*. Não realizaremos aprofundamentos conceituais sobre tais termos, a discussão clássica pode ser vista em *A República*, do filósofo grego Platão. No uso que daremos ao termo *doxa*, pautados no artigo da antropóloga Lygia Sigaud – *Doxa e crença entre os antropólogos*. **Novos estudos**, CEBRAP. 2007, significa pensar a crença dada a opiniões que se engendram dentro do campo científico (das Ciências Sociais), que devido aos mecanismos de “naturalização” das idéias, dos conceitos, muitos caminhos, debates e conflitos acabam sendo obstaculizados.

Para nós, esta última, se tomada a contrapelo, permite dimensionar a visão que se têm *da vida e trabalho*, os seus sujeitos.

Nessa questão, temos observado que os nexos explicativos mais corriqueiros de grande parte dos trabalhos na área estão tão normativamente ligados aos aparelhos conceituais que os mantêm, que ficam demasiadamente distantes das fontes primárias dos seus elementos de verdade, pois, procuram um encaixe no lugar onde só é possível entrar de forma intranquila, tensionada, pois não há respostas prontas, a não ser quando sugeridas por disciplinados sindicalistas cuja vida fora forjada na luta e nos embates com estas categorias e, mesmo assim, o tempo de luta não é nada dócil com esses indivíduos.

Mas, retomando às questões iniciais de pesquisa, foi ainda distante dessa discussão, quando ainda pensávamos em seu projeto, que uma pergunta nos apareceu. “Por que estudar a experiência da precarização e precariedade do trabalho dos trabalhadores bancários?”

Essa pergunta simples nos levou a questionar se existia mesmo um aspecto voluntarista de nossa parte. Nossa experiência e contato com o mundo bancário ocorreu numa ordem distinta dos ‘planificadores’ acadêmicos. Tínhamos um quadro vivo de imagens e histórias, mas que em nossas mãos pareciam apenas pitorescas. Eram vivências familiares⁴.

Até os dias de hoje, podemos identificar os cheiros das agências, o que há por trás de ternos e gravatas; o que é ter um parente próximo pressionado pelas determinações de um banco; o que simboliza se comportar numa mesa quando um diretor regional é “convidado” para almoçar em sua casa. Enfim, uma gama de impressões do que há *por dentro*, e não *por trás* de agências bancárias.

Assim, necessitamos deixar claro que quando tratamos de uma abordagem sobre o que há por dentro, estamos nos referindo à experiência vivenciada, já o termo por trás, o que se dispõe são elementos analisados. Entendemos que nas histórias das pessoas que foram envolvidas em nosso trabalho, obviamente, essas não são distinções tão claras. Certamente, seus pontos de apoio hora ou outra se contradizem. Porém, não se pode menosprezar, o que nos disse um velho camponês, que não vem ao caso dessa pesquisa, mas achamos muito conveniente: “*não é questão de grosseria, ou, brutalidade, é questão de sistema*”.

⁴ O sentido de vivência familiar sugere relação parental e círculos de amizade.

Nesse sentido, ao passo que nos apropriávamos das discussões, sentíamos que nosso trabalho deveria tanger outros aspectos, os quais serão vistos adiante, pois, muito de nossas impressões pessoais se tornaram mais vivas quando iniciamos um período de conversas e entrevistas com bancários, principalmente quando se remetiam a histórias não muito convencionais, vistas por nós como formas narrativas que admitiam a possibilidade de perder nossa dimensão ‘planificada’.

São histórias de um gerente que não era apenas gerente, era prefeito e fazendeiro; história de um diretor que concedia financiamentos para agricultores e no conjunto da transação seguia questões cordiais (bancários “dispostos a ajudar” a carregar caminhões, acompanhar plantações, se envolver em situações fora do âmbito de seu trabalho); história do vigia que virou secretário e depois se tornou diretor; uma viagem do interior para São Paulo (um curso de capacitação) que se tornou uma experiência de vida; pesadelos contínuos com clientes; dores de cabeça monstruosas; demissões trágicas; humilhações; trapanças; assédios; traições de confiança; políticas internas; rivalidade; fofoca; exploração; baixos salários; pequenas conquistas; relações sindicais odiosas; adoecimentos; mortes; suicídios.

Nesses termos, passamos a perceber que não estávamos apenas tratando de maneira específica com bancários, com peculiaridades de seus ‘serviços’, contradições e tormentos do trabalho, mas sim, de *vida e trabalho* num exercício amplo. Certamente, sob as determinações das formas de gerenciamento do trabalho e contradições do capitalismo atual, porém, com inúmeras nuances de experiências vastas, o que envolvia noções variáveis em relação à classe social, formação e socialização num ideário civilizatório, só passível de compreensão se concebida a partir de uma ideia do que seja a construção de um Estado Nação.

Tão logo, ficaria impossível utilizar apenas o filtro das categorias profissionais e entendimentos bibliográficos para levantamentos de dados puramente objetivos e formais, e logo após, relacioná-los às antigas e novas formas de exploração capitalista, ou seja, a imperiosa relação fordismo/taylorismo e acumulação flexível.

Nesse momento, chegamos mesmo a questionar sobre o que de fato cumpre a um pesquisador quando este assume tratar de narrativas de vida e trabalho. Estamos diante de um rico campo de percepções sobre o tema, que envolve gerações distintas, gênero, formação educacional e, principalmente, uma ideia pouco convencional que se situa no âmbito da *formação para o trabalho* no sentido das experiências cotidianas dos indivíduos.

Como bem advertiu Richard Sennet no prefácio de “A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo”, e de tal modo esta é a maneira que estamos dispostos a nos referir: “*uma ideia precisa suportar o peso da experiência concreta, senão se torna mera abstração*”. (SENNET, 2009, p.11).

Assim, “o porquê” de estudar as experiências de precariedade e precarização do trabalho dos bancários, exige considerações maiores, que serão exploradas nessa dissertação, ou seja, para atingir nosso objetivo, deveremos tensionar entre os *sentidos* das narrativas e a *significação* que poderemos dar. (OLIVEIRA, 2000).

2 Movimento de ideias sob um solo impactado

Dirão sem dúvida que nada disso é peculiar a nossa cidade e que, em suma, todos os nossos contemporâneos são assim. Sem dúvida nada há de mais natural, hoje em dia, do que ver as pessoas trabalharem de manhã à noite e optarem, em seguida por perder nas cartas, no café e em tagarelices, o tempo que lhes resta para viverem. Mas há cidades e países em que de vez em quando, suspeitam que exista mais alguma coisa.
(Albert Camus – A Peste)

Para seguirmos o debate que foi colocado de forma inicial, é necessário que se faça um breve esboço do campo onde desejamos atuar. Como já situamos, a pesquisa empírica não envolve apenas constatações, mas procedimentos de coleta e análise dos dados, além de sua forma expositiva. Nesse sentido, esse tópico visa aprofundar o que fora exposto como problemas iniciais de pesquisa.

A questão essencial então se direciona em pensar como algumas interpretações se instituíram na Sociologia do Trabalho e os contextos que alguns modelos de análise foram legitimados e tornados correntes. Para tanto, será utilizada, a princípio, uma forma comparativa sobre uma discussão que envolve a produção teórico-empírica numa Ciência correlata como a Antropologia.

É a partir desse ponto que nos é conveniente o tema do artigo “*Doxa e crença entre os antropólogos*” da antropóloga Lygia Sigaud, publicado na revista Novos Estudos - CEBRAP em 2007. Nossa referência não tem a intenção de tratar minuciosamente o debate do artigo e o sentido de nossa colocação é apenas uma constatação para promover elementos intuitivos à discussão que seguirá adiante, ou seja, *não nos empenharemos com os mesmos movimentos de investigação* de Sigaud.

Neste artigo, a autora discute os caminhos ou as autorizações dos discursos de antropólogos da alçada de Claude Lévy-Strauss e Clifford Geertz, no âmbito de uma concorrência acadêmica. Para Sigaud, “Assim como ocorre em outras disciplinas, existem na antropologia interpretações tidas como evidentes por si mesmas, à maneira de uma *doxa* jamais questionada” (SIGAUD, 2007, p.77).

Desse modo, boa parte do que levantamos anteriormente pode mesmo estar contemplado nessa frase, pois a autora aponta para o fato de como “uma interpretação se torna hegemônica e como se reproduzem os fenômenos de crença coletiva”. A preocupação fundamental posta no texto de Sigaud é a de buscar um entendimento sobre o fato da prevalência de certas interpretações em meio a tantas outras no mercado de ideias. Tentaremos posteriormente acionar tais dispositivos por outros comandos.

Assim, a análise sobre os casos de Lévy-Strauss e Clifford Geertz, “permite examinar os fundamentos do crédito que se atribui a certos intérpretes, bem como a dinâmica da estruturação e da difusão de uma *doxa*” (Sigaud, 2007).

“Doxa e crença entre os antropólogos” evidencia como a filiação Lévy-Strauss aos escritos de Marcel Mauss, especialmente ao texto “Ensaio sobre o dom” (1923/24), na exposição que realiza em “Introdução à Obra de Marcel Mauss” (1950), pôde lhe garantir um estatuto intelectual, em termos de ser aceito por seus pares e instituir fundamentos teóricos sobre a indicação de um “*equivoco*” parcelar no texto de Mauss.

Nesse sentido, também se constitui uma aproximação ao contexto de Clifford Geertz, por onde a interpretação do antropólogo estadunidense em “*Under the mosquito net*” (1967), no que trata sobre o polêmico “Diário no sentido estrito de termo”⁵ de Bronisław Malinowski, publicado em 1967, lhe permitiu “demolir” Malinowski no sentido da concorrência e afirmação diante das bases da antropologia britânica e, assim, “legitimar uma nova definição do ofício do etnólogo” (SIGAUD, 2007, p.150).

Na análise do intrincado “movimento” de ideias, sucintamente, pode-se ter a noção de que a inserção e trajetória acadêmica de Lévy-Strauss, o colocaram como “farol” da Antropologia francesa, abrindo campo para posteriores aproximações metodológicas de já

⁵ Utilizaremos aqui, para dar conhecimento, a própria interpretação de Lygia Sigaud (2007, p.144/145), sobre o “Diário”. Conforme a antropóloga, “o livro é composto de duas partes: a primeira apresenta notas escritas entre setembro de 1914 e agosto de 1915, durante a estada do autor em Mailu; a segunda contém notas redigidas entre outubro de 1917 e julho de 1918, quando estava nas ilhas Trobriandesas. Aí se encontra um repertório de angústia, mal-estar no trabalho de campo, explosões de raiva em relação aos nativos, mas também se veem notas de método, comentários sobre colegas, notas teóricas, observações sobre os nativos – que atestam sua amizade por eles – críticas duras a si mesmo e sobre suas relações com as mulheres, suas fraquezas e seus desejos”.

consagrados antropólogos na década de 1950, como Marshall Shalins e Raymond Firth, o que acabou por promover convicções acadêmicas entorno das elaborações do antropólogo francês, e de tal maneira, constituindo prolongamentos interpretativos e sedimentações teóricas a partir desse autor.

Situação semelhante se deu com Geertz, que procedeu no rompimento de um *modus* de se pensar a Antropologia. A afirmação de sua antropologia interpretativa não dizia somente à possibilidade de uma outra maneira de se pensar essa Ciência. A face oculta que acreditou evidenciar sobre o “Diário” de Malinowski, indicaria uma interrogação nos discursos de um tipo de antropologia já consolidada. De tal forma, Geertz se tornou reconhecido por renovar a disciplina, angariando o “status” de ser um dos antropólogos mais influentes entre seus pares.

A análise da trajetória da produção das ideias nesses dois autores demonstra como ocorreu o distanciamento das propostas iniciais das formulações que se aproximaram e contestaram, e que, no entanto, em virtude dos estatutos acadêmicos conquistados, tais comentadores, foram e são desmedidamente utilizados sem a devida consulta às fontes materiais das suas discussões, e de outro modo, como não é levado em conta, as discussões que precederam tais fontes.

Assim, o objetivo do artigo não é o de questionar se houve avanço no debate com as bases fundamentais do pensamento antropológico, mas sim, como nessa Ciência certas concepções e procedimentos foram ao longo do tempo se tornando hegemônicos e pautados na construção do crédito dado às certas interpretações.

Nesse sentido, é permitido observar que o *prestígio acadêmico* e os *contextos de debates* são elementos fundantes para a reprodução de certos pontos de vista. O círculo para expansão de ideias se abre ao mesmo tempo em que se tornam periféricas as discussões que o constitui; isso em escala de reprodução global, nos programas de pós-graduação, institutos ou centros de pesquisa, enfim, incorrendo numa crença, ou produção de verdades insuperáveis sobre determinadas análises.

É o que diz Sigaud (2007) de maneira muito precisa quando incorre nos elementos da vida intelectual em centros universitários:

A dinâmica da instauração de uma *doxa* é entretida por essa crença e pelo modo de funcionamento do mundo acadêmico. Nesse mundo, os indivíduos desejam adquirir um “nome”, ser escutados e reconhecidos como membros plenos. A via clássica e menos arriscada para atingir tal objetivo é aliar-se ao *mainstream*, seguir os grandes “nomes”. Em

antropologia, isso se faz sem muitos problemas: basta enquadrar-se em um esquema teórico e assinalar a própria singularidade pelo viés de sua etnografia. Essa abordagem garante, ao mesmo tempo, a escuta dos crentes ao “grande nome” e o reconhecimento como especialista legitimado pelo “trabalho de campo” (um “nome”). (SIGAUD, 2007, p.151).

De outra forma, a citação encerra sobre os elos que promovem segurança, certezas e compartilhamentos, ou seja, o agregar-se, fazer parte de algo, ou do mesmo modo, como já situamos, tornar uma estrutura de pensamento naturalizada.

Tanto em Antropologia como em outras áreas, não é preciso alongar as passadas para fora de departamentos ou escritórios de pesquisa para que isso seja facilmente identificado.

Contudo, no que tange à nossa abordagem, como já foi dito, um movimento equacionado ao de Sigaud (2007), seria um exercício fora das margens da proposta dessa dissertação. Teríamos que abrir espaço para análises de correntes teóricas, interlocutores em níveis globais, encampamentos de ideias, produção e sedimentação de perspectivas realizadas por pesquisadores e teóricos nacionais.

Nosso *alinhamento (ação – acionamento)* se dá pelo viés de *onde se pode apontar a reprodutibilidade de certos modelos de análise*.

Que seja bem entendido, a intenção é abrir campo para o privilégio das narrativas num contexto em que boa parte dos dados, de certa maneira, já foram filtrados e operacionalizados por determinadas formas de abordagem.

Tal ideia ocorreu no contato com entrevistas, cujas prerrogativas não foram categorias de antemão já consolidadas, mas o discurso sobre *vida e trabalho* dos entrevistados, mas um ambiente de onde se pôde ampliar o leque para fora dos entendimentos da dimensão profissional.

Assim, se torna menos controverso nos centrarmos numa discussão contextual da produção em torno da Sociologia do Trabalho, o que talvez possa se ligar “indiretamente” aos questionamentos de Sigaud (2007).

Tal maneira de proceder significa conceber que Sigaud trabalha sobre ação de dois antropólogos e a produção de crenças interpretativas. Em nossa maneira, buscaremos evidenciar de forma sucinta o percurso da Sociologia do Trabalho em seus contextos e, assim, como diversos interesses imbricados a estes acabaram por influenciar alguns modelos de análise.

Para esse empenho, tomaremos inicialmente, os dizeres do antropólogo José Sérgio Leite Lopes, em que o autor de livros como “*O Vapor do Diabo: O Trabalho dos Operários do Açúcar (1976)*”, *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés (1988)*, numa entrevista concedida a revista “*Ideas: Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (2010)*”, oferece em sua fala, direções caras ao encaminhamento que nos referimos, ou seja, a instituição de certos modelos de análise e contextos legitimadores.

Em seu relato, o antropólogo faz uma breve descrição a partir das ideias que traz à pergunta realizada pelas pesquisadoras que gestam a revista, a pergunta está relacionada ao refluxo dos temas na perspectiva do trabalho nos anos de 1990 e as atuais formas de gestão (o que também se conecta ao trabalho rural, concentração dos estudos de Leite Lopes), e por fim, se estende aos âmbitos dos financiamentos para pesquisas.

O que torna a passagem interessante é que ela promove a discussão sobre a abertura do campo denominado “antropologia do trabalho” e aponta para as considerações que faz o antropólogo sobre as bases iniciais de seu campo de pesquisa e os sentidos para a volta de assuntos já tidos como esquecidos. Conforme segue da transcrição:

O “*Actes de la Recherche*” estava interessado nos anos 70 nessa parte de mobilização operária, popular, ou da crítica à dominação sobre esses setores sociais. Depois há um refluxo com as transformações no mundo do trabalho, o declínio do modelo fordista, as transformações tecnológicas, a redução de contingente de trabalho fabril, manual. A formação de novos focos de trabalho como a grande concentração dos “*call centers*”, os serviços de conservação, de limpeza. Há essas transformações do trabalho, e as formas de trabalho manual ficam mais ocultas, e o trabalho considerado de escritório se proletariza. Enfim, entram outros assuntos, outras modas... Ultimamente tem ressurgido a Antropologia Econômica com outra roupagem, uma antropologia da economia que ressurge de forma paralela a uma sociologia econômica que entra na moda, numa sociedade pós-muro de Berlim, dos anos 80, dos anos 90 pra 2000. Há essa grande globalização capitalista, e fica muito evidente o econômico invadindo muitas áreas. Então, a sociologia econômica ganha força, e aí vai buscar mais coisas pelo lado do mercado, menos pelo lado do trabalho ou da produção, que era mais investigada anteriormente, e mais pelo lado do mercado, da moeda, da bolsa, do que pouco ou nunca foi estudado antes, do ponto de vista mais sociológico e antropológico. O trabalho fica menos evidente. Por outro lado, pode ser interessante para nós, que estudamos o trabalho, sairmos da moda, porque também dá problema estudar o que está no auge, na “crista” do interesse. Porque há interesses midiáticos, interesses políticos... Às vezes é mais interessante estar estudando coisas que não estão no foco, numa visibilidade tão grande. Ou quando a coisa não está muito quente, está mais fria, em certo sentido. Agora fica também menos priorizado, ou as

peças valorizam menos, ou acabam dizendo, “não, isso é um assunto velho” (Revista IDEAS, 2010, v. 4, n. 2, p. 582-583).

É importante para o que foi exposto, levar em conta que “*Actes de la Recherche en Sciences Sociales*”, é uma revista de grande reputação nas Ciências Sociais. A revista foi fundada em 1975 por Pierre Bourdieu e um grupo de pesquisadores do Centro de Sociologia Europeia. Nela se reúne a produção de uma vasta rede internacional de pesquisadores, apresentando os resultados de pesquisas concluídas ou em andamento, na Sociologia e disciplinas afins (História Social, Sociolinguística, Economia Política, etc). Portanto, a referência do antropólogo se dá sob um marco considerável.

Entendemos que a descrição feita por Leite Lopes, evidencia os movimentos acadêmicos e contradições da construção de conceitos que fundamentalmente necessitam de bases mais profundas para envergadura dos temas que dialogam.

Nesse sentido, para que efetueemos um mapeamento aproximado ao enfoque dado pelo antropólogo, o tráfego de nossa discussão deve seguir para os *contextos* da produção teórica e empírica da Sociologia do Trabalho. Assim, nossa exposição se utilizará dos argumentos do artigo “*Desafios atuais da sociologia do trabalho na América Latina: Algumas hipóteses para discussão*” produzido pela socióloga e diretora do escritório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) no Brasil, Laís Abramo⁶.

O artigo apresentado em 1999 ao Seminário Internacional “Los retos teóricos de los estudios del trabajo hacia el siglo XXI”, organizado pelo Grupo de Trabalho: “Trabajo, sujetos y organizaciones laborales” do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) e pela Universidade Autónoma de Aguascalientes, México, entre 7 e 8 de outubro de 1999⁷, é de grande eficiência para essa discussão.

Cabe a ressalva de que nossa opção não é aleatória, e nosso ponto interesse pelo texto se deu a partir do termo que a autora utiliza ao considerar a Sociologia do Trabalho na América Latina como uma “*sociologia militante*”. Esse nexo interliga nossas considerações anteriores.

⁶ Devemos considerar que uma discussão muito próxima a de Abramo (1999) é realizada pela também socióloga Nadya Araujo Guimarães (2004), em “Caminhos Cruzados: Estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores”, em sua parte primeira, “Construindo o Objeto”, a cerca do capítulo 1 (um), “A Sociologia do Trabalho Industrial no Brasil”.

⁷ Mesmo que isso não fora abordado pela autora, a abrangência “América-Latina” é possível através do diálogo acadêmico entre pesquisadores, das identidades de formação sócio-históricas e os processos político-econômicos em que esteve subordinada à “territorialidade”.

A classificação que a socióloga buscou imprimir não sugere uma militância em termos partidários, identitário ou teórica, mas no sentido dos temas que em certos períodos a marcaram, bem como, pelos desafios e embates colocados pelos atores sociais e políticos no âmbito geral da sociedade nesses momentos.

A partir dessa constatação, Abramo (1999) diz que é possível identificar uma “pergunta central” em cada uma das grandes etapas de desenvolvimento da disciplina. Dessa maneira, a caracterização do tipo de pergunta que se realizava em determinado momento, permite compreender o que sobredeterminava as pesquisas em termos empíricos e teóricos.

O sentido que a autora dá para o termo “pergunta central” é tido menos por “um movimento próprio de evolução da disciplina e muito mais, pela sua capacidade de perceber e dar corpo a uma questão que era social e politicamente relevante” (ABRAMO, 1999, p.01).

A nosso ver, não basta compreender que existam pontos positivos nesse proceder, é inegável que o empenho seja fundamental, principalmente em vista dos estudos e posturas mais críticas aos *desmontes sociais* que foram gestados principalmente nos anos de 1990 na América Latina.

Nesse sentido, não estamos nos colocando sobre a capacidade de uma disciplina sociológica em dar respostas, é preciso ter em mente o que bem colocou o sociólogo e cientista político Lúcio Kowarick em seu “Escritos Urbanos”, publicado em 2000. Segundo este pesquisador:

Sem ser exaustivo, podem-se mencionar as escolas e tradições de pensamento científico ou capacidade de entidades públicas e privadas em formular e implementar projetos; grande peso também têm as conjunturas políticas e os interesses econômicos, o debate ideológico, que em muito se alimenta da migração de ideias e dos modismos intelectuais. Isto para não falar das prioridades das fontes de financiamento. Enfim, há um conjunto variado e diverso de fatores de cunho nacional e internacional que acaba por priorizar objetos e objetivos de pesquisa em detrimento de outros. De toda forma, o surgimento de um tema constitui processos complexos que reside em selecionar uma multiplicidade de objetos empíricos e transformá-los em objetos de estudo. Isto supõe, pelo menos, construir, adaptar ou importar um discurso científico, cujas perguntas e explicações adquiram credibilidade intelectual, reconhecimento social e uma base institucional para seu funcionamento. (KOWARICK, 2000, p.118).

Considerando o que fora citado, podemos então, de forma mais concreta, seguir nos posicionamentos sobre os elementos da perspectiva de Abramo (1999).

No momento em que a autora sinaliza para recortes temporais e contextuais para situar os tipos de argumentos em cada período de desenvolvimento da Sociologia do Trabalho na América Latina, necessariamente ela incorre em certa generalização, ou seja, considera eixos temáticos e seus respectivos períodos, isso é viável para o pressuposto do termo “militante” que utiliza.

Abramo (1999) observa que houve três grandes etapas fundamentais que marcaram o desenvolvimento da Sociologia do Trabalho latino-americana. A primeira etapa tem seu início nos anos de 1950 e segue até o final dos anos de 1960, em que os temas se dão a partir da chamada era da modernização, ou seja, a passagem de uma sociedade agrária e tradicional para uma sociedade urbana e industrial.

De acordo com a socióloga, o que estava em voga naquele momento, era discussão sobre as condições de emergência de uma classe trabalhadora “adequada” a esse processo de modernização. Para a autora, as bases epistemológicas dessas discussões eram marcadas predominantemente pelas abordagens da economia do desenvolvimento.

No que se refere a uma segunda fase, que se inicia nos anos de 1980, os temas centrais emergiam da polaridade entre democracia e ditadura. Os debates fundamentais se encontravam na possibilidade de reconstrução da classe trabalhadora no sentido da organização sindical.

Neste período, a organização dos trabalhadores em sindicatos ou partidos era fortemente fragmentada pelos processos políticos e sociais dos regimes militares, de tal forma, que essa questão influenciou uma envergadura de resgate da perspectiva dos sujeitos, proporcionando à disciplina tomar bastante contato com as formulações no âmbito da história, ciência política e abordagens sociológicas relacionadas aos movimentos sociais.

Uma terceira etapa, esta que podemos afirmar ter criado as ramificações que até hoje são presentes nas abordagens da Sociologia do Trabalho, se deu no início dos anos de 1990, em que o centro da discussão era a crise entre taylorismo/fordismo e os novos modelos gerenciais, os ajustamentos das empresas às dinâmicas estruturais da mundialização da economia e seus impactos no mundo do trabalho.

Abramo observa que essa última trajetória esteve marcada por um movimento teórico e metodológico complexo, no qual foram transformando e superpondo-se distintos

níveis de análise e diferentes diálogos multidisciplinares. O sentido metodológico naquele momento foi aprofundar o que já se discutia anteriormente, buscando um exame mais apurado sobre os processos de trabalho, abrindo dessa maneira, diálogo com disciplinas como a Antropologia e a Engenharia Industrial (ABRAMO, 1999, p.01).

Por outro lado, há que se ressaltar que nesse período também se deu o surgimento e fortalecimento de uma vertente focada no “*management*”, ou seja, nos critérios da administração e gerência. Por essa perspectiva, se dava uma nova subordinação aos eixos economicistas e a desapareção dos sujeitos.

Vista essa separação contextual e, novamente voltando os olhos para a consideração: “*perceber e dar corpo a uma questão que era social e politicamente relevante*”, o que se verifica é que a produção acadêmica da Sociologia do Trabalho sempre se manteve no desafio de dar respostas às transformações e contradições inerentes ao contexto que se inseria. Contudo, esse posicionamento não a manteve isenta de crises em relação às perspectivas teóricas e modelos de análises adotados. Notadamente, tais crises não emergem somente das dinâmicas dos contextos sociais, mas também são inerentes ao comportamento do mundo acadêmico, como já considerado em Kowarick (2000).

Nestes termos, para Abramo (1999), a década de 1990 foi paradigmática na exigência de novas formas de abordagem, já que se acentuava uma forte crise sobre o mundo do trabalho em que muitos teóricos ou apologetas preconizavam ou admitiam seu fim, ou mesmo, se questionava desse ponto, a capacidade de a classe trabalhadora portar o real poder de intervenção social. Tão logo, a consideração da socióloga se torna precisa:

Questiona-se a atualidade do trabalho enquanto instância basicamente constitutiva da sociedade moderna (assim como da identidade dos indivíduos e grupos sociais que lhe são característicos), e, portanto, sua permanência enquanto um conceito sociológico chave para compreensão dessa sociedade e dessas identidades (ABRAMO, 1999, p.02).

Partindo da consideração da permanência do trabalho enquanto conceito chave dentre as práticas e produção teórica, Abramo (1999), situa que houve aquelas de grande esforço intelectual e político para viabilizar e resgatar o que corria o risco de ser obscurecido, ou seja, as múltiplas realidades do mundo do trabalho que emergiam no contexto do que recebeu o nome de *reestruturação produtiva* e as possibilidades de

“constituição dos sujeitos coletivos” e práticas socialmente relevantes, no que tangem ao poder de negociação e regulação das realidades do trabalho frente a esse novo contexto.

Essa questão se torna importante, pois aí está considerada a *categoria trabalho* nos contextos das economias tidas como de desenvolvimentos dependentes, o que situa múltiplos e complexos processos históricos dessas sociedades, como é o caso da América Latina. No entanto, há que se levar em consideração que o proceder de mudanças também envolveu políticas macroeconômicas fortemente fundadas nos discursos acadêmicos exógenos. Este último sentido pode ser visto na observação da autora:

É essa segunda tendência que se expressava na preocupação renovada com o estudo do que ocorre com o trabalho e os trabalhadores na América Latina, frente ao processo de globalização e transformação produtiva, no interior das empresas, ao longo das cadeias produtivas, no conjunto do mercado de trabalho, nos sindicatos (para citar apenas algumas das dimensões que vem sendo consideradas). Expressa-se também na tentativa sistemática de entender e discutir os avanços e dificuldades, limitações e possibilidades da disciplina nesse contexto. (ABRAMO, 1999, p.02).

Tal logo, diante dessas considerações e pelo o esforço do embate naquele período, é passível de se entender que as tendências das abordagens continuem sendo sobredeterminadas por temas como mundialização econômica, ditames do capital financeiro nas economias nacionais, ajustes macroeconômicos, releituras sobre os posicionamentos políticos econômicos das economias nacionais em relação ao capital internacional, apreensão de complexos de reestruturações produtivas, quantificações em relação às formas precárias do emprego, análises de processos de precarização do trabalho e estatutos salariais nos setores dinâmicos da economia ou de proeminência econômica, e, apontamentos críticos às questões normativas à legislação trabalhista.

Por outras palavras, as margens dessas interpretações, na maioria das vezes, se fazem *pari-passu* com o enfrentamento das posturas ideológicas que lhes são antagônicas, ou seja, atuam na desconstrução discursiva do que surge nas tentativas de obscurecimento do trabalho e dos trabalhadores como problemas teóricos relevantes. Porém, indiretamente, pode-se aí incorrer em certos riscos.

É cabida a preocupação de Abramo (1999) sobre a necessidade de se afirmar as perspectivas propriamente sociológicas aos temas abordados. O sentido dessa postura se relaciona a evitar, não as tentativas multidisciplinares, mas a subordinação das pesquisas

no âmbito da Sociologia do Trabalho aos determinismos dos enfoques economicistas, da engenharia de produção, da administração e teorias do “*management*”.

Para a autora, o apontamento sugere que o estudo sociológico sobre o trabalho e os trabalhadores tenham como objetivo fundamental o desvendamento das realidades do mundo da produção e a elucidação dos os processos de produção e reprodução da sociedade. É inerente a tal postura, o resgate de autores clássicos da Sociologia, em que o trabalho é o *locus* principal de constituição das relações sociais em seu sentido amplo, e de tal maneira, “uma categoria sociológica chave para entender não apenas o mundo da produção, como também a própria sociedade”. (ABRAMO, 1999, p.03).

De outra forma, significa descobrir e visibilizar relações sociais que estão configurando-se ou reconfigurando-se a partir dos processos de transformação que incorreram já nos idos anos de 1990.

No que segue em Abramo (1999), outras questões se tornam urgentes, como uma visão mais complexa da classe trabalhadora considerando sua heterogeneidade e diversidade, ou a articulação entre processo de trabalho e mercado de trabalho.

Mas, para viabilizar a presente discussão, no sentido das dificuldades sobre um campo, onde as narrativas de vida e trabalho possam ser incorporadas como elementos que figurem em importância maior de discussão; ressaltaremos dois últimos pontos em Abramo (1999), e assim partiremos para uma discussão seguinte.

Conforme o que fora apontado, o caráter “militante” da Sociologia do Trabalho latino-americana, termo este que também poderíamos sustentar como coerência analítica, permitiu que essa área do conhecimento aprofundasse em certas temáticas e conseguisse desvendar o aparato conceitual e político das ações que visavam proceder na diluição da categoria “trabalho” como conceito sociológico fundamental e, conseqüentemente, dos resultados fragmentadores que emergiram desses processos para totalidade social.

De certo modo, também houve uma grande preocupação com os determinismos tecnológicos e economicistas e com o resgate dos sujeitos da transformação tecnológica e produtiva. Assim, se buscou o entendimento concreto desses processos que se expressava nos estudos sobre os impactos sociais (fundamentalmente sobre o emprego e o trabalho) da introdução de novas tecnologias de base microeletrônica e estratégias empresariais e sindicais frente ao processo de modernização, ou no que se refere o termo “resistência” dos trabalhadores aos processos de automatização. (ABRAMO, 1999, p.03).

Contudo, essa importância acabou, segundo os argumentos de Abramo (1999), padecendo de certo ‘tecnicismo’. A nosso ver, tecnicismo abrange a necessidade de se afirmar frente aos discursos da economia, da engenharia ou administração de empresas. Esse tipo de operacionalização proporcionou através do “*modus*” militante da disciplina, uma tendência de produção acadêmica que se constituiu numa maneira legítima e hegemônica nos círculos e hierarquias dos discursos.

Por outro lado, outro fato proveniente desses mesmos contextos deve ser localizado: as exigências sobre a produtividade na academia se tornaram em regra, matéria de tormentos e desilusão de muitos pesquisadores nas “Ciências Humanas”, justamente pelo fato de que o termo produtividade admite uma lógica cuja outra face sugere reproduzibilidade. Cabe perguntar se o que acontece com a construção de ideias tem a ver com a reprodução institucional ou, se ela deve ser entendida como matéria viva.

Uma resposta simples talvez se torne mais plausível. De maneira geral, nesse meio, concorrência e competição são atributos sintomáticos que se infiltram pelas próprias circunstâncias do trabalho científico, foi o que vimos a partir da discussão sobre o artigo de Lygia Sigaud (2007).

De outro modo, não é preciso ir a fontes teóricas amplas ou em estudos empíricos pormenorizados para se ter a ideia de que produtividade e o tempo que essa engendra dentro das universidades são grandes dificultadores para o exercício pleno de ciências como a Sociologia, ou seja, o exercício intelectual não possui mesmo ritmo que o industrial, ou mesmo suas leis de estruturação são diferentes da química, da física ou estatística, amplamente utilizados pela lógica de produção e reprodução capitalista.

Assim, acreditamos que a reprodução tecnicista posta por Abramo (1999), denota em tendências de “regionalização” dos sentidos do trabalho, que opera muito mais através de categorias hegemônicas da produção científica do que propriamente sobre o que se considera como o entendimento “nativo”.

Isso por dois vieses, o primeiro pelo condicionamento categorial, que permite encaixes no exercício da análise empírica, e outro no sentido da arguição, ponto inicial de onde um trabalho possa ser ouvido.

Regionalizar significa, em sua prática, classificar elementos e agrupá-los em determinada ordem. Se pusermos o olhar em diversos trabalhos que visam a abordar de forma empírica experiências de trabalhadores em diversos ramos ou setores econômicos, podemos sustentar que esses elementos de classificação se apresentam de formas muito

parecidas. No caso de pesquisas que abordam o trabalho bancário geralmente se podem observar:

- . Reestruturação capitalista e capital financeiro;
- . Mudanças e reformas legislativas e normativas do sistema financeiro nacional;
- . Reestruturação dos processos de trabalho;
- . Análise institucional;
- . Questões heterogêneas (geração, sexo, descendência étnica);
- . Saúde;
- . Relações sindicais;
- . Formas de resistência dos trabalhadores.

Sem dizer sobre “didáticas” discussões em torno do que é *trabalho*, e derivações categoriais de seu sentido na atualidade.

Esses entendimentos são inevitáveis e pertinentes e buscam sempre aprofundar os debates. Mas, o quanto tal modo interpretativo em *ação simultânea*, ou no mesmo sentido, em *sobreposições gradativas* podem obscurecer o sentido de uma narrativa de vida e trabalho?

Entendemos que, o que é criado em muitos casos são modelos opositivos que de tal maneira permitem ordenar as estatísticas, índices e os mais diversos indicadores quantitativos. Assim, se ganha na positividade das abordagens, mas se perdem, de outro modo, as disposições mais sutis. De outra forma, incorre-se na equiparação em níveis produtivos de outras ciências que há tempos estão envolvidas nos interesses capitalistas.

De tal maneira, o recurso que se engendra muitas vezes sobre os termos técnico-teóricos que incidem sobre categorias profissionais ou contingentes de trabalhadores nos devidos recortes espaço/tempo é a ideia da *tipicidade*. Sua reprodução sem a consulta às fontes primárias, no nosso caso, as narrativas, pode gerar delimitações e até mesmo restrições.

Nesse eixo, outra pergunta válida sobre esses aspectos é dizer, “*que é qualificação para o trabalho?*”.

Desmontar o discurso empresarial é uma possibilidade e uma crítica fundamental, justamente pelas sedimentações no âmbito educacional que marcaram ao menos duas gerações desde 1980 no Brasil, mas para o discurso de um trabalhador(a) comum sobressaem-se outras questões.

Ficar em pé por horas, suportar todo tipo de pressão, salários baixos, intrigas, ameaças, assédios de diversas ordens, exige uma qualificação não recomendada normativamente, que só é possível de ser apreendida quando se tangem os âmbitos da experiência de vida sob a noção daquilo que seja os ambientes de uma “cultura de classe”.

Novamente frisamos que nossa discussão não se dá a partir do sentido da qualidade dos trabalhos, dos interesses ou aspectos pessoais em realizá-los, ou mesmo de empenho coletivo em manter fundamentalmente uma categoria heurística de entendimento da sociedade, falamos tão somente da possibilidade de reprodução de certos “*modus*” que nos sinalizou como dificuldade no trato com narrativas de vida e trabalho.

Consideramos que para se obter um campo em que as narrativas de vida e trabalho figurem em importância e não como “estoques” de entrevistas ou sistemas de amortecimento conceitual, devemos incorrer numa articulação com histórias cotidianas que só são possíveis de serem apreendidas por meio de um diálogo proximal e, certamente, por meio de noções globais; ou seja, as formas de dominação e exploração do trabalho vivo e como elas se dão sob concepções dos trabalhadores em seu cotidiano.

De tal modo, o que se evita é que por meio de uma exclusão por derivação, nesse sentido, uma *ação simultânea* de uma carga de categorias de análise, retirar a propriedade das narrativas de fazer entender como a classe trabalhadora foi envolvida nesses processos.

De outra forma a se dizer, talvez seja esta menos precisa:

É dever estar alerta a certos movimentos, feito aqueles dos tratores, que em sua insubestimável potência, cruzam robustos as ruas dos roçados, fazem o trabalho de 50 homens, mas estão impedidos por seus eixos, suas rodas e estrutura mecânica adentrarem os solos acidentados, os declives, as curvas sem saídas e jazem como problemas do “agrobusiness”.

Nesse sentido, é conveniente para a lassidão dos altos negócios esquecer que são justamente nesses solos acidentados e nas curvas sem saída, que adentram os pés, as mãos, as colunas vertebrais e todo aparato que leva um ser a não esmagar, mas a colher um pomo. Ainda sim, esquecer que esse mesmo ser, a ponto de amedrontrar historicamente uma classe com seu conhecimento de vida, dirá : “ Pronto Patrão! Aqui está o trabalho!”

CAPÍTULO I – Categorias de fundamento na perspectiva das narrativas

O capítulo que segue tem como interesse apresentar discussões em torno das principais categorias que envolvem e sobressaem das narrativas em nossa exposição. Isso não significa um movimento estanque, mas sim o de proporcionar a visita a alguns fundamentos para que fiquem fluidos na leitura dos próximos capítulos, ou seja, partiremos de uma visão geral dos termos para seu compartilhamento e refinamento nos sentidos e particularidades das falas dos trabalhadores.

Com certeza, a escolha das categorias como “experiência”, “precarização e precariedade do trabalho” e, “antigo e novo trabalhador bancário”, não são capazes de dar conta do todo da proposta, mas são eixos fundamentais ao leitor no ir e vir de ideias sempre presentes nas narrativas.

1 Experiência

A categoria experiência, tal como temos nos referido, diz respeito aos argumentos do historiador inglês Edward Palmer Thompson.

Existem controvérsias em torno das elaborações de Thompson sobre a conceitualização do termo experiência, geralmente, elas se apresentam como críticas que se pautam nas formas de abordagem e concepção que fez o historiador sobre “classes sociais” e “experiência”, que no âmbito de sua obra, são termos que não estão dissociados.

Algumas críticas sugerem que na abordagem de Thompson exista uma espécie de voluntarismo, presente no conceito de “classe social” e uma larga ênfase dada à cultura (conceitos de junção) em termos de “experiência”.

Dentre autores que realizam apontamentos críticos a Thompson, para se referir somente à “filiação marxista”, pode-se considerar Perry Anderson, Stuart Hall e Richard Jhonson⁸.

Mas não será a partir das críticas que realizaremos a afirmação dos conceitos em Thompson, nos direcionaremos especificamente às noções sobre experiência envolvidas em textos como “*A Formação da Classe Operária Inglesa*”, obra que compreende três

⁸ Nesse sentido ver, Cláudio H. M. Batalha: *Thompson diante de Marx*, 2000. In: A obra teórica de Marx: atualidades, problemas e interpretações. Ed. Xamã, 2000.

volumes, publicados em 1963 e, principalmente em “*A Miséria da teoria, ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*” de 1977.

Compreendendo o que foi considerado anteriormente, nos remeteremos ao que escreveu o autor no prefácio de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, no seu volume I – *A árvore da liberdade*. Para Thompson:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe (THOMPSON, 1987, p.10).

Se partirmos dessa formulação, tem-se que a categoria experiência se exprime como meio articulador entre relações de produção e consciência de classe, ou entre ser social e consciência social, porém, como ressaltou Claudio H. M. Batalha:

(...) se nada existe fora da experiência, não podem existir – a não ser como estruturas abstratas – modos de produção, mas sim relações de produção efetivas vivenciadas em formações sociais concretas. E se a experiência é elaborada sobre o vivido não pode ser distinguida da consciência social. (BATALHA, 2000, p.197)

Batalha (2000) considera que de certa forma o próprio Thompson admitiu, em partes, no seu ‘*Miséria da teoria*’ que essa articulação corria o risco de funcionar como um meio que totaliza ou engloba outros termos com que articula.

Nesse sentido, o historiador definiu dois elementos aparentemente distintos sobre o conceito de experiência; para colocá-los em coerência, acabou estabelecendo o que denominou como *elementos de junção* entre o ser social e a consciência social, ou seja, o que se dá entre a “experiência vivida” e “experiência percebida”. Dessa forma, o autor considera que a primeira é resultante de causas materiais que não refletem automaticamente na segunda, mas acaba exercendo certa pressão sobre esta.

Em tal hipótese, a “experiência vivida” não conduziria o indivíduo ou um grupo à ação, mas somente a experiência percebida tem a premissa da ação coletiva e, por conseguinte, a de conceber uma consciência de classe. Contudo, a dualidade dessa perspectiva é apenas aparente, uma vez que os dois tipos de experiência são inseparáveis.

Assim, não existe o segundo tipo de experiência sem que exista o primeiro (BATALHA, 2009, p.197).

De forma mais aprofundada, podemos dizer que Thompson considera que as regularidades no interior do ser social, com frequência, resultam de causas materiais que ocorrem de forma independente da consciência ou da intencionalidade, no entanto, a pressão dessas causas sobre a totalidade do campo da consciência não pode ser adiada, falsificada ou suprimida indefinidamente pela ideologia. (MORAES, MÜLLER, 2003, p.342).

Para o autor, a experiência vivida está em eterna fricção com o que se impõe ou é imposto, quando ela irrompe, se pode experienciar momentos de abertura, antes que mais uma vez estes possam ser contornados ou remodelados a gosto de uma ideologia dominante.

Como indica o autor, a experiência “entra sem bater na porta”, e se de tal maneira existem possibilidades de abertura, acreditamos que estas não se pautam exclusivamente com as fronteiras ou limites do que é dado somente no presente. A experiência percebida exige coerência, o que indica uma relação entre presente e passado, não significando apegos culturalistas ou negação das determinações materiais do agora.

Nesse sentido, há uma passagem interessante em “A Miséria da Teoria”, onde Thompson comenta sobre a analogia feita por Engels entre Darwin e Marx⁹.

O historiador lembra que a teoria Darwiniana sobre a transmutação hipotética das espécies que até então eram vistas como fixas e imutáveis, por muito tempo continuou no escuro enquanto não surgiram os meios genéticos reais dessa transmissão e transmutação, através dos quais se pode comprová-la.

De modo semelhante, as hipóteses lançadas por Marx numa compreensão materialista histórica carecem ou ficaram sem sua genética própria, entre um modo de produção e processo histórico, revelando assim a necessidade de saber como isso se faria¹⁰.

O que Thompson oferece como saída está no que define como termo ausente: a experiência humana. Segundo o autor:

⁹ Restringiremos-nos apenas aos comentários e análise feita por Thompson (1981).

¹⁰ O sentido dessa questão está na crítica que Thompson (1981) realizou sobre as construções conceituais engessadas e religiosamente ligadas a uma teoria maior, ou a ortodoxia posta sobre conceitos da teoria marxiana.

O que descobrimos (em minha opinião) está num termo que falta: “experiência humana” (...). Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através de estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p. 182).

Em termos da prática ou exercício de compreensão da *categoria experiência* e realização desse procedimento, Thompson faz uma aproximação mais concreta:

E quanto à “experiência” fomos levados a examinar todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão (...): parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias – tudo que, em sua totalidade, compreende a genética de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem em todos, num certo ponto na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de *classe* peculiares) sua pressão sobre o conjunto. (THOMPSON, 1981, p. 189).

Dessa maneira, retornando aos nossos eixos de análise, o que nos leva a admitir a categoria experiência nos moldes de Thompson, é que esta, de maneira contrária aos modelos estáticos que acabam emperrando a percepção das dinâmicas que se dão entre determinações estruturais e processos sociais, possibilita ver a relação entre ser social e consciência social de forma dialética e não meramente como uma reprodução mecânica. O trecho que iremos tomar em seguida pode muito bem demonstrar essa questão.

Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p. 189).

Neste sentido, para fazer-se uma consideração global sobre as categorias que estamos utilizando ou ainda iremos nos servir de forma não tão convencional (como se

fizéssemos um influxo para aderir nosso “objeto” fundamental a um processo de grande escala), é preciso considerar as experiências das narrativas conectadas entre si, e nesses termos, buscando evidenciar um processo de desmonte no tempo cuja intenção é não possibilitar momentos de abertura, este último só possível por meio de experiências num tempo largo, ou de longo prazo em regularidades diante de uma condição.

a) Um adendo: Contemporânea pobreza e experiência.

Tomados elementos conceituais em Thompson, acreditamos que narrativas de vida e trabalho podem suscitar uma condição convergente no sentido de um encontro no tempo entre gerações, porém, as experiências das quais se desdobram podem se opor no sentido da percepção.

Richard Sennet exemplifica essa condição em *“A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo (2009)”*. O que está implicado em sua discussão é a capacidade de transmissão das experiências e a própria ideia de história dos grupos subalternos¹¹ em sua diversidade.

Tal situação incorre nos *modos de se ter no mundo* e como as condições sociometabólicas da expansão do capital envolvem, desagregam e aprofundam o abismo no qual está inserida a classe trabalhadora. Walter Benjamin e Antônio Gramsci, de forma muito eficaz nas décadas iniciais do século XX, já abordavam e aprofundavam tais nexos.

Contudo, quando utilizamos o termo experiência, podemos ver pela abordagem do historiador E. P. Thompson (1981), que seu significado categorial enquanto *experiência vivida* e *experiência percebida* admitem dimensões do passado que persistem e resistem à dissolução no presente.

Nesse sentido, a categoria experiência, é “uma categoria que por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”. (THOMPSON, 1981, p.15).

Assim, entendemos que para uma compreensão mais ampla para o uso do termo experiência, outros elementos devem ser levantados, como *contemporaneidade*, *tensão* e

¹¹ Ao utilizarmos o conceito “subalterno” nos referimos à sua concepção em Gramsci, que será apontada adiante.

alteridade, esses são termos fundamentais à proposta que intencionamos anteriormente em relação às narrativas coletadas durante a pesquisa.

b) Contemporaneidade

Podemos então considerar que numa primeira ideia, quando num trabalho acadêmico se realiza um recorte temporal é que ele deva remeter a certas comparações, mesmo quando se diz sobre um tempo longínquo, pois esse traz à tona a pergunta: “como estamos qualitativamente?”.

Inevitável que o tempo cronológico, próprio da racionalidade que nos situa, dê cadência a essa marcha irrelutável, mas existe um termo tão mais complexo nesse jogo temporal que pode mesmo se assemelhar a uma introversão (um desvio para dentro), assim se dá quando se utiliza o termo “contemporâneo”.

É complexo porque remete a ser e estar no mundo e, introvertido, pois sua generalização, certamente não se completa quando se situa gerações, grupos caracterizados como distintos e, de certo modo, quando se colocam em perspectiva noções de classes sociais.

Neste sentido, consideramos que o termo exige um aprofundamento. Quando nos referimos sobre “contemporânea pobreza e experiência”, a intencionalidade é dada pela ideia de buscar uma conexão com os questionamentos de Walter Benjamin em seu ensaio “Experiência e pobreza”, e os significados que estes têm com a atualidade, ou seja, especular porque eles nos parecem ser tão *contemporâneos*. Contudo, isso não significa a intenção de debater também a ideia de experiência do mesmo autor.

O citado ensaio, escrito em 1933, tem em seu início o seguinte conjunto de perguntas:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1996, p. 114).

Parece-nos ser um tanto fácil pensar, “*como é atual esse questionamento!*” Mas as coisas não ficam tranquilas se nos perguntarmos o porquê de usar o termo *atual*. Sejamos menos categoriais. Se esse conjunto de perguntas não gerasse certa angústia, poderia-se

desprezar o fato de que neles, o passado e o presente estão em confluência. A nosso ver, o trecho destacado oferece questionamentos sobre as pegadas ou o rastro do que chamamos de atual, ou então, sua expressão. Procederemos então sobre algumas pistas.

c) Algumas pistas

Apague as pegadas

(Poemas de um manual para habitantes das cidades, 1926 -1936, Bertold Brecht)

*Separe-se de seus amigos na estação
De manhã vá à cidade com o casaco abotoado
Procure alojamento, e quando seu camarada bater:
Não, oh, não abra a porta
Mas sim
Apague as pegadas!*

*Se encontrar seus pais na cidade de Hamburgo ou em outro lugar
Passe por eles como um estranho, vire a esquina, não os conheça
Abaixe sobre o rosto o chapéu que lhes deram
Não, oh, não mostre seu rosto
Mas sim
Apague as pegadas!*

*Coma a carne que aí está. Não poupe.
Entre em qualquer casa quando chover, sente em qualquer cadeira
Mas não permaneça sentado. E não esqueça seu chapéu.
Estou lhe dizendo:
Apague as pegadas!*

*O que você disser, não diga duas vezes.
Encontrando seu pensamento em outra pessoa: negue-o.
Quem não escreveu sua assinatura, quem não deixou retrato
Quem não estava presente, quem nada falou
Como poderão apanhá-lo?
Apague as pegadas*

*Cuide, quando pensar em morrer
Para que não haja sepultura revelando onde jaz
Com uma clara inscrição que o denuncie
E o ano de sua morte que o entregue
Mais uma vez:
Apague as pegadas!*

(Assim me foi ensinado.)

Pode parecer estranho nos referirmos a uma questão que deveria possuir mais um caráter metodológico do que apontamentos, ou mesmo, que busquemos pistas em um poema que insinua exatamente o contrário. Mas assim é que iniciaremos o contorno dessa abordagem pelo o que escreveu Bertold Brecht no mesmo período de Walter Benjamin, no poema **Apague as Pegadas** (1926-33).

O dramaturgo e poeta alemão, íntimo de Walter Benjamin, na quarta estrofe desse poema fora incisivo: “*O que você disser, não diga duas vezes*”. O tom “irônico” que o poema conserva pode ser considerado um receptáculo para atualidade, pois, demonstra a postura de quem está a esconder ou a todo o momento fugindo do que possa vir a se tornar uma trajetória (a ideia de pegadas ou rastro).

“Apague as pegadas!”, é um aconselhamento sobre um modo de ser, e sugere se transfigurar *intempestivamente* como a retirada de um véu, um acerto de contas, ou uma tomada de posição em relação ao presente. Mais que irônico, o poema de Brecht parece ter sido um tiro de longo alcance.

Porém, nosso ponto de partida se dá pela discussão dos usos do termo contemporâneo.

Encontramos no ensaio “O que é contemporâneo”, do filósofo italiano Giorgio Agamben, a indicação personalizada para o termo. Para o autor, “*pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este*” (AGAMBEN, p.58, 2009). Acreditamos que algumas relações então podem ser traçadas em razão de Brecht.

Compreendemos pelas palavras de Agamben que não coincidir perfeitamente com seu tempo não postula estar à revelia, ou ter para si algum tipo de nostalgia. Não coincidir está próximo ao inadequado, fora do elo discursivo que engendra consentimentos, é o intempestivo por assim estar.

No texto, o filósofo toma como referência o poema de Ossip Mandel’Stam¹², escrito em 1923 e intitulado naquela tradução como “O Século”¹³. Ali entendemos que

¹² Poeta russo de importante influência literária em seu contexto e época. Nasceu em Varsóvia 1891, faleceu prisioneiro do Regime Stalinista em 1938. Foi preso ao publicar o poema “Epigrama de Stalin”. Existe um livro publicado pela Ed. 34 em 2000 - “O Rumor do Tempo e viagem à Armênia” - os poemas são de tradução de Paulo Bezerra – Livre docente da Universidade Federal Fluminense.

¹³ Conforme tradutor, Vinícius Nicastro Honesko, “a tradução é feita diretamente do texto italiano apresentado por Agamben na edição italiana de “Che cos’ é Il contemporâneo?” Existe uma tradução do russo para o Português realizada pelo poeta Haroldo de Campos - Poesia Russa Moderna, Ed. Brasiliense, 1987. Na tradução de Haroldo de Campos o poema é intitulado “A Era”.

trechos do poema são tomados em dois movimentos referenciais: um, como ilustração, e o outro como metáfora aos argumentos do filósofo. Sua utilização sugere uma forma eficaz para exprimir, não a interioridade, mas o que está dentro¹⁴ de movimentos dilaceradores, se aí empreendermos seus significados à atualidade. Nesse sentido, como adverte Agamben, *século*¹⁵ também significa o tempo da vida do indivíduo.

“Meu século, minha fera, quem poderá
olhar-te dentro dos olhos
e soldar com seu sangue
as vértebras de dois séculos?”

No decorrer do ensaio, Agamben aponta para outras definições possíveis sobre o que é, e o que é ser *contemporâneo*. Dentre elas, gostaríamos de considerar aquela em que contemporâneo remete a **manter fixo o olhar em nosso tempo**, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Como suscita: “*Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros*”. (AGAMBEN, 2009, p.62).

Imediatamente, a atenção se volta para o uso do termo “obscuro”, o que também é uma preocupação para Agamben na construção de seus argumentos. A obscuridade para o autor não se dá como uma experiência inerte e anônima. A obscuridade do *presente* e, se pudermos estender para o termo *cotidiano*, não é impenetrável.

Nesse sentido, Agamben utiliza-se de um recurso comparativo ao se referir a dois exemplos entorno de uma ideia de escuro¹⁶, o que auxilia o leitor na representação dessa permeabilidade. Como bem lembrou, o escuro não se dá como a ausência de luz, mas como uma produção. Acharmos necessário expor a exemplificação para que essa intenção seja mais bem compreendida.

¹⁴ Aqui nos posicionamos através de Walter Benjamin sobre o conceito *novo e positivo* de “barbárie”: “*Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência?*”. Resulta em iniciar com pouco e para frente, sem olhar para os lados. Pouco, ao nosso entender, é uma tomada de posição e dali se parte. Como no exemplo dado por Benjamin sobre a arte de Paul Klee, que inspirado na matemática e na engenharia, tem na perspectiva de um novo conceito estético, a própria reconstrução do mundo. Tal como um engenheiro que imagina um bom automóvel, suas figuras tendem a obedecer à necessidade interna de um novo conceito, assim como num bom automóvel, a carroceria obedece à necessidade interna do motor. Conforme Benjamin: “*a expressão fisionômica dessas figuras obedece ao que está dentro. Ao que está dentro, e não à interioridade: é por isso que elas são bárbaras*”. (BENJAMIN, 1996, p.116). É a essa obediência interna que observamos nos usos de Mandel’stan, uma necessidade de construção em Agamben (2009).

¹⁵ Do latim *saeculum*, originalmente tempo da vida (AGAMBEN, 2009, p.60).

¹⁶ Obscuridade, sinônimo de escuridão, turvação, seu antônimo: transparência. Obscuro – triste, sombrio.

O primeiro exemplo trata da forma como o escuro é concebido fisiologicamente no corpo orgânico do homem:

Os neurofisiologistas nos dizem que a ausência de luz desinibe uma série de células periféricas da retina, ditas precisamente *off-cells*, que entram em atividade e produzem aquela espécie particular de visão que chamamos escuro. O escuro não é, portanto, um conceito privativo, a simples ausência de luz, algo como uma não visão, mas o resultado da atividade das *off-cells*, um produto da nossa retina. (AGAMBEN, 2009, p.60).

No segundo sentido, em referência a uma ideia de presente, Agamben faz uma observação sobre a noite, a treva que circunda as estrelas que vemos no céu, conforme conceitos da astrofísica contemporânea:

No universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar. Aqui o que percebemos como escuro do céu é essa luz que viaja velocíssima até nós e, no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior àquela da luz. (AGAMBEN, 2009, p.60).

Se aceitarmos a sugestão, chegamos à conclusão de que a obscuridade de um tempo pode sim se tornar inteligível já que não é algo inerte a ele, porém, desaba aos indivíduos como uma não vivência, algo estranho e alheio, como o próprio significado fornece, como algo ininteligível.

A tendência é que os indivíduos sejam lançados aos artifícios de seu tempo em movimentos tão rápidos e organizados que estariam “impossibilitados” de observarem ou de interpelarem o obscuro nas fendas entre seus facho de luz e sua fruição. Não muito distante, podemos nos referir à produção de lógicas, consentimentos, sonhos, anseios, não menos relacionados à produção de indivíduos enquanto produção de mercadoria.

A adequação a essa lógica pode então ser caracterizada como uma artificialidade (um artifício, mecanismo, processo, truque). No entanto, cabe dizer que as escolhas, os posicionamentos, os valores de indivíduos ou grupos não são uma manifestação ingênua, no sentido de “um chamado – uma adesão”, existem aí considerações mais amplas.

Entendemos que a estranheza em razão de um presente “intangível” requer uma aproximação mais contundente do que apenas especulações, estamos dizendo sobre

temporalidades e suas facetas num mergulho no termo “contemporâneo”, o que pode também alçar uma “comunicação” no tempo.

No ensaio de Agamben, essa demonstração é realizada ao se tomar a moda como exemplo. A moda tem a autorização de citar o passado, permitindo que esse toque o atual, que por sua vez se desfaz enquanto a próxima atualidade se engendra.

Walter Benjamin já havia exposto algo semelhante em suas teses “Sobre o conceito da história”:

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de “agoras”, que ele fez explodir do *continuum* da história. A Revolução Francesa se via como uma Roma ressurreta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Somente, ele se dá numa arena comandada pela classe dominante. O mesmo salto, sob o livre céu da história, é o salto dialético da Revolução, como concebeu Marx. (BENJAMIN, 1996, p. 230).

No sentido de Agamben (2009), a moda em seu presente divide o tempo segundo um “*não mais*” e um “*ainda não*”, e “*institui com esses outros tempos – certamente com o passado e talvez com o futuro – uma relação particular*” (AGAMBEN, 2009, p. 68).

Essa conexão, tomando por base a citação de Benjamin (1996), pode ser administrada na totalidade, deixando de ser a premissa de um ou outro recurso, a ideia de uma temporalidade do agora, e nesse sentido a moda é apenas uma ilustração, significa a produção de experiências da história sob o vazio intangível *comandado pela classe dominante*.

Não sem motivos, teorias e conceituações sobre a mais nova crise do capital tomam parte crescente nos círculos acadêmicos, em revistas especializadas e vulgarmente nos semanários e jornais de grande circulação. No cotidiano “menos politizado” da massa trabalhadora surgem perguntas desmembradas: onde, quando, e quem se utilizará dos novos conceitos?

Assim, não é insensato pensar que essas produções surjam enviesadas nos mais novos discursos gerenciais, nos moldes organizacionais de instituições ou empresas, em palestras motivacionais para empreendedores, para trabalhadores, nas bordas dos discursos sindicais enfraquecidos, nos ambientes capilares dos projetos para educação, enfim, numa imaterialidade que nunca será alcançada, mas que, enquanto tendência invade e forma

nexos “psicofísicos”, parafraseando Gramsci, nas estruturas do pensar e agir dos indivíduos.

Como exemplo do que se observa em temas sobre os rumos do trabalho no capitalismo contemporâneo (SENNET, 2009; ANTUNES 2011; ALVES, 2007, 2011; entre tantos mais), é que no curso da atualidade, em duas ou três décadas, o sentido das experiências vividas ou de como são percebidas possui um sentido relativo e, quando confrontadas ou dialogadas, expõem sua tensão.

Nesse nível, o “não mais” e o “ainda não” tem a propriedade de tensionar o dorso da história, o que também significa expor formas diferenciadas de compreensão da realidade entre gerações, grupos, ou categorias que se entendam como diferentes.

“Mas está fraturado o teu dorso
meu estupendo e pobre século.
Com um sorriso insensato
como uma fera um tempo graciosa
tu te voltas para trás, fraca e cruel
Para contemplar suas pegadas. [...]”

Portanto, perceber o contemporâneo é atividade rara, e nunca se sabe se cedo, ou tarde demais. A essa angústia incorre certo “compromisso” que não se situa apenas no tempo cronológico (passado e presente), mas é contemporâneo a um devir e não cessa de operar sobre este. Para o vivido, existe o não vivido, ao que parece, operando sob as histórias individuais em forma de projeções.

Essas, por sua vez, se ligam a pontos de partida (posicionamentos e escolhas) na formação de caminhos e trajetórias. O peculiar é transpor esse plano às histórias de vida das pessoas. O que nos é apresentado está dentro de um sistema maior e contingente.

Agamben (2009) diz sobre um lugar de compromisso entre as fraturas do “século”, algo que é “*incessantemente relançado para a origem, sem jamais poder alcançá-la*”, de tal maneira, um ponto se revela enquanto “*um encontro entre os tempos e as gerações*”.

Tal ação não observada comumente, mas constante nos sentimentos de quem percebe o tempo já como intangível, feito a miragem do porto para o naufrago, tem a função de organizar, sob outras formas, o lidar com a urgência desse tempo estranhado, ainda que num sentido não aprofundado, obscuro.

Podemos então retornar ao poema de Brecht. “Apagar as pegadas” situa-se, como dissemos, com “ironia”. Porém, se consideradas as perguntas iniciais em Benjamin, encontramos a preservação de um valor que se põe como inacessível na íntegra, na

experiência do vivido em seu jogo com o não vivido, apagar as pegadas pode parecer um trunfo, se lançado ao futuro, numa condição de existência.

Para que fique mais bem esclarecido, no mesmo texto que retiramos os questionamentos de Benjamin, há um nexos interessante com o exemplo *das narrativas de fundo moral transmitidas aos jovens em épocas longínquas*, como destacou o autor, “*de modo benevolente ou ameaçador*”.

A narrativa considerada naquele texto é a parábola do velho que no leito de morte revela aos filhos a existência de um tesouro enterrado no vinhedo da família, o desfecho se dá quando “*os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, a vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho*” (BENJAMIN, 1996, p.114).

Talvez não seja mera coincidência que este tesouro estivesse escondido (apagado) e somente revelado diante de uma condição, àquela da qual a origem se faz presente, revolver a terra como fora no plantio. Também não é coincidência que vieram ao encontro duas gerações ao momento do cultivo. Os filhos, ao perceberem no limite o tesouro obscuro, o dorso de uma história pôde ser soldado e liberado como existência.

É bom destacar que o encontro (re)estabelece, e é a tentativa de içar a *experiência* enquanto produtora de uma condição, mas que tem a urgência de revelar sua superação histórica.

Noutro sentido, não é pretensão esquecer que discursos próximos possam advir em argumentos de homogeneização de um tempo histórico, como sugere a economia política burguesa¹⁷, não considerando os conflitos de classe e embasando o sufocar político de grupos subalternos. Muito pelo contrário.

Diante do vivido, certas situações se apresentam aos indivíduos como triunfantes, arrebatadoras, e o imaginário exaspera nas ruínas por um “ergue-se” de um novo gigante,

¹⁷ Conforme Istvan Mészáros - *Teoria da Alienação em Marx (2009) - Aspectos da Alienação – Aspectos econômicos*: “Marx caracteriza a posição da economia política como sendo baseada em uma “condição primordial fictícia”. Essa condição primordial é uma linha falaciosa de raciocínio: ela exhibe característica de uma *petitio principii*”. (Continua Mészáros em citação dos Manuscritos econômico-filosóficos de Marx): O economista político “*supõe* na forma do fato, do acontecimento, aquilo que deve *deduzir* notadamente a relação necessária entre duas coisas, por exemplo, entre a divisão do trabalho e troca. Assim, o teólogo explica a origem do mal pelo pecado original, isto é, *supõe como um fato* dado e acabado, na forma da história, o que deve explicar”. (Mészáros, 2009, p.116).

uma crença correlacionada ao friccionar dialético entre o vivido (ou não vivido) e o percebido, entretanto, algo desanimador toma os corações de uma época.

Em *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista* – no capítulo: *Consciência de Classe*; o filósofo Húngaro Georg Lukács, ao comentar a proposta de Marx em dissolver o caráter fixo e imutável da noção de história, em que bebe a economia política de Smith e Ricardo, analisa:

[...] o pensamento burguês, contudo, deve se deparar aqui com uma barreira intransponível, visto que seu ponto de partida e sua meta são, embora nem sempre consciente, a apologia da ordem existente das coisas, ou pelo menos, a demonstração de sua imutabilidade. (LUKÁCS, p.136).

Nosso dado é sobre as objetivações do capitalismo e seus impactos no cotidiano, este último tem por premissa ser o campo controvertido às quaisquer pretensões dogmáticas. No entanto, geralmente é recobrado em categorias esparsas, no intervalo de seus conceitos, como exemplo, no Direito: “caso fortuito”; nas estatísticas: “margem de erro”, na Sociologia: “diverso”.

Não há sonhos que se encaminhem como trepadeiras em muros intransponíveis. Não estamos mais transpondo da carroça à explosão à Diesel, nossos fatos cotidianos estão em outras abstrações¹⁸ e, mesmo assim, em tais extremos como expõe uma vasta historiografia, as ambiguidades, como é da propriedade do termo, sempre foram controversas. Como argumentou o historiador inglês Edward P. Thompson (1981, p.17), “a experiência não espera discretamente”.

Podemos então, de certo modo, concluir que ser, ou estar na contemporaneidade, é trafegar nos veios obscuros que produzem nosso tempo, o excesso de mediações e nomenclaturas tão fugazes como a moda ou o novo conjunto “*high tech*” da moderna sociologia pouco tem a ver com intensidade, mas sim, de algum modo, com reprodução.

Perceber o contemporâneo é um exercício relacional. Não por acaso, conceitos caros como fragmentação, muito usado atualmente para se referir à gerações ou identidades, dizem mais sobre indivíduos isolados do que sua imediata conotação prático-

¹⁸ Aqui a intenção não é respaldar o ideário da “não centralidade do trabalho”, argumentos que surgiram nos finais do século XX. Ver discussões em Henrique Amorim: *Trabalho Imaterial: Marx e o debate contemporâneo*. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2009.

política no cotidiano. É necessário que esses veios se conectem ao intacto, a uma experiência ampla.

d) Pegadas intactas, a tensão em suspendê-las.

Antes que possamos de algum modo parecer estar dando *Adeus ao Trabalho*, a presente discussão, tal como nos referimos no seu subtítulo, diz sobre pegadas intactas. Para tanto, faz-se necessário considerar alguns pressupostos.

Na literatura acadêmica, é consenso, ao menos há em certo ‘grau’, que o posicionamento pós-moderno não seja algo que se paute pelo rompimento, mas constitui-se sob as bases do pensamento moderno¹⁹.

Como já nos referimos, muitas vezes, ao se tratar das contradições que se evidenciam em períodos de reestruturação produtiva, alguns pontos são recorrentes em análises da sociologia (e economia) do trabalho, ou seja, a apreensão da objetividade das mutações laborais, tanto no plano da empresa, cadeia produtiva, setor econômico ou espaço nacional. (ANTUNES, ALVES, JINKINGS, RODRIGUES entre outros).

Exércitos conceituais são manejados, não sem motivos, para o entendimento minucioso das rupturas e continuidades entre o que há e o que fora descartado. Existe mesmo um zelo nas antecipações das contradições inerentes às mudanças conjunturais e crises anunciadas do capitalismo.

Contudo, certos elementos não se tornam legíveis, como já nos posicionamos, aos agentes cotidianos envolvidos, e as coisas numa percepção imediata, para aqueles que estão aprisionados na velocidade de nosso tempo, não passam da dicotomia entre o novo e o velho, algo no sentido de “neoliberalismo”, “neocolonialismo” ou a recente alocação conceitual “neodesenvolvimentismo”.

O que se torna óbvio observar, é nunca ter ocorrido uma fuga aos eixos primordiais, ou seja, a histórica relação já anunciada por Karl Marx entre o Estado burguês e economia capitalista.

De fato, como evidenciou Alves (2010), o que se observa nas atuais formas de acumulação é uma situação contingente, entrelaçada de nexos variáveis, mas que se

¹⁹ Ver David Harvey – A Condição Pós Moderna, 1996 - sobre o “eterno e imutável” o “transitório e fugidio” em Baudelaire.

apresenta sob a forma de condição, uma *condição de proletariedade* àqueles submetidos às demandas objetivo-subjetivas de tal lógica.

Nesse sentido, fica clara a existência de uma ideologia que sustenta e comporta as forças da modernidade, deixando como *rastro* o que foi considerado estar fora de sua normatividade, os atrasados ou marginais.

Tratar de narrativas pessoais, especialmente em termos de classes subalternas, é proceder em “terrenos baldios”²⁰ àqueles onde a civilização tem enviado seus “irrecrutáveis”. Algo bastante árduo, não somente pela quantidade de fatos ou por questões imputadas historicamente às “classes subalternas”, mas ainda pela desconfiança da existência de um terreno firme em suas ações, o que lança às ciências sociais e ao vasto campo do conceito de intelectual, novos desafios.

Muito mais que o reconhecimento das diferenças, o desafio, que é constante nas ações que implicam um caráter relacional, exige um aprofundamento no sentido da comunicação, ou seja, suscita perguntas como: “De que distância se esta falando? E quem são os “outros” significativos – nos critérios de “urgências” de uma época?”.

O que remete a pensar que as diferenças assumem outras implicações quando são preenchidas pela desigualdade de condições inúmeráveis, e de tal maneira revela abismos de onde se podem retirar o termo - subalterno - ao passo que, sem as devidas mediações, a desigualdade é por si mesma²¹.

Em relação ao termo subalterno, utilizado aqui por meio das concepções de Antônio Gramsci, é constatado que este sofreu uma diluição em razão dos diferentes

²⁰ Em 1934, o antropólogo Marcel Mauss numa conferência, posteriormente transcrita e tomada como um de seus textos referenciais – *Noção de técnica corporal* – adverte sobre as práticas da Ciência Natural, partindo do momento em que esta se lança em direção ao desconhecido na intencionalidade de extrair em seu progresso o sentido concreto de suas descobertas. Segundo Mauss: “Quando uma ciência natural faz progressos, é sempre no sentido do concreto, e sempre em direção ao desconhecido. Ora, o desconhecido encontra-se nas fronteiras das ciências [...]. Geralmente, são nesses domínios mal partilhados que jazem problemas urgentes. Aliás, esses **terrenos baldios** trazem uma marca. Nas ciências naturais, tais como elas existem, encontra-se sempre uma rubrica indigna. Há sempre um momento em que, não estando ainda à ciência de certos fatos reduzida a conceitos, não sendo tais fatos sequer agrupados organicamente, implanta-se sobre essas massas de fatos a baliza de ignorância: “diversos”. É aqui que cumpre penetrar”. (MAUSS, 1974, p. 211).

²¹ Bom exemplo foi expresso por Federico Garcia Lorca na obra teatral - A Casa de Bernarda Alba – Uma frase chamou atenção, e por ela podemos adentrar às nuances dessa problemática. No primeiro ato da peça escrita em 1936, a primeira aparição da personagem *Bernarda* é emblemática, tem-se que no final de sua primeira fala situa: “os pobres são como os animais, parece que foram feitos de outras substâncias”. Ao retirar do âmbito moral (relacional) a noção do outro, numa posição desigual, porém, não diferente, a tentativa é de supor elementos homogêneos como dados naturalisticamente, tal como as ciências humanas hegemônicas por bom tempo trataram, se ainda não tratam, a natureza. Assim, os pobres são como os animais. Nas sociedades ocidentais tal distinção é segura a todo indivíduo de percebê-la e dominá-la.

contextos histórico-locais e no sentido de sua aplicabilidade, ou seja, pela tendência de neutralização de perspectivas teóricas que de fato não dialogam com ideário do pensador italiano nos idos anos da década de 1930.

Não é nosso objetivo realizar um mapeamento de como as ideias de Gramsci foram utilizadas no decorrer da história – mas podemos nos situar pela advertência pronunciada pelo autor. Tomamo-la, assim, como um recurso instrumental:

[...] todo traço de iniciativa autônoma por parte dos grupos subalternos deve ser de valor inestimável para o historiador integral; daí decorre que tal história só pode ser tratada através de monografias e que cada monografia demanda *um acúmulo muito grande de materiais frequentemente difíceis de recolher* (GRAMSCI, 2002, cad. 25, p.135, grifo nosso).

Ali, a questão das classes subalternas refere-se, num primeiro momento, ao olhar dispensado por Gramsci aos movimentos (de cariz popular) que emergiram em contextos políticos específicos e correlações com classes dirigentes por vias semelhantes ou mesmo distintas. No entanto, cumpre dizer sobre o eixo que por suas palavras se instaura: “*a história dos grupos sociais subalternos é necessariamente desagregada e episódica*” (GRAMSCI, 2000, C. 25, p.135).

Podemos dizer que nesse momento se insere um movimento de tensão, ao passo que a noção de subalterno em Gramsci se desloca para âmbitos mais concretos do que uma percepção imediata, aumentando a complexidade à medida que as mediações se desvencilham de um imaginário idílico ou pitoresco - “*Para Gramsci, a determinação essencial encontra-se nos fundamentos materiais da realidade em movimento contraditório*” (DEL ROIO, 2007, p.64).

Diferente de categorias e formalizações que pouco têm a ver com uma organização efetiva que supere a condição de subalternidade (talvez seja o que se cobre sobre as deficiências de um ideário economicista) a perspectiva da “*tensão*” deixa claro que o diálogo proximal reverbera e apresenta o inesperado com suas rupturas, contradições e, principalmente, o caráter fragmentário que muitas vezes é entendido em níveis preconceituosos ou mesmo etnocêntricos.

O conceito de subalterno é uma letra ampla que se apresenta correlacionada a uma ideia de condição e heterogeneidade e, esta última, é obscura à própria lógica que produz essa condição.

Ao nosso entender, e não fora da perspectiva de Gramsci, o episódico e fragmentário é o constructo obscuro por onde caminha a noção de subalterno.

Próximo a esse ideário, podemos buscar novamente argumentos na antropologia que preencham essa sustentação.

A antropóloga Claudia Fonseca em *Família Fofoca e Honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares* - 2004, no epílogo do mesmo livro - “Alteridade na Sociedade de Classes” - utiliza-se de uma interessante expressão para situar um campo relacional na pesquisa etnográfica com grupos sociais populares. Segundo a autora, “Ao lidar com pessoas de grupos sociais diferentes – geração, classe, etnia, etc., - é preciso levantar a hipótese da alteridade (insisto a hipótese e não o fato)” (FONSECA, 2004, p.211).

A questão então é posta de forma simples, porém, contundente por sua clareza explicativa. Cabe esclarecer que utilizamos não o “objeto” de qual trata a antropóloga, mas o sentido de como ele é colocado:

A alteridade se constrói na tensão *entre esses dois pólos* – o muito próximo que se confunde consigo mesmo e o muito distante que se apresenta como uma espécie inteiramente nova, de uma cultura irreduzível a do pesquisador. Estabelecida a noção de alteridade, torna-se necessário saber quais são os grupos ou os indivíduos considerados dignos dessa categoria. Quem merece ser estudado, para que se compreenda bem a sua “língua” e quem é excluído de nossas investigações, de nossa própria curiosidade, justamente por falar “evidentemente” a mesma língua que nós. (FONSECA, 2004, p. 211-grifos são nossos).

O ponto de tensão então aponta para um fosso na sociedade de classes (logicamente a distribuição de riqueza de um Estado e tudo que possa envolver esse considerável aspecto), e também remete às linhas de interesse nos circuitos acadêmicos, por isso um fio tênue que se acentua de forma evidente sob a insígnia de um “*apartheid social*”. (FONSECA, 2004, p. 214).

Tal alusão tem a funcionalidade de uma abertura, a tensão pode derivar em nuances, mas não cabe, a princípio, mediar o quanto estão carregadas essas cores. Contudo, se há possibilidades de alguns pontos obscurecidos, é a ferramenta das mediações que deve ser observada, ou seja, os pontos de partida e formas de inserção de elementos indiretos (pesquisas, análises, debates, dados e aproximações com a realidade) que muitas vezes seguem atrelados às longínquas formas de dominação que devem ser conferidos.

No âmbito de nosso trabalho, para que essas noções tomem maior evidência, talvez seja mais exemplar a compreensão posta por Richard Sennet, no capítulo “*Deriva*” de seu - *A corrosão do caráter* (2009) - em que uma questão individual pode muito bem jogar luz sobre uma angústia contemporânea:

As condições de tempo no novo capitalismo criaram um conflito entre caráter e experiência, a experiência do tempo desconjuntado ameaçando a capacidade das pessoas transformar seus caracteres em narrativas sustentadas (SENNETT, 2009, p.27).

Não somente a partir dessa citação, mas no decorrer de sua análise, observa-se que, é no sentido de tensão que Sennet trabalhou dois eixos de trajetórias de vida e trabalho, como no caso de seus principais “personagens”, “Rico” e seu pai “Enrico”.

Para melhor compreensão da relação explicitada acima, sucintamente podemos oferecer que ela se dá por meio de caminhos cruzados, conforme exemplifica o autor:

O que falta entre os pólos opostos de experiência de deriva e afirmação estática é uma narrativa que organize essa conduta. As narrativas são mais simples que as crônicas dos fatos; dão forma e movimento adiante do tempo, sugerindo motivos pelos quais tudo acontece, mostrando suas consequências. Enrico tinha uma narrativa para sua vida, linear e cumulativa, uma narrativa que fazia sentido num mundo altamente burocrático. Rico vive num mundo caracterizado, ao contrário, pela flexibilidade e fluxo a curto prazo; esse mundo não oferece muita coisa, econômica e socialmente para a narrativa”. (SENNETT, 2009, p. 32).

Naquele sentido, foram duas gerações analisadas e não confrontadas diante de padrões dualistas, mas foi no dorso obscuro da narrativa de Rico, que o antropólogo pôde captar elementos de experiências em duas direções: a necessidade de transmitir valores razoáveis a uma nova geração (os filhos de Rico), e a dificuldade de “soldar” a própria história fragmentada nesses eixos - a formação de seu caráter, enquanto uma verdadeira formação para o trabalho no ambiente do cotidiano (isso remete a trajetória de seus pais) e a necessidade imposta e tomada como concepção de vida, em um tipo de “liberdade” subsumida às lógicas de um “*capitalismo a curto prazo*”.

Para concluirmos, chegamos à compreensão de que a hipótese de alteridade em relação à noção de subalterno, especialmente quando se envolvem elementos geracionais, não dispensa os sentidos de uma condição informar também uma unidade.

No entanto, esta não se dá como óbvia, na proporção do conhecer e praticar. As marcações simbólicas nesses níveis devem ser uma variável para compreensão de

inúmeros outros sentidos, desde a ideia de *formação para o trabalho* nos níveis sutis da aprendizagem e socialização, aos níveis extraordinários de *lazer e transformação pessoal*.

Conceber esse plano é um exercício relacional posto em tensão (o que subtrai quaisquer abstrações idílicas ou hiper-reais), talvez ele se imponha como superação das determinações e subjetivações de uma época, cujas perversidades já perderam o caráter da sutileza, restando um salto de tigre, como escreveu Walter Benjamin.

E se conseguimos ter certa clareza, ele não se dá no vazio da história. Acreditamos existir um terreno firme para as experiências, um cerne, como nas árvores em que, com o passar do tempo, as marcas no tecido aderem ao corpo.

2 Precariedade e Precarização do Trabalho.

A utilização dessas duas categorias se dá como termos mediadores e são de grande valia para situarmos o entendimento sobre *o antigo* e *o novo trabalhador* bancário sem forte apego aos critérios “subjetivistas” em termos geracionais, mas em termos de condições de vida e trabalho.

Assim, tomadas essas categorias, os termos *precarização* e *precariedade* do trabalho são percebidos por nós através das dimensões que marcam as relações sociais de trabalho pelo menos nas três últimas décadas no contexto brasileiro. Nesse sentido, esses termos remetem às questões vivenciadas por trabalhadores e trabalhadoras em seus ambientes de trabalho e fora deles e permitem evidenciar as mudanças que incorrem com as constantes ondas de inovações e transformações no mundo trabalho.

Entendemos que são variadas as análises sobre atualidade do trabalho no Brasil que ressaltam a importância de se realizar um mapeamento contínuo do mundo do trabalho e suas especificidades, tendo como um de seus eixos o estudo dos modelos gerenciais e organizacionais ‘implementados’ num período de mudanças, dados principalmente já em meados da década de 1980 nos setores dinâmicos da economia, como são os setores industrial, financeiro e de serviços. (ABRAMO, 1999; ANTUNES, 2011; GUIMARÃES, 2004).

A base forte dos estudos se dá pelo entendimento de como tem sido absorvida e compreendida a demanda de trabalho vivo nos quadros empresariais. (DIEESE, 2005). Nesse sentido, a compreensão que pretendemos transmitir por essas duas categorias analíticas podem trazer nexos muito válidos para pensarmos a atualidade do trabalho bancário.

Certamente, os pesquisadores que se dirigem para centralidade do trabalho como perspectiva de entendimento das sociedades cuja complexidade se sustenta nas relações

sociais de trabalho capitalistas e tem como intuito fornecer elementos e materialidade para compreensão e conexões com as práticas sociais que nos são contemporâneas. Dessa forma, os diálogos dão-se por meio de fontes e de análises diversas, porém possuem contextos muito próximos.

Ao trabalharmos as categorias *precarização e precariedade* do trabalho na atualidade, nos apoiaremos em construções conceituais por onde possamos ampliar o debate para além das dimensões do emprego ou das categorias profissionais.

Assim, iniciamos observando que a precarização do trabalho se encontra como um modo de *desefetivação* das antigas formas de inserção e manutenção dos trabalhadores no mercado de trabalho e que possui desdobramentos no plano objetivo/subjetivo da força de trabalho constatados nos ambientes laborais e para além deles.

Dessa forma, a *precarização do trabalho* é um dado processual que se desdobra em espaço-tempo e que atinge as gerações mais velhas que aparecem como trabalhadores desligados ou trabalhadores sobreviventes das empresas reestruturadas, ou seja, atinge pessoas que são ou foram trabalhadores impactados por um longo processo de desmonte de estruturas que implicavam direitos empregatícios, estabilidade social, perspectivas de futuro, saúde e relações sociais - implicando com vigor a categoria de temporalidade. Certamente, a tona desse processo, concomitantemente, cinde novas gerações de trabalhadores.

Na mesma perspectiva, entendemos que a *precariedade do trabalho* explicita elementos compositivos das relações sociais de trabalho dadas, num determinado momento, em múltiplas determinações, e é caracterizada pelos modelos ou formas de produção do trabalho nos diversos setores de emprego. Esta, num aspecto mais sucinto, significa dizer como em determinado momento ocorre a inserção e consumo da força de trabalho como mercadoria. (ALVES, 2007, p.281).

É importante salientar que *processo* e *condição* não se apresentam de forma desconexa. Para o trabalhador, a *experiência* da *precarização e precariedade* do trabalho incorre em inseguranças em relação ao emprego, formas contratuais, modos de representação sindical, expectativas pouco animadoras para com o futuro, enfim, como o todo que deriva do neologismo flexibilização do trabalho.

Os impactos que se deram e se dão sobre o trabalho fazem parte de processos históricos em nível mundial e local. Assim, a dimensão processual do desmonte condiz com as formas precárias que se apresentam no presente das relações sociais de trabalho.

Desse modo, são vistas como algo inevitável ou desprovido de alternativas e assim, se impõem, não apenas através da perda de direitos e do aumento da exploração da força de trabalho, mas numa dimensão negativa, reforçada pelo crescimento dos contingentes desempregados e supérfluos à produção do capital (ALVES, 2007, p.131).

Nesses termos, a precariedade que entendemos ser uma condição que se vive, se articula com a precarização, que deve ser entendida como um processo histórico de natureza política e econômica que expõe as faces perversas às quais se encontram submetidos homens e mulheres tanto no sentido da formação de um tipo específico de trabalhador como da própria condição de classe.

Sobre as implicações dessa relação, podemos nos dizer que elas também estão no contexto de outras várias que abarcam o universo do trabalho. Assim é o caso de uma disputa nada sutil pelas causas intangíveis, previstas nos critérios para se atingir metas (de vendas, ou desempenho profissional) presentes nas estratégias gerenciais, educacionais ou no sentido das ações cotidianas, ou seja, buscas através de um nexo condizente a uma lógica de acumulação cujo “núcleo ideológico” é o desmaziado envolvimento subjetivo dos trabalhadores, o que pode ser considerado como cerne da exploração do trabalho humano. (ALVES, 2007, p.286).

Para Manuel Carvalho da Silva – pesquisador português e importante liderança sindical do contexto europeu – em seu livro “*Trabalho e Sindicalismo em tempo de Globalização*” (2007), afirma que a possibilidade de entrever tais questões está no fato de que, na atualidade da organização do trabalho, as responsabilidades são alteradas, os organogramas mudados frequentemente, as cadeias hierárquicas são reduzidas (umas vezes para se complexificarem, outras para substituição de mecanismos verticais por horizontalidades), a polivalência imposta, as fronteiras entre a concepção, a produção e as vendas desaparecem, a iniciativa e a responsabilidade dos trabalhadores aumentam, as remunerações são ligadas aos resultados e desligadas das categorias ou da antiguidade que valorizam o trabalho e a capacidade produtiva.

Assim, nos recrutamentos de quadros ou de especialistas oferecem-se opções sobre as ações das empresas, as convenções coletivas são desvalorizadas, eliminadas ou distanciadas das realidades que se impõem nos ambientes de trabalho. Os regulamentos internos enchem-se de subversões aos direitos sociais, cilindram o direito do trabalho e, quantas vezes, vedam a entrada da democracia nos porões das empresas (SILVA, 2007, p.61).

A quantidade de elementos detalhados acima pode ser caracterizada como elementos formais e objetivos de estruturas que se consolidam e atravessam a percepção sobre o trabalho,

cujos efeitos se dão por arrastar os sentidos do coletivo para nexos fragmentários nas práticas cotidianas do trabalho ou fora dele.

Certamente, as implicações dessas estruturas têm fortes bases com as dinâmicas político-econômicas e, nesse sentido, tais fatores pressionam dinâmicas culturais e as dimensões sociais do desenvolvimento econômico sobreposto pela intensa valorização do mercado financeiro, que remonta a “inexistência ou ineficácia de mecanismos de regulação política, econômica e social” (SILVA, 2007, p.63).

Os níveis de abrangência dessa ordem estão implicados com os efeitos e sentidos da mundialização ou globalização da economia. Compreendemos que o entendimento dos fatores *estruturais, contextos e dinâmicas* desse processo, devem ser vistos através de interposições e, não somente, como um pano de fundo para a diversidade dos atores sociais. Aliás, no “contexto da globalização, trabalho, transformação e desenvolvimento”, se identificam “diversas escalas culturais, econômicas e políticas concretas e situadas expressões, causas e efeitos dessa globalização com suas localizações” (SILVA, 2007, p.39).

Nesse sentido, consideradas as observações, o que se verifica sobre as práticas das empresas e as políticas para o trabalho é que essas têm sido geradoras de incertezas e precariedades, “comportando destruição de trajetórias profissionais, desqualificações e mesmo menosprezo ou abandono do significado das carreiras profissionais para largas camadas de trabalhadores”, ou como enfatizamos, não somente com a particularidade do aspecto profissional, mas na vida e seu todo. (SILVA, 2007, p.67).

a) Fazer de si um vendedor

Os nexos que sobressaem das atuais condições de trabalho conjulgam questões sobre os tipos de contratos e acordos salariais, além de “implementações” tecnológicas e organizacionais, que vêm sendo realizadas nos últimos trinta anos, denotam no que autores como Giovanni Alves (2007) chama de *nova morfologia do trabalho*.

Essas questões culminam nas formas precárias de inserção no mercado de trabalho e dos tipos de emprego, o que se liga às maneiras de ser e trabalhar principalmente na última década. Alves busca denominar tais práticas e formas através do termo *nova precariedade do trabalho* que, para o pesquisador, é substancial a essa noção a implicação subjetiva do trabalhador na *trama fetichizada* do mercado.

Dessa maneira, significa dizer que os trabalhadores, como é o caso mais aparente daqueles inclusos em setores como os de serviços, estão sempre vendendo alguma coisa, já que alguns sistemas de trabalho ligam a produção ou desempenho às vendas e remetem em suas porosidades, como as remunerações adicionais, a tais nexos.

É certo que, hoje em dia, o mercado de trabalho e a concorrência posta em níveis do emprego formal compreendem tal lógica e a manutenção do trabalhador em seu posto de trabalho permeia tais concepções, não bastando o pleno exercício das atividades que concerne ao tipo de trabalho que está alocado e a ele são atribuídas, pois na verdade é sua capacidade de concorrer que deve ser revertida em atividade, somando-se então ao que lhe compete.

Nesse sentido, a precariedade do trabalho vincula-se de maneira mais veemente a essas novas formas de concepção e inserção no mundo do trabalho, e se apresentam como implicações laborais de cariz mercantil sob o imenso contingente de trabalhadores- vendedores de mercadorias e de si próprios.

Essa experiência mercadológica invade de forma brutal a percepção e os relacionamentos de um novo contingente de trabalhadores e tende deslocar, por sua vez, aqueles desligados e “sobreviventes”. Sobre estes, recaem associações com o *arcaico*, *desatualizado* ou *incompetente* para certas tarefas, pois, o sentido da atualização se confunde com o sentido de consumo, ou seja, as implantações de novas tecnologias ou novos modelos de organização do trabalho, na velocidade que se dão não conjulgam tempo de vivência e adaptação de todos os trabalhadores.

Cabe observar que nessas relações, uma questão que toma bastante relevo, que é a produção de um sentimento de individualismo, fortemente atrelado à “responsabilização individual”, que se dá por nexos que “são usados para criar vítimas das políticas que são seguidas os sentimentos de (co)responsabilidade pelas situações em que vivem” . Entendemos que estes últimos são moldados por um sistema de “competitividade e emulação em que os indivíduos estão inseridos nas diversas fases de socialização”. (SILVA, 2007, p.63-64).

Como já nos reportamos, tais níveis de exploração remetem às mudanças capilares em experiências de vida e de trabalho. Os Sindicatos, seguramente, apesar “das dificuldades de resposta”, possuem um papel fundamental nesse contexto, a “contribuírem para o desenvolvimento e transformação social”. (SILVA, 2007, p.60).

Conforme se observa, trabalhadores e trabalhadoras sentem-se no dever de terem que se haver com esta atmosfera nebulosa dos nossos tempos. O diário fazer de si, as implicações do caráter mercantil nas relações de trabalho, a necessidade do controle com relação a metas a serem atingidas, bem como as formas de aviltamento nesses modelos administrativos para

produtividade, supõem adoecimentos, formas intensas de estranhamento e estão relacionados a um novo tipo de formar pessoas. Isso se liga, de modo visceral, às políticas públicas, direitos sociais, educação e os tipos de formação para o trabalho que se tem.

A *experiência da precarização e precariedade*, então é um movimento inerente a exploração do trabalho, porém assumem condições inteiramente novas a partir de momentos específicos fomentados pela dinâmica do capitalismo, devendo ser observadas através das experiências cotidianas do trabalho.

Em sentido próximo ao que foi dito acima, a ressalva feita por Silva, remete a essa dimensão experiencial, ao tratar da necessidade de se “situar com rigor o lugar do trabalho e do emprego” na atualidade. (SILVA, 2007, p.85)

Quando nos remetemos a essas duas categorias analíticas precarização e precariedade do trabalho, encontramos suas importâncias nos sentidos de processo, que se dá como um desdobramento no tempo, um tempo em curso e, temporalidade, no sentido particular, de características em dado eixo de tempo; tal questão, em outras instâncias, pode-se inferir a dialética local e global, e se colocar diante da diversidade da classe trabalhadora na produção de seus desejos e anseios.

De fato, uma discussão sobre precarização e precariedade se associa amplamente às questões de formação para o trabalho, nexos que expõem sua centralidade, ou no sentido de Silva, em que: “a centralidade do trabalho é reforçada e complementada quando envolve situações e aspectos de ordem subjetiva e cultural, ou seja, significados atribuídos pelas pessoas em relação ao trabalho no actual contexto histórico”. (SILVA, 2007, p.86).

3 O antigo e o novo trabalhador bancário.

Não é simples a construção de uma “categoria-ferramenta” partindo de termos antônimos. Talvez fosse o mais trivial, no entanto, o que fica implícito nesse tipo de dicotomia são comparações fugazes e psicologizantes no sentido das aptidões, desenvolturas, dissemimentos, ou seja, características que tendem a se homogeneizar ou naturalizar sentidos para determinadas ou dadas gerações, como se a partir daí, todo o sentido de construção de um tipo de *gente*, em níveis históricos, fosse desprovido de significado.

Observe que essa é a forma das relações capitalistas esconderem a origem da *acumulação* ou mesmo a extração de *mais-valia* por meio do trabalho explorado.

Nesse sentido, o que foi visto no trato da categoria experiência, principalmente ao abordarmos o termo “contemporâneo”, é de grande serventia, já que na verdade ser contemporâneo está próximo ao inabitual ou, à obscuridade de um tempo.

Assim para absorvermos a noção de *antigo e novo bancário*, partiremos de um debate sobre este tipo de trabalho e suas transformações em sentido de sua concepção na chamada “era neoliberal” e, por fim, a forma mais complexa que é o entendimento sobre o antigo e o novo na fala de um antigo bancário.

a) Trabalho bancário: especificidades e expressões.

Para nossa abordagem, *especificidades* e *expressões* são os termos que consideramos pertinentes para evidenciar, primeiro, a funcionalidade da atividade bancária no mundo da circulação capitalista e seus sentidos primordiais e, segundo, como ela se expressa na fala dos trabalhadores nela inseridos. Não obstante, esta última questão se conecta ao que fora tratado anteriormente.

Nesse empenho, inicialmente é necessário ter em mente que é por *nexos velados* que, na *economia política*, certas atividades nas relações de produção capitalista apresentam-se com a funcionalidade de fazer fluir e expandir o excedente produtivo no sentido de sua valorização.

Um exemplo a ser tomado é que a atividade bancária, que em sentido estrito se dá como um trabalho escritural processa a forma fetichizada do dinheiro que gera mais dinheiro, sem a necessidade mediadora das forças produtivas.

Karl Marx em “*O Capital – Crítica da Economia Política*”, no Livro Terceiro - *O Processo Global da Produção Capitalista – Volume V*, em sua *Parte Quinta*, no capítulo *XXI*, considera a seguinte questão:

No processo real de circulação, o capital se revela apenas mercadoria ou dinheiro, e uma série de compras e vendas constitui seu movimento. Em suma, o processo de circulação se reduz à metamorfose da mercadoria. A coisa é diferente quando consideramos a totalidade do processo de reprodução. Se o ponto de partida é o dinheiro (e nada alteraria se fosse a mercadoria, pois partiríamos de seu valor, considerando-a, portanto monetariamente), desembolsaremos uma soma de dinheiro que retornará com acréscimo após determinado período. Essa quantia adiantada é reposta e retorna acrescida de mais-valia. Conservou-se e aumentou depois de percorrer certo ciclo. Temos o dinheiro que se empresta como capital no empréstimo dessa quantia de dinheiro que se conserva e cresce e que depois de certo período retorna aumentada e pode sempre renovar o mesmo processo. Não é desembolsado como dinheiro nem

como mercadoria, não havendo portanto troca de mercadoria, se é dinheiro que se adianta, nem venda por dinheiro, se é mercadoria que se adianta. Trata-se agora de adiantamento de capital. A relação do capital consigo mesmo, na qual se representa – quando consideramos o processo capitalista de produção em sua totalidade e unidade – e na qual é dinheiro que gera dinheiro, a ele passa a incorporar-se agora pura e simplesmente, sem o movimento mediador, como característica e vocação próprias. E é nessa qualidade que é alienado, quando emprestado como capital-dinheiro. (MARX, 1974, p.398/399)

Tomado esse sentido, a atividade dos bancários concentra sua elaboração no que é levado ao ‘mundo da circulação’ pela figura do capitalista banqueiro, se apresentando em níveis perfeitos de uma forma límpida e lógica, “*do mesmo modo que dar pêras é propriedade de uma pereira*” (MARX, 1974, p.451).

Pois, essencialmente o que está implicado no processo de trabalho bancário são os juros, uma espécie de “mercadoria” autônoma que obviamente não é produzida por bancários, mas extraída daquela única capaz de produzir valor, a força de trabalho.

Na teoria marxiana, um estudo mais aprofundado sobre o capital a juros pode ser visto no citado livro terceiro de “O Capital”, principalmente em seu Capítulo XXIV – *A Relação Capitalista Reificada na Forma do capital Produtor de Juros*, no entanto, o enredo sobre a natureza dos juros já se encontra no texto - *O Rendimento e suas fontes – A economia vulgar – “Revenue and its sources. Die Vulgärökonomie”*.

Aqui, nos referimos a esse texto na tradução para o português de José Arthur Gianotti e Walter Rehfeld de 1974. O texto em questão, segundo seus tradutores aparece como apêndice do terceiro volume de *Teorias sobre a Mais-valia* de 1862 por Marx, e também corresponde aos manuscritos que posteriormente serviram de base ao livro terceiro.

O fato de utilizarmos um texto base se deu pela menor complexidade que entendemos para se retirar uma citação de um campo lógico de argumentações.

Dessa maneira, para o trecho que buscamos evidenciar, achamos necessário expô-lo de forma que implique seu desenvolvimento interno, e que tão logo segue:

Na medida em que o *capital* apareça no processo de *circulação*, o que de modo particular contraria a concepção corrente, desde que apareça, no *capital comercial*, como uma espécie de capital que exclusivamente dessa operação, o lucro se torna associado a uma surda representação de logro generalizado, de modo mais específico, o comerciante logrando o capitalista industrial como este logrando o operário. Ou ainda o comerciante logrando o consumidor, como os produtores se logram mutuamente. Seja como for, o lucro é assim explicado a partir da troca

(*exchange*), a partir de uma relação social e não a partir de uma coisa. No capital a juros, ao contrário, completa-se o fetiche. Este é o capital acabado – portanto, unidade do processo de produção e do processo de circulação – que por isso, num determinado período de tempo traz um determinado lucro. Na forma do capital a juros permanece apenas essa determinação constitutiva, sem a mediação dos processos de produção e circulação. No capital e no lucro existe ainda a recordação de seu passado, embora a diferença entre lucro e mais-valia, uniformização dos lucros de todos os capitais – (por meio) da taxa geral de lucro –, transformem o capital – de um modo nada claro – numa coisa obscura e num mistério. No capital a juros se completa esse fetiche automático, de um valor que valoriza a si mesmo, de um dinheiro que faz dinheiro, de sorte que, nesta forma, não traz mais o estigma de seu nascimento (MARX, 1974, p.268).

Podemos então concluir a partir da citação, que a centralidade da atividade dos bancários se dá na transferência de valores, e assim posta, exerce uma função mediadora. Conforme demonstrou Segnini, o trabalho escritural bancário não acrescenta valor excedente à acumulação capitalista mesmo considerando que os financiamentos bancários constituem um processo de transferência da poupança de novas emissões monetárias para o empresariado. (SEGNINI, 1988, p. 20).

Contudo, se demorasse desobrigado em uma agência bancária, um cidadão atento se questionaria estranhando: Como podem essas pessoas realizar uma especificidade laboral, trabalhando nesses níveis de abstração? Talvez pudesse pensar no sentido do dinheiro, no seu poder e representação ou, numa rede de confiança operada conjuntamente com seu lado antagônico, a desconfiança.

Esses dois primeiros sentidos poderiam então ser levantados da seguinte forma: Primeiro no que toca aos ambientes subjetivos do dinheiro, como retratou Marx nos “*Manuscritos econômicos Filosóficos*”; esse sentido favorece as impressões imediatas que buscamos dar e as subordinações às quais estão envolvidos os bancários no lidar cotidiano com o dinheiro alheio. Assim, como se referiu o pensador alemão:

O dinheiro enquanto meio e poder gerais – exteriores e não derivados do homem enquanto homem, nem da sociedade humana, enquanto sociedade – para fazer da representação efetividade e da efetividade uma pura representação, transforma igualmente as forças efetivas, essenciais humanas e naturais em puras representações abstratas, e por isso, em imperfeições, em dolorosas quimeras, assim como, por outro lado, transforma as imperfeições e quimeras efetivas, as forças essenciais realmente impotentes, que só existem na imaginação do indivíduo, em forças essenciais efetivas e poder efetivo. (MARX, 1974, p.37)

Considerado esse primeiro sentido, partiremos então para o segundo. Este se refere à ideia de um trabalho escritural interno que também se pauta na desconfiança.

Como bem esclareceu Harry Braverman (2011), as notificações escritoriais e de controle das empresas sobre compras e vendas, transações bancárias, mercadejamento etc, não remetem especificamente e tão somente à maior clareza para suas funções internas, pois, o que é lucro para uma empresa aparece como débito para outra, e assim, qualquer desvio aparente, as provas e os caminhos das transações devem ser apresentadas. Nesses termos:

Os registros internos de cada instituição financeira são, ademais, elaborados de modo que assumem a possível desonestidade, deslealdade ou lassidão de toda atuação humana que ela emprega, isso, de fato, é o primeiro princípio da contabilidade moderna. (BRAVERMAN, 2011, p.257).

Tomando então os dois pressupostos, o dinheiro enquanto representação efetiva de poder e sua regulação moderna nas abrangências da concorrência no mundo empresarial, podemos considerar que estes são sentidos convergentes nos âmbitos ‘subjettivos’ do que se possa pensar sobre a função do bancário, ou seja, estamos em ambientes de pressão e dissimulação.

Porém, se imaginarmos um bom pasteleiro, seria simples a concepção de que ele não necessita entender da fusão químico-orgânica entre água, sal, farinha, ovos e seus reagentes para obter uma boa massa, ele necessita sim é de ter a *mão boa*, que por sua vez significa saber dosar aqui ou ali, esticar e fazer descansar a massa.

Dessa maneira, seria mais óbvio que aquele cidadão atento se atinasse a pensar que os bancários estariam lá como extensão dos braços e dos olhos do banqueiro a cumprir sua essencial função, mediando a fusão, tornando homogênea e dando formas convincentes à massa de valores de um sistema, ou seja, um agente na captação, organização e expansão de recursos ao banco.

Para concluirmos, ou de outra forma, sermos menos especulativos, podemos dizer que os bancários são tralhadores assalariados que lidam imediatamente com um campo lógico chamado mercado financeiro, seus pressupostos formais, subjettivos e dinâmicos.

Neste sentido, retomando Marx em “*O Capital*”, Livro III, Volume V, Capítulo XIX – *O Capital Financeiro*, consideramos o seguinte trecho:

O dinheiro efetua movimentos puramente técnicos no processo de circulação do capital industrial e, conforme podemos acrescentar agora, do capital comercial (pois este se incumbe de parte da circulação do capital industrial, parte que se torna operação própria e peculiar do capital comercial). Esses movimentos ao se tornarem função autônoma de um capital particular que os executa, como operações peculiares e nada mais fazem, além disso – transformam esse capital em capital financeiro [...]. A divisão do trabalho faz que essas operações técnicas condicionadas pelas funções do capital, sejam tanto quanto possível executadas para toda classe capitalista por uma categoria de agentes ou capitalistas com funções exclusivas, ficando concentradas em suas mãos. Há aí divisão do trabalho em duplo sentido, como acontece com o capital mercantil, aquelas funções se tornam negócio especializado concernente ao mecanismo financeiro de toda a classe, concentram-se, são exercidas em grande escala; ocorre então nova divisão do trabalho nesse negócio especializado, por se repartir em diversos ramos independentes entre si e por se aperfeiçoarem as condições de trabalho desses ramos (grandes escritórios, numerosos contadores e caixas, adiantada divisão do trabalho). Pagamentos, recebimentos de dinheiro, operações de compensação, escrituração de contas-correntes, guarda do dinheiro, etc., todas essas operações técnicas, separadas dos atos que as tornam necessárias, transformam em capital financeiro o capital nelas adiantado. (MARX, 1974, p. 365).

Contudo, atualmente torna-se complicado definir que a atividade bancária se resume somente nesses eixos.

Conforme Chesnais (1996), a predominância do capital financeiro privado assumiu contornos e regulações minuciosas ao mesmo tempo em que extrapolou a noção de banco apenas como um intermediário.

Por este ponto de vista, alguns pesquisadores, como Nise Jinkings (2002), e Giovanni Alves (2007) concluem que hoje em dia os bancários se tornaram verdadeiros vendedores de produtos financeiros, o que remete ao trato das categorias de *precarização* e *precariedade do trabalho*, vistos anteriormente.

Achamos importante direcionar o olhar para essa questão proximal, pois estamos mesmo falando de pessoas que cotidianamente vivenciam seu ‘trabalho’ de maneira rotinizada, apesar dos atributos de polivalência e flexibilidade, exigidos num ambiente de alta competição.

Esses trabalhadores saem de seus lares e ficam confinados em grandes agências, postos de atendimentos cubiculares, sentam-se, ou exaustivamente ficam em pé por horas, dialogando ou exemplificando situações cuja concreticidade não é garantida de imediato.

Imaginemos novamente aquela atividade do pasteleiro que agora ao entregar seu quitute a um cliente, condiciona seu olhar aos pequenos movimentos da face daquele que o recebeu, sentindo sua aprovação ou desgosto.

Diferentemente, os bancários estão em interação com as determinações econômicas sobre a vida das pessoas ou empresas que atendem. Isso sem dizer sobre sistemas de classificação²² que os bancos internamente mantêm, normas e regulamentações financeiras nacionais, sistemas e dispositivos comunicacionais de base microeletrônica, determinações sobre metas de vendas e operações sobre produtos financeiros, formas específicas de conduta e atendimento, postura e asseio pessoal determinados. Sua venda assim se torna outra, apesar do termo ‘venda’.

Deste modo, mesmo que esses exemplos possam ser reveladores, entendemos que a tentativa de buscar esse ambiente proximal, sempre acaba diante de certa exigência, a coesão.

Assim, é necessário que se realize um “giro” para situá-la pela seguinte ordem.

b) Elementos de Coesão

Conforme Harry Braverman (2011), existe uma correlação, no sentido de que, quanto maior a massa de capital, mais incorre a necessidade de atividades que sirvam à distribuição do capital excedente entre os capitalistas. Na verdade, essa questão já fora apresentada anteriormente em Marx, porém, o enfoque da análise de Braverman em *Trabalho e Capital Monopolista* nos permite entender melhor a funcionalidade e papel burocrático exercidos nos trabalhos tidos como escriturais e administrativos. Segundo o autor:

A função do capitalista é representar o capital e ampliá-lo. Isso é feito ou pelo controle da produção do valor excedente nas indústrias e atividades produtivas, ou pela apropriação dele fora daquelas indústrias e atividades. O capitalista industrial, o fabricante, é um exemplo do primeiro, o banqueiro exemplifica o segundo. Essas funções gerenciais de controle e apropriação tornaram-se por si mesmas processos de trabalho. São controladas pelo capital do mesmo modo como ele executa os processos de trabalho da produção: com trabalho assalariado em larga escala no

²² É lugar comum a ideia de que cadastro de clientes com informações pessoais e a rede que se estabelece entre demais informações, além de servirem a componentes jurídicos nas transações financeiras, estes se colocam sob a ideia do risco de se fornecer crédito. Não mais além do que os significados dados ao substantivo “classificação”, podemos situar o contexto dessas práticas: Ordenamento segundo qualidades, posição dentro de um conjunto, regras, métodos e símbolos para se classificar.

mercado de trabalho e organizado em imensas máquinas “de produção” de acordo com os mesmo princípios que governam a organização do trabalho na fábrica. No caso, os processos produtivos da sociedade desaparecem numa torrente de papel [...] (BRAVERMAN, 2011, p. 256).

Para Liliana Segnini (1988, p.18-19) citando João Bernardo²³ (1977), o desenvolvimento do capitalismo mantém em seu cerne as referências iniciais, mas acaba por decompor em subcampos lógicos suas práticas, e de tal modo, como conserva a separação entre proprietários dos meios de produção e aqueles que vendem sua força de trabalho para sobreviver, cada qual destes últimos realizam atividades concernentes à inserção da empresa que investem aqueles outros, que a partir de então, controlam a vitalidade desses mesmos homens e mulheres livres que vendem sua força de trabalho, alocados, tão logo, em setores de “*funções determinadas na acumulação do capital*”.

Mesmo considerando que esses sentidos já tenham sido debatidos, eles nos colocam às voltas de outra necessidade expositiva.

É que, diferente dos setores fabris, em que se insere a noção de trabalho produtivo e suas formas particulares, a característica que envolve os trabalhos de escrituração se apresenta numa ordem distinta, mesmo considerando os caminhos da administração científica e seus métodos unívocos para diferenciadas cadeias.

É complicado e um tanto prolixo para uma pequena análise conferir historicidade e representações que certas categorias de trabalhadores admitiram, ou lhes foram designadas durante longos períodos e contextos culturais diversos.

Podemos argumentar por um paralelo simplista: Um torneiro mecânico numa metalúrgica moderna está mais suscetível a comparações temporais, devido sua localização no ambiente produtivo, do que está um contador financeiro para o mundo dos negócios, e assim, sua posição num sistema como o bancário.

Como dissemos, mesmo que se leve em consideração tendências que se deram no período monopolista, em que se idealizavam com rigidez técnica as funções de trabalho, podemos contar hoje com uma fluidez maior nos trabalhos tidos como administrativos, certamente subordinados às técnicas mais pautadas no controle vigilante do que em ações

²³ João Bernardo, teórico e pensador político português. Seu livro considerado por Segnini é “Marx crítico de Marx. Porto, Afrontamento, 1977”.

disciplinares. Esses são temas que se podem observar em produções de pesquisadores como Michel Hardt e Antônio Negri (2006), além de David Harvey (1996) ²⁴.

De tal maneira, se fôssemos encarar a evolução dessas funções desde a revolução industrial até a atualidade, logo se poria em dúvida um caráter contínuo dessa evolução, considerando no caso, um único segmento profissional. Novamente, em Braverman podemos encontrar elementos fundamentais para essa argumentação.

Embora seja provável que alguns dos funcionários de escritório daquela época correspondam aproximadamente aos atuais em função e posição no seio da empresa, por diversas razões seria mais apropriado vê-los na fase atual do capitalismo monopolista como virtualmente um novo estrato, criado ampliado. É muito importante que se tenha uma clara noção disso, pois do contrário, se atribuirmos aos milhões de trabalhadores em escritório hoje as funções de “classe média” ou semigerenciais daquela delgada camada, aos poucos desaparecida de funcionários do início do capitalismo, o resultado só pode ser um grave mal entendido quanto à sociedade moderna. (BRAVERMAN, 2011, p. 249).

A análise feita por Harry Braverman sobre a categoria “trabalhadores em escritório” é ampla, isso se deve às considerações sobre o desenvolvimento capitalista e as mediações inúmeráveis que tal desenvolvimento acabou por gerar, seja, no controle da produção, no ritmo de sua própria expansão e no sentido mesmo da construção de uma sociedade que o comporte. Braverman, como o título de seu livro revela, refere-se à fase monopolista do capitalismo ²⁵.

Neste sentido, ao se fazer um novo “giro”, daquelas transformações até as atuais conjunturas, motivadas por crises e expansões do capitalismo, podemos crer que as formas de se exercer certos tipos de trabalho não são as mesmas, nem em seu sentido estrito, nem em sua concepção comum ou geral.

Um exemplo elucidativo é demonstrado pelo sociólogo R. Grün (1986), quando trata de bancários em contextos cuja interiorização de tecnologias informacionais e organizacionais não estava amplamente posta. Para esse autor, os bancários aprendiam suas funções observando seus colegas que estavam na empresa há mais tempo e, dessa maneira, incorria a introjeção de saberes específicos bem como tipos de condutas e valores

²⁴ Consideramos as obras “Império” de Hardt e Negri e, “A Condição pós-moderna” de David Harvey.

²⁵ Braverman, Harry – Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX.

que deveriam ser assimilados, no sentido do “status” social ou valores de classe, ao modo de um “*habitus*”, tomando a perspectiva de Pierre Bordieu.

Consideramos que essas questões ainda se dão em certas permanências, na verdade, pesquisadores atentam para algumas formas de concepção do trabalho por parte dos trabalhadores que são essenciais no fazer fluir o trabalho e, se dão mesmo como forma de sobrevivência entre o que é *prescrito* e deve ser seguido e o *efetivo* da realização de uma tarefa. (DEJOURS; GERNET, 2011).

Em termos de “status”, certamente desde a fase monopolista do capital, existe uma ampla proletarização dos quadros administrativos, e o alargamento de funções que acabam deixando restrita a concepção de valores tidos por determinada categoria de trabalhadores. No entanto, existem consideravelmente noções e experiências identitárias no proceder cotidiano, nas pequenas realizações, desejos e anseios.

Porém, acreditamos que o radical da mudança, como pode ser visto nos estudos de Richard Sennet (2008, 2009), David Harvey (2002), Ricardo Antunes (1999, 2011) e tantos mais, é que vivemos num período em que o capitalismo buscou recriar e mesclar sob novas formas de dominação do trabalho vivo (introdução de novas tecnologias microeletrônicas, além das novas configurações da organização do trabalho) uma saída para a crise gerada em sua fase monopolista. Certamente, essas mudanças estão imbricadas às questões políticas mais amplas, ou seja, formação de gente.

Não é controverso assumir que as mudanças também são geridas em contextos sociais distintos, apesar do caráter homogeneizador e individualizante que a morfologia social capitalista busca imprimir. Esse movimento nos permite assentar as mudanças da organização do trabalho em outras bases também.

O que os trabalhadores levam para suas casas faz parte da reprodução dos seus. Nesse sentido, as experiências vivenciadas nos ambientes de trabalho (e fora deles) denotam e assumem condições diferenciadas, ou não, a partir dos momentos específicos fomentados pela dinâmica do capitalismo, devendo ser observadas através de “*cenários que nos remetem à experiência cotidiana da produção e sobrevivência, em condições de incerteza e riscos, que distam muito das formas organizadas pela razão subjacente à relação salarial*”. (GUIMARÃES, 2004, p. 30 – grifo nosso).

Se pudermos deixar claro, suscitamos que entre observância e vivência, abre-se a perspectiva em que as considerações sobre atualidade do trabalho, não sugerem apenas mutações imbricadas entre conjuntura político-econômica internacional e nacional e

transformações em setores dinâmicos da economia, mas sim, que estas também inventam sobre os modos de ser e de se ter no mundo, entrelaçando histórias pessoais e formação de indivíduos aos nexos de tais estruturas. A ideia de coesão se põe nesses níveis.

Nestes termos, o que se observa após o período de mudanças e ajustes na economia capitalista mundial, é que especialmente num período de intensa reestruturação, como ocorrera nos últimos 30 anos, o setor bancário nacional apresentou ajustes organizacionais que essencialmente apontavam para redução dos custos operacionais e intensificação tecnológica; bem como, na adoção de estratégias mercadológicas para implantação de novos serviços e produtos.

Certamente, em consonância aos projetos comandados por diversos setores burgueses favoráveis à internacionalização da economia já nos finais da década de 1980 (ANTUNES, 2011, p.23).

Em regra, considera-se que tais ajustes organizacionais seguiram certo perfil de orientação, podendo ser pensados, como apontou Jinkings (2000), na seguinte ordem:

- Um ajuste entre demanda e a quantidade de trabalho necessário, possibilitando maior aproveitamento do tempo com a utilização de equipamentos microeletrônicos.
- As necessidades eventuais da empresa sobre a demanda de trabalho, em relação à jornada, local, duração, dão-se através da imposição de regimes e tipos de contratos de trabalho diferenciados, o que remeteria à expansão das formas de subempregos e contratos de trabalho temporários, implicando cada vez mais na diminuição do emprego regular.
- Trabalhadores exercendo funções diferenciadas, de ‘polivalência e multiqualificação’ sempre que a demanda exigir, sendo que trabalhadores altamente qualificados em postos estratégicos da empresa são os responsáveis por tais funções.

Num plano imediato, essas mudanças, que de forma ou de outra, se solidificaram e de fato traçaram um novo perfil de trabalhadores bancários, podem se referir aos programas internos das instituições financeiras alinhados às lógicas de “qualidade total” e “remuneração variável”.

Isso implica no condicionamento dos ganhos dos empregados aos prêmios de produtividade no sentido dos alcances de metas por setores ou função. Além da existência de redes de extremo controle, em termos de comunicação entre empresa e trabalhadores quando a palavra de ordem significa produtividade.

Essas questões de fato sugerem que na atualidade, tomadas as relações entre os *modus operandi* do emprego bancário, características pessoais e profissionais dos

trabalhadores, ocorre a emulação do indivíduo levado aos ideais da adequação às exigências no sentido de uma “especialização polivalente”.

No entanto, como indica Antunes (2011, p.129), essas novas espécies de qualificações parecem ter mais uma significação ideológica do que tecnoprofissional. No plano cotidiano, isso se dá entorno de ideias imbricadas de adesão e autovalorização, sendo primeira em nível dos discursos gerenciais, e a segunda sob as perspectivas dos trabalhadores no sentido de suas carreiras e modos de ser no trabalho.

Assim, necessariamente, a noção de metas, mesmo quando abusivas, é encarada como uma lógica inerente, desprovida de contradições aparentes, pois não há que se perder tempo, quando o tempo que se tem é o tempo da empresa.

As consequências pessoais vividas por esses trabalhadores, num contexto crescente de formas precárias de contratação e atuação no trabalho, se dão na tentativa de manutenção do emprego, mesmo que sejam compelidos à jornadas de trabalho extenuantes e que estas apontem para agravamentos de saúde como as lesões por esforço repetitivo (LER), situações extremas de estresse e transtornos psicológicos. O que encerra noções cada vez mais fragmentadas nas relações de trabalho e da vida.

A partir dessas constatações, a perspectiva que temos é de que não há somente noções de adequação mercadológica no sentido do trabalho, mas ações verdadeiramente políticas para situar o *antigo* e o *novo* nas classes trabalhadoras, pois assim colocados, rompe-se os nexos de experiências de vida e trabalho, e de outra maneira, os elementos sólidos para *sustentação* do ser e estar na vida. O que está envolvido nessas ações é a necessidade desejosa de um tipo específico de formação de gente em dada nação capitalista.

c) Elementos de Junção: Um jogo de chaves; a percepção sobre o antigo e o novo bancário na fala de um antigo bancário.

Para sedimentar o constructo categorial exposto, podemos nos referir a uma de nossas entrevistas com um antigo bancário do Bradesco. Nela, pedimos ao senhor de 59 anos, que iremos denominar como “Sr. L”, que nos amparasse no entendimento sobre o *antigo* e *novo* bancário. Nossa ideia foi justamente sair das dimensões planificadas e entrar no rol de percepções que os trabalhadores fazem de si e das gerações que os sucedem.

O que nos foi passado foram considerações precisas em questões temporais e vivacidade de contextualização. Dessa maneira, levantando a ideia de um terreno firme no pensamento “nativo”, e de outra forma viabilizando, como nos reportamos, o empenho para situar as *categorias de fundamento*.

É necessário ressaltar, que se trata de uma conversa entre nós e o entrevistado e que a mesma foi transcrita mantendo o tom de oralidade em que a mesma se apresenta.

- *“O importante de o Senhor contar a sua trajetória, é que se vai juntando uma quantidade de exemplos, e esses exemplos vão compondo uma história, e desde o momento que você começa a contar como você começou a trabalhar, isso mostra uma ideia de formação para o trabalho que vai sendo composta, ou seja, aquilo que você tem para lidar com o trabalho, com o cotidiano. Essa formação corresponde muito com uma ideia de um tipo de trabalhador que o Bradesco vislumbrou por muito tempo, e que de certa maneira, ainda acontece. Bem, conforme o senhor nos disse, quando você chega a Adamantina (cidade do interior paulista), você chegou lá em 1990 e foi demitido em 92. Nesse momento, o Bradesco já havia passado por algumas rupturas, e é momento que seu fundador, Amador Aguiar falece. Então, o Banco passou de “Bradesco Instantâneo” para um novo tipo de Bradesco, se não me engano, para um novo “layout”, e daí um novo tipo de funcionário se constitui no Banco e, está fora dessa trajetória que você compõe, que é uma lógica.*

Esse novo funcionário é um funcionário que não teve uma presença no Banco igual você teve, uma trajetória já de quase 15 anos, pegando assim o auge do tipo de trabalho que se tinha com o Amador Aguiar. Você passou a trabalhar com funcionários que vinham sendo formados já nessa “virada” do Banco, para se transformar no Bradesco que é hoje. Então, como você viu esse funcionário (...), o funcionário que você trabalhava antigamente e o funcionário que você se deparou, ou mesmo, o bancário de hoje?

Sr. L.: O funcionário que eu trabalhava antigamente tinha uma carência por ter mais segurança, de ter mais segurança por técnica, porque ele era colocado no Banco, às vezes, por uma questão de família, de boa conduta, por indicação. O funcionário atual, ele também tem essa característica, só que ele já tem uma visão de fazer uma faculdade, um estudo melhor, então ele já não é mais tão carente dessa situação do anterior. Então, o que ocorreu com isso? Ele (o Banco) perdeu. Esse funcionário, que nunca teve um laço afetivo igual eu tive com a diretoria, ele simplesmente vai ser como uma bateria de celular.

- “Quer dizer que os novos não compreendiam ou não compreendem esse movimento que você diz?”

Sr. L.: Então, eu tive com isso várias antipatias de funcionários, tinha uns que comungavam comigo e outros não, aí chegou um momento em que trocou o diretor, e eu tive algumas divergências de ordem pessoal com esse diretor, e o argumento usado era que eu era gerente de categoria “c”²⁶ porque eu tive assim, vários aumentos no meu salário – e não foi por eu pedi – mas pelo trabalho que eu tinha feito, e eu estava ganhando muito e não podia mais ficar em Adamantina, eu tinha que ser gerente de “urbana”. Mas isso que eu já percebia, se eu ficasse como gerente de “urbana”, eles iam arrumar argumento lá pra frente para me tirar, porque quebrou um vínculo, porque eu havia perdido meus correligionários dentro do Banco, de grande prestígio, um não era mais diretor, o outro tinha saído, o outro não foi mais votado, eu fiquei “a pé”, eu perdi minha base política dentro do Banco, e como tinha já um monte de rejeição, de antipatia por uma série de serviços que eu tinha feito em prol do Banco, ou alguma decisão que eu tinha tomado em prol do Banco, mas que não foram muito simpáticas, tanto de caráter interno, quanto de caráter externo, ajudou nisso aí, eu perdi os vínculos políticos que me davam sustentação.

Essas coisas não foram vistas, isso que me dói sabe, porque não viram minha ‘categoria’. Igual por exemplo, o Pelé fez o gol e até hoje é lembrando, então passou para história, o Maradona quando fez o gol de mão em 86 passou para história, e eu fiz coisas no banco que era de servir para colocar em Museu e simplesmente foi ignorado, isso aí foi o que mais me machucou, a ignorância e a frieza, que eu chamo de ingratidão.

- “Veja, nas Ciências Sociais muitas vezes nós temos que formular algumas categorias para interpretar e escrever as coisas, é como se fosse uma ferramenta de trabalho, ela não existe ainda, ou até mesmo existe, mas dependendo da abordagem que se faz, ela não existe. Eu preciso falar sobre o novo e o antigo bancário. Antes, você tocou num assunto

²⁶ Conforme Regulamento Interno do Bradesco (que ainda conservava o nome Banco Brasileiro de Descontos S.A.), de maio de 1974, no seu Capítulo III – Da classificação dos Funcionários. Art. 10º; § 3º, “categoria c” remete a funcionários “Faixa C” – ou seja, “Titulados, qualquer que seja o tempo do Banco;”. A ideia do antigo bancário de que havia pendências pessoais com seu Diretor é válida a partir do argumento dissimulado pelo diretor, pois de acordo com o Artigo 10º, “Os funcionários do Banco serão classificados por faixas, dentro do critério previsto neste Regulamento Interno, independente de funções, salários ou tempo de serviço, e sem que isso venha a ser constituído em direito adquirido para o funcionário”.

de “*Mensagem a Garcia*”²⁷, e isso é muito importante. Na sua “cabeça”, o que é o antigo bancário, e o que é o novo bancário?”

Sr. L: Você falou de ferramenta, vou te dar um exemplo típico, o antigo bancário é a chave inglesa, que não era de muita precisão, mas fazia tudo. O novo bancário é a chave “torx”, muito boa, mas só serve para um parafuso. Não sei se expressei bem. A chave inglesa não tem muita precisão, mas se você trabalhar um pouquinho, ela afrouxa o parafuso; a chave “torx” é uma chave específica para um tipo de parafuso. Então, o cara antigo é a chave inglesa, ele não podia ter aquela precisão assim, de pegar certinho o parafuso, mas ele se ajustava e resolvia o problema, os de hoje têm aquela dificuldade de resolver.

CHAVE INGLESA



CONJUNTO DE CHAVES TORX



Dados esses sentidos, observa-se que o diálogo incide sob elementos temporais, certamente dados pelo tipo de pergunta que realizamos. Esses sentidos temporais se ligam ao momento em que se confrontam duas formas de entendimento do trabalho; como já referimos é o momento mais agudo de reestruturação dos Bancos nacionais em razão da abertura econômica que se estabelece mais propriamente a partir das movimentações para instauração do Plano Real em 1994.

Por outro lado, se nos pautarmos em considerações da *Psicodinâmica do Trabalho*, mais propriamente por expoentes como Cristhophe Dejours (1997, 2011), podemos

²⁷ “Mensagem a Garcia”, Mensagem circular no Banco na época em que o Sr. L era bancário. O seu conteúdo, contexto e função serão expostos no capítulo posterior.

estabelecer nexos importantes a partir dos atributos que foram passados na fala desse trabalhador que se dão sob a ideia de *confiança* nos tipos de relações no trabalho que experienciava.

Sob essa mesma noção, significa dizer que esse antigo bancário pautava suas ações numa rede desenvolta com margens maiores de segurança, pois isso era o que lhe permitia a solução dos problemas, consolidada na ideia instrumental de ser uma “chave inglesa”.

Sua ideia de qualificação é muito distinta do que se concebe atualmente, como já visto nas descrições de pesquisadores. A noção atual de qualificação observada pelo antigo bancário se dá como uma ideia de qualificação especializada num agir restrito, ou seja, considerando que a rede de ação desse antigo bancário exigia uma disciplina onde a noção de trabalho, ou mesmo de sua exploração se dava por outros níveis perceptivos, a do novo bancário está exposta às formas de controle em termos de produtividade, que de outro modo, podemos dizer que é uma polivalência direcionada, ou seja, o novo bancário pode circular em diversas funções, mas suas margens de ação são pré-determinadas.

Nesse sentido, no ideário do antigo bancário, essas redes ou margens de ação estão indicadas em sentimentos e termos como “afetividade”, “vínculo”, “correligionários”, “sustentação”, “base política”, realizações que se expandem para vida sempre em caráter construtivo, ideia diferente que faz dos mais novos, concebida através das dificuldades relacionais, ou seja, na solução de problemas, e se encaminha pelos sentimentos de medo, pressão, descartabilidade, indiferença. Possivelmente o jargão “o sistema não permite” está fora do ideário desse antigo bancário.

CAPITULO II – O tecido aderente.



1 Narrativas de vida e trabalho como campo de pesquisa.

De certa forma já vista anteriormente, ir ao encontro de narrativas de vida e trabalho de *antigos* e *novos* bancários do Bradesco e assim compor uma análise sobre precarização e precariedade a partir de suas experiências, sugere que agrupemos aspectos essenciais e, em certos momentos, comuns nas narrativas dos trabalhadores por nós coletadas através de entrevistas, relatos e conversas informais.

Conforme apresentamos, durante a pesquisa foram realizadas sete entrevistas com antigos e novos trabalhadores do Bradesco, resultando em relatos e entrevistas maiores. Essa diferenciação se deu, pois, os assuntos tratavam de vida e trabalho e, dessa maneira, o que foi privilegiado foram o ritmo e a síntese que os trabalhadores faziam de suas histórias.

Especificamente tivemos contatos próximos com quatro “antigos” bancários, sendo dois antigos gerentes demitidos do Banco, um trabalhador em atividade sindical e uma antiga copeira aposentada por invalidez em consequência de um acidente de trabalho. Entre os que consideramos “novos” bancários, mantivemos contato com três jovens mulheres contratadas pelo Banco entre o final da década de 1990 e meados da década de 2000, entre elas, apenas uma se mantém na empresa, as outras duas pediram demissão, considerando descontentamento com o trabalho e mudança de perspectiva em relação a carreira e formação.

Em termos de exposição e o formato que daremos a ela, iremos considerar em nosso trabalho um relato e duas narrativas maiores, o fato de num rol de sete entrevistas utilizarmos apenas três narrativas se dá pelo fato, como dissemos, do formato de nossa exposição e, de outra forma, porque tais narrativas sustentam elementos suficientes que evidenciam e compõem elos e contrastes sobre o antigo e o novo tipo de trabalhador do Bradesco.

Certamente as demais narrativas tiveram grande valor para composição dos nossos argumentos, porém, não queremos dar contornos redundantes em termos expositivos.

Cabe advertir que não é nosso interesse tendo como foco a articulação das categorias no capítulo anterior, viabilizar de maneira intensiva a história institucional do Banco, suas ações mercadológicas e desenvolvimento tecnológico. O que justifica esse procedimento são dois aspectos.

Primeiro, nossa intenção não é a reprodução de trabalhos que já trataram de forma exímia o assunto (ACORSSI, 1992; JINKINGS, 2002; GOMES, 2000; SEGNINI, 1988), pois nesse sentido, ao se reproduzir ou nos pautarmos demasiadamente em suas perspectivas, corremos o risco de sermos falhos em nossa proposta.

Segundo, nosso recorte, *experiências da precarização e precariedade do trabalho, focadas nas narrativas de vida e trabalho de antigos e novos bancários*, é uma dimensão entre outras que podem ser consideradas na relação capital-trabalho, ou seja, nossos nexos permeiam, mas não se dão como análise dos elementos de subjetivação por meio da automação nos processos de trabalho nas empresas; bordejam, mas não se fazem como análise institucional ou das configurações de culturas organizacionais, e de tal maneira, podem se pautar, mas não são uma exigência extensiva como os estudos de expansão territorial das grandes organizações.

Não estamos inclinados construir uma história institucional por meio das mazelas do trabalho, e da mesma forma gerar arcabouços histórico-econômicos. Nossa abordagem vai ao encontro da percepção e como se articula na vida desses trabalhadores os elementos da precariedade e precarização do trabalho.

O Banco Bradesco se dá como o elo mediador entre os entrevistados que foram ou são profissionais bancários. Não há que negar que suas experiências comuns são vistas por eles a partir do trabalho que realizam ou realizavam, considerando elementos organizacionais e posturas gerenciais no interior da empresa, no entanto, suas narrativas se situam no interior de escalas maiores, pois procedem sob lógicas que figuram no agir em suas vidas.

De outra forma, queremos dizer que aprofundar uma análise a partir dos fundamentos que estamos utilizando e direcioná-las às transformações tecnológicas e estruturais do Banco, não seria eficaz para evidenciar os aspectos sutis e destrutivos que as vivências do trabalho implicaram e implicam no cotidiano de vida.

Nesse sentido, devemos nos pronunciar por um intercurso.

Foi numa consulta rápida em um desses dicionários comuns, quando procurávamos os significados do verbo *aderir*, que acabamos por nos deparar com uma frase oportuna: “o tecido aderiu ao corpo”. Gostariamos mesmo de fazer fluir para dentro do texto essa determinação.

A frase nos chamou bastante atenção, observe que no decorrer da composição de nossa exposição houve o esforço metodológico para que as falas dos trabalhadores bancários pudessem se apresentar de maneira que construísse um terreno firme e se desse como recurso fundamental.

Desse modo tomaremos a liberdade de introjetá-las em nosso texto de forma precisamente proximal, de modo que o leitor possa se sentir lançado a elas, no entanto, balizaremos alguns temas e conduziremos alguns contextos, que conforme a proposta introdutória, traduz-se em tensionar entre os *sentidos* das narrativas e a *significação* que poderemos dar.

Metodologicamente esse procedimento equivale situar as narrativas sob forma de entendimentos válidos e não como meros encaixes explicativos. Uma possibilidade é o diálogo proximal exposto, ou seja, levaremos os bastidores ao palco e a experiência será construída conjuntamente com as falas.

Desse modo, o enredo textual absorverá os diálogos compondo as estruturas de exposição através de histórias de bancários.

2 Nexos - O Bradesco.

Nesse primeiro momento, é importante considerar que o Bradesco devido ao seu desenvolvimento e expansão territorial, figura desde meados da década de 1970 como um dos maiores bancos nacionais, o que possibilita compreender em tempos largos, as transformações globais do capitalismo e as dinâmicas sócio-históricas da economia política nacional, e nesse sentido, as mutações nas relações sociais de trabalho.

No que se refere ao trabalho bancário, foi e é uma instituição que carrega consigo valores institucionais fortes e arraigados desde sua formação, é um Banco de carreira fechada, o que favorece entrever sedimentações de formas de exploração do trabalho calcadas em termos de dominação e controle ao longo das trajetórias de seus empregados.

O que pudemos observar nas entrevistas, principalmente através de relatos dos atuais trabalhadores, é que o discurso gerencial da empresa se apresenta com elos entre passado institucional e adequações às novas exigências capitalistas.

Nesse sentido, o Bradesco sempre foi considerado um Banco dinâmico e moderno em relação às inovações financeiras e tecnológicas, porém, ‘conservador’ na maneira de conceber o trabalho e seus trabalhadores.

Assim, tratar do Bradesco converge para existência de pontos que necessitam ser considerados. Primeiro, a questão organizacional do Banco, seu discurso gerencial e tipo de trabalhador almejado, essas questões informam historicidade em relação às crenças, valores e ideologia dessa instituição, e devem ser trabalhados, como já nos referimos a partir de uma idéia de ruptura e continuidade - o velho e o novo discurso gerencial do Bradesco - o que pode dizer muito sobre o perfil dos seus antigos e novos trabalhadores.

A postura da instituição em relação à padronização rigorosa do trabalho interno constitui a chamada “cultura organizacional” do Bradesco, um processo bastante imbricado com as perspectivas do Estado na formação do tipo de gente que se deseja para o trabalho.

A Fundação Bradesco é um expoente forte desse ideário, pois visa formar quadros futuros de trabalhadores ao Banco e suas ramificações empresariais, a partir da oferta educacional aos extratos mais pobres da população. Para compreensão dessa “cultura” ou padrão organizacional, temos como referencial o trabalho realizado por Liliana Segnini – *“A Liturgia do Poder: Trabalho e disciplina”* – Educ, 1988.

O segundo ponto se dá a partir da história da formação do Banco e seu desenvolvimento no contexto nacional. O Bradesco surgiu em 1943 no interior paulista, especificamente na cidade de Marília com nome de “Banco Brasileiro de Descontos S.A.”²⁸, na intenção de seus idealizadores em explorar o filão cafeeiro da franja expansionista para o interior do Estado de São Paulo, isso envolve toda a região de Marília e também o norte do Estado do Paraná.

²⁸ Assim está registrado, segundo a *Revista do Museu Histórico Bradesco*. Osasco (SP): Ed. Departamento de Marketing, Cidade de Deus, 1993 (apud, Gomes, 2000, p.14): “Marília, 10 de março de 1943(...) Pela constituição dessa sociedade, sob a denominação de ‘Banco Brasileiro de Descontos S/A’, com sede nesta cidade de Marília, Estado de São Paulo, para explorar o comércio bancário, tudo conforme escritura pública lavrada nas notas de 2º tabelião desta comarca, a folha 106 do livro 29, na data de 5-1-43, e Carta Patente nº 2.791, expedida em 14-1-43, e também conforme atos constitutivos arquivados na Junta Comercial do Estado de São Paulo em 2-3-43, sob nº 17.913, publicado no ‘Diário Oficial’ do Estado de São Paulo de 11-3-43, com capital de Cr\$ 10.000.000, 00 dividido em 50.000 ações de Cr\$ 200,00 cada”.

A formação do Banco se deu num período bastante peculiar, ou seja, no momento em que se consolidavam projetos nacionais ao final da Era Vargas, no âmbito das relações internacionais, o que se liga muito as políticas expansionistas para o interior do Brasil.

O Bradesco era um pequeno Banco de atuação regional que financiava e intermediava negócios a partir da atividade cafeeira de sitiantes da região de Marília-SP e do norte do Estado do Paraná. Em 1970 já era considerado o maior banco privado de varejo e com a maior rede de agências bancárias do Brasil. (GOMES, 2000).

Como ressalta Marcio F. Gomes em sua Dissertação “*A territorialidade do Bradesco: de pequeno banco caipira a maior banco privado de varejo*” (2000)²⁹, ao longo dos anos, o Bradesco passou de uma atuação regional para um Banco de atuação nacional (e internacional), tendo em vista sua expansão pelo território e seus movimentos de fusões e aquisições.

O crescimento do Bradesco se deu por meio de estratégias e práticas, quer do próprio Banco, quer do Estado brasileiro também. Entende-se que tais estratégias permearam contextos políticos e econômicos do desenvolvimento do país. De acordo Gomes (2000):

Essa transformação, de banco regional em de atuação nacional perpassa por combinações e recombinações do poder político (Estado), do poder do capital (banco) e do território (Rede), compondo estruturas e relações sócio-espaciais absolutamente complexas (GOMES, 2000, p.02).

Essa correlação também está posta por Segnini (1988) ao atrelar essa expansão à Reforma Bancária de 1964 e a Lei de Marcados de Capitais de 1965. Segundo a autora:

As técnicas econômicas e políticas, enquanto forças produtivas no interior do Estado ditatorial, constituem concomitantemente condição e produto do desenvolvimento do capital financeiro. Protegido econômica e politicamente pelo Estado, o capital financeiro se amplia sob condições monopolísticas. A lei da Reforma Bancária (Nº 4.595, de 31/12/64), a Lei do Mercado de Capitais (Nº 4.728, de 14/06/65) e a instituição da correção monetária constituíram os instrumentos institucionais para financiar as condições necessárias para o desenvolvimento industrial pretendido pelo regime. (SEGNINI, 1988, p.33).

Em sentido macro-econômico, o que ocorre é a articulação entre alguns setores da burguesia nacional com o capital internacional, incidindo num modelo concentrador de

²⁹ Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

renda e de produção de desigualdades, e de tal forma, num alto índice de exploração da força de trabalho e grande concentração populacional nas cidades.

Há que se convir que esse contexto possua raízes num momento um pouco anterior, com o ‘Plano de Metas’ de Juscelino Kubistscheck, que acelerou o processo de acumulação capitalista auxiliado pelo endividamento externo e emissão de moeda, haja vista a fragilidade, até então, do sistema financeiro nacional. Esses procedimentos formaram fatores importantes no movimento inflacionário e na consequente reforma financeira.

Tão logo, Segnini (1988), ao considerar o momento como a expressão do autoritarismo engendrado pelos grupos econômicos monopolistas, militares e tecnocratas, leva em conta que é nesse contexto que o Bradesco aponta como a única instituição financeira privada que atingiu os maiores níveis de crescimento entre 1964 e 1985, pois de 200 agências que possuía em 64 aumentou sua rede para 1916 agências já em 85, realizando assim a compra de 97% da força de trabalho que compunha seu coletivo. (SEGNINI, 1988, p.26).

Cabe observar que por esse viés (histórico-econômico), o período de que se trata foi de ampliação da industrialização no país, logo a demanda por crédito se tornava maior, o que também explica as mudanças nas formas de atuação dos Bancos, ou seja, esse processo acarretou em concentração bancária.

Nesse sentido, como foi dito, o processo é auxiliado por ‘mecanismos e instrumentos estatais’ que incentivavam a concorrência entre os Bancos, permitindo que grandes instituições assumissem o comando de inúmeras empresas não bancárias, desencadeando um processo de expansão do setor e aumento da especulação; essas ações podiam ser vistas pela incorporação de pequenos e médios Bancos, ou simplesmente pela exclusão destes.

Fora através dessas fusões e aquisições que se configurou um novo cenário protagonizado pelos Bancos privados nacionais: diminuiu-se o número de Bancos e aumentou-se o número de agências. Dessa maneira é que na década de 1970 o Bradesco já figurava com o maior Banco privado do país. (JINKINGS, 1995, p.41).

Dessa maneira, conclui-se que o sistema financeiro nacional tornou-se alvo estratégico de desenvolvimento econômico. O golpe de 1964 politicamente imporia essa reorganização, que encontrava um caminho mais suave com o Congresso Nacional coagido.

O quadro seguinte representa sucintamente as mudanças estruturais ocorridas pós-1964.

O Sistema Financeiro Brasileiro após as reformas de 1964	
Tipo de instituição	Área de atuação
Conselho Monetário Nacional (CMN)	Criado em 1964, em substituição à Superintendência da Moeda e do crédito (Sumoc), com função normativa e reguladora do sistema financeiro.
Banco Central do Brasil (BACEN)	Criado em 1964, como executor das políticas monetária e financeira do governo.
Banco do Brasil (BB)	Banco Comercial e agente financeiro do governo, especialmente em linhas de crédito de médios e longos prazos, para exportações e agricultura.
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE)	Criado em 1952 para atuar no financiamento seletivo de longo prazo para a indústria e infra-estrutura.
Bancos de Desenvolvimento (BD) regionais e estaduais	Atuação Semelhante a do BNDE, mas em âmbito regional/estadual.
Bancos Comerciais	Créditos de curto e médio prazos (capital de giro).
Bancos de Investimento	Regulamentados em 1966, para atuarem no segmento de crédito de longo prazo e no mercado primário de ações.
Sociedade de crédito, financiamento e investimento	Instituições não bancárias, conhecidas como “financeiras”, voltadas para o financiamento direto ao consumidor.
Sistema Financeiro de Habitação (SFH)	Criado em 1964, tendo o Banco Nacional de Habitação (BNH) como instituição central, e composto ainda pela Caixa Econômica Federal (CEF), caixas econômicas estaduais, sociedades de crédito imobiliário e associações de poupança e empréstimo (APE).
Corretoras e Distribuidoras de Valores	Mercados primário e secundário de ações.

Fonte: (Hermam, 2005 – apud Batista, 2007)

A partir do cenário exposto, considera-se que a estruturação do trabalho nos Bancos passou a se dar de maneira semelhante aos modelos tayloristas/fordistas adotados na indústria, compondo o ambiente propício para o início de mudanças tecnológicas e organizacionais. (JINKINGS, 2002).

Considerando a relevância do crescimento do Bradesco, nota-se que o Banco sempre esteve inserido nos processos sócio históricos de formação nacional, sua trajetória conflui com as histórias de vida de seus trabalhadores, e não distante, de como estes entrelaçaram e entrelaçam suas narrativas aos níveis dessas “estruturas”.

Tendo essa questão em mente é passível de se entender aos moldes de Antônio Gramsci a dimensão que gostaríamos de dar a essa imbricação:

A unidade histórica das classes dirigentes acontece no Estado e a história delas é essencialmente, a história dos Estados e grupos de Estados. Mas não se deve acreditar que tal unidade seja puramente jurídica e política, ainda que também esta forma de unidade tenha sua importância, e não somente formal: unidade histórica fundamental, por seu caráter concreto é o resultado das relações orgânicas entre Estado ou sociedade política e “sociedade civil”. As classes subalternas, por definição, não são unificadas e não podem se unificar enquanto não puderem se tornar “Estado”: sua história, portanto, está entrelaçada à da sociedade civil, é uma função “desagregada” e descontínua da história da sociedade civil e, por esse caminho, da história dos Estados ou grupos de Estados. (GRAMSCI, 2002, C. 25, p.140).

Poderíamos mesmo utilizar o pressuposto do pensador italiano para estender o desenvolvimento de composições de um cenário histórico econômico concomitante as estruturas do Estado e ‘sociedade civil’ e as formas de dominação do trabalho. Obviamente muitas transformações surgiram em plano macro até os finais da década de 2000, no entanto, entendemos que acabaríamos esvaziando nossa proposta; acreditamos realizar isso de outra forma.

É dado que os Bancos foram os grandes beneficiados por todo processo inflacionário subsequente, aprofundado em toda década de 1980, principalmente através do chamado “spread” creditício, ou seja, especulação financeira entre as taxas de juros no mercado de captação e as taxas de créditos vigentes, essa acumulação denotou em automatizações (implementações tecnológicas) no sentido da agilidade dos procedimentos e processamento de dados e aprimoramento organizacional que convergissem para captação de recursos e rapidez nos acionamentos no mercado das finanças (JINKINGS, 1995, 2000).

No mesmo sentido, outras medidas estatais se deram em privilégio dos Bancos, como se pôde ver em meados da década de 1990 com o Programa de Estímulo à Reestruturação (PROER) e o fortalecimento do sistema financeiro nacional, criado através da Resolução nº 2.208 do Conselho Monetário Nacional e da Medida Provisória nº 1.179, em novembro de 1995.

Essas medidas formavam as estruturas protocolares dos modelos de reestruturação bancária entre meados da década de 1990 e 2000, incidindo em mudanças nas formas de concepção do trabalho bancário como foi visto no capítulo anterior.

Necessariamente, o Bradesco se insere com uma instituição de ponta nesse processo, atuando como um Conglomerado empresarial no ramo financeiro.

Segundo dados da Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN, 2009), o Bradesco constitui-se hoje num banco múltiplo³⁰, e ao lado do Itaú-Unibanco, um dos maiores bancos privados nacionais³¹,

De acordo com dados do próprio Banco³², sua estrutura organizacional conta atualmente com a maior rede de atendimento do país, presente em 100% dos municípios brasileiros e, em diversas localidades no exterior.

Essa informação significa 46.971 pontos de atendimento distribuídos da seguinte forma: 4.228 Agências, Postos de Atendimento Bancário - PABs e Postos Avançados de Atendimento - PAAs no País; 3 Agências no Exterior, sendo 1 em Nova York e 2 em Grand Cayman; 9 Subsidiárias no Exterior (Banco Bradesco Argentina S.A. em Buenos Aires, Bradesco North America LLC nos Estados Unidos, Banco Bradesco Europa S.A. em Luxemburgo, Bradesco Services Co., Ltd. em Tóquio, Cidade Capital Markets Ltd. Em Grand Cayman, Bradesco Trade Service Ltd. Em Hong Kong e as agências em Nova Iorque e Grand Cayman); 34.839 Pontos Bradesco Expresso; 1.477 Postos de Atendimento Eletrônico - PAEs; 3.913 Pontos Externos da Rede de Autoatendimento Bradesco Dia & Noite e mais 10.753 da Rede Compartilhada. De acordo com tais dados, a Rede de Autoatendimento Bradesco Dia & Noite, com 34.516 máquinas, abrange pontos estratégicos por todo o país, e possui 12.455 máquinas de uso compartilhado.

³⁰ Para ser caracterizada como banco múltiplo com carteira comercial, a instituição deve ter, no mínimo, duas das seguintes carteiras, sendo uma obrigatoriamente comercial: de investimento ou de desenvolvimento, a última exclusiva para bancos públicos; de crédito imobiliário; de crédito financiamento e investimento; de arrendamento mercantil (leasing financeiro). Fonte: CNAE 1.0 – Comissão Nacional de Classificação (CONCLA).

³¹ Segundo dados do banco, as atuais aquisições do conglomerado do Bradesco foram: 2000 - Banco BoaVista Interatlântico S.A.; Banco das Nações S.A, 2001- Banque Banespa International S.A., em Luxemburgo; Banco Postal/Correios, 2002- Banco Cidade S.A. Banco Espírito Santo S.A. (BES) (3%); Banco do Estado do Amazonas (BEA); Banco Mercantil de São Paulo S.A.; Deutsche Bank Investimentos - DTVM S.A.; Carteira de CDC do Banco Ford S.A.; Ford Leasing S.A. Arrendamento Mercantil; 2003- Banco Zogbi S.A; Banco Bilbao Viscaya Argentaria Brasil, S.A.; Atividades de Administração e Gestão de Recursos de Terceiros do Banco JP Morgan S.A; 2004- Banco do Estado do Maranhão – B.E.M.; 2005 Banco do Estado do Ceará – BEC; 2006 - operações de Cartões de Crédito no Brasil da American Express Company; 2007- Banco BMC; 2008- Ágora Corretora. 2010 Aliança com Banco do Brasil na compra de operações do BES (Banco Espírito Santo) na África.

³² Dados acessados através do “portal” do Banco na “Internet”. Esses dados são referentes a dezembro de 2011, disponíveis em: <http://www.bradesco.com.br/>; <http://www.bancodoplaneta.com.br>.

Seu coletivo de trabalho (de acordo com os dados dispostos pelo Bradesco) se constitui com um quadro de entorno de 104.684 trabalhadores próprios e 10.620 funcionários terceirizados no final de 2011³³, distribuído conforme quadro abaixo:

Quadro funcional por categorias			
	2009	2010	2011
Conselho de administração	9	8	9
Diretoria estatutária	125	144	152
Superintendência	106	121	148
Gerência	8.670	9.531	11.086
Supervisão/Técnicos	32.509	35.633	39.296
Administrativo	17.523	18.794	17.103
Operacional	26.264	31.169	36.779

Conforme nota: * No total de Colaboradores, não são considerados os Membros do Conselho de Administração e Diretoria Estatutária. ** No total de Membros, incluem-se o Diretor-Presidente e um Conselheiro Independente
Fonte: Relatório de Sustentabilidade 2011 – Bradesco.

Mas ao retornarmos à consideração sobre os dois pontos de partida que devemos ter em relação Bradesco, observamos que as narrativas de vida e trabalho dos seus novos e antigos bancários, estão mais fortemente associadas ao primeiro ponto levantado, porém, de uma forma ou de outra se apresentam entrelaçadas a estas sedimentações histórico-econômicas e dados que compoem a história institucional; essas questões calcam representações fortes sobre o tipo e dinâmica de empresa que lidam.

Porém, é interessante notar, que os modos e práticas expressos pelos trabalhadores, também convergem para ideários e representações à ‘margem da história’ desses apontamentos, com lógicas ‘fora da linguagem’ macro estrutural – e sempre se apresentam entre o *extraordinário* e o *repetitivo* e em muitos casos com suas nuances *pitorescas*.

Como nos referimos em nossa introdução, é justamente aí que buscaremos adentrar, pois, quando sugerimos trabalhar com experiências da precarização e precariedade do trabalho, não estamos apenas dizendo sobre arquivar depoimentos de trabalhadores de

³³ Os dados foram obtidos através das disposições do “site” do Banco, confrontados entre o Balanço Social e o interativo “Gestão de pessoa”, ver: <http://www.bancodoplaneta.com.br>

determinada empresa ou setor e dizer sobre mudanças e depreciações implicadas em estatutos salariais, subjetivações no sentido de automações, direitos, garantias, adoecimentos relacionados às atividades laborais etc.

Para isso nossos recursos não se “prendem” apenas às representações dadas aos valores do trabalho impresso pela instituição, mas como essa questão se transmuta no agir cotidiano dos trabalhadores, pois, não se trata de ‘inatismo’ ou regras automáticas.

3 Nexos – “Mensageiros a Garcia”: O que há entre um poder disciplinar e formação para o trabalho ou, “ideário caipira”?

Em sentido histórico, como considerou Liliana Segnini (1988), a ‘Organização’ Bradesco representou de certa forma, a realização de projetos na perspectiva das políticas econômicas e sociais do Estado Militar pós 1964.

Considerando a concentração de renda e a pauperização das camadas populares do país no período, Segnini (1988) demonstrou que é nesse cenário que o Bradesco desenvolveu no interior de suas técnicas de gerenciamento, mecanismos de controle que buscavam ocultar as desigualdades ao mesmo tempo em que as reproduziam, no sentido de semiquificar seus trabalhadores, remunerando-os com os mais baixos salários do mercado e determinando-lhes longas jornadas de trabalho.

Esse proceder era possibilitado através de ações disciplinares desenvolvidas no cotidiano da ‘Organização’. O Bradesco sempre privilegiou em seus quadros a inserção de segmentos populacionais carentes.

Nesse sentido, o elevado grau de carência sócio-econômica desse segmento da população, constituía um campo fértil no qual o Banco semeava e desenvolvia seu poder disciplinar. (SEGNINI, 1988, p. 140).

É por essa configuração que se dava a idéia de totalização do controle sobre seus trabalhadores, pois existiam pretensos critérios de que a inserção de pessoas pertencentes às classes populares facilitasse a submissão, sem conflitos, às normas da empresa, na intenção de incultir-lhes noções moralizantes de acordo com os interesses da empresa.

Esse tipo de agir ainda é concebido atualmente e pode ser observado por meio dos investimentos que o Bradesco realiza em termos educacionais e de treinamento profissional. No período dos últimos dez anos foi investido em formação, principalmente

no que tange, a ‘Fundação Bradesco’ cerca R\$ 1.991 bilhões que atualizados pela taxa CDI/Selic, confere R\$ 3.534 bilhões³⁴.

Cabe ressaltar que existem leis de isenções fiscais e abatimentos que justificam o montante aplicado, no entanto, essa é uma quantia considerável.

Assim, a Fundação Bradesco se torna um notável expoente desses investimentos; certamente seus critérios na atualidade seguem noções do empreendedorismo, tecnologia e sustentabilidade empresarial, contudo, não é intenção que estendamos nossa abordagem para os eixos do tipo de formação e estruturas que compoem essa fundação educacional.

Mas, se torna válido dizer que a Fundação Bradesco tem papel fundamental na dimensão do ideário disciplinar dos trabalhadores no Banco. A primeira instituição escolar foi criada em 1962 na Cidade de Deus, em Osasco-SP, amparada pela Reforma do Ensino de 1º e 2º Grau (Lei 5.692/71), cujo objetivo geral era a qualificação para o trabalho e o preparo para cidadania.

Foi a partir de 1971 que o Bradesco dedicou-se efetivamente à formação de sua própria força de trabalho, que através dos incentivos fiscais criados pelo Estado expandiu sua rede de ensino, chegando em 1985 a possuir 29 unidades escolares que atendiam 33.000 crianças (SEGNINI, 1988, p.38).

A formação educacional oferecida pelo Bradesco, segundo seus estatutos, se dirigia aos trabalhadores do Banco e de empresas coligadas, ao passo que focava a educação dos filhos desses trabalhadores e outras crianças carentes de “benefícios educacionais”. A intenção era a “*integração do homem na força de trabalho*”³⁵.

De acordo com Segnini (1988), essa conformidade era dividida em termos organizacionais, em quatro unidades:

- Pronam – Programa Nacional de Alimentação.
- Pecplan – Inseminação Artificial.
- Centrefor – Centro de Treinamento e Formação Educacional.
- Centro Educacional.

³⁴ Dados disponíveis no “site” da Fundação Bradesco – Investimentos e Resultados. Ver: <http://www.fb.org.br/Institucional/InvestimentoseResultados/Investimentos/>

³⁵ FUNDAÇÃO BRADESCO. O complexo Bradesco de educação. s.n.t mimeo (apud Segnini, 1989, p. 40).

Na perspectiva atual, a Fundação Bradesco parece operar na mesma lógica, ou seja, “integração do homem na força de trabalho”. Hoje em dia comporta 112.081 alunos, além dos integrados em projetos e parcerias e na Educação à Distância. São 40 (quarenta) unidades, ao menos, uma em cada Estado da Federação e no Distrito Federal; as unidades de Bodoquena (MS) e Canuanã (TO) são internatos³⁶.

Assim, com certas noções em continuidade desde sua formação, pode ser visto através de informações publicadas pela própria instituição, os seguintes indicativos:

- ***Há mais de cinco décadas a semente foi lançada.*** A Fundação, hoje, se afirma no consenso de que educar é transformar vidas e abrir caminhos.
- *Essa tarefa demanda a afirmação de um conjunto de princípios educacionais e éticos que orientam ações pessoais e coletivas na condução do projeto maior que é a formação e profissionalização de milhares de brasileiros, nos mais diversos recantos do país.*
- *Desenvolve propostas pedagógicas que levam em conta as reflexões contemporâneas sobre educação, nos segmentos de educação básica, profissional e educação de jovens e adultos. Procura implantar infra-estruturas que consideram os avanços tecnológicos, associados aos recursos das regiões onde estão suas escolas. (os grifos são nossos).*

Seus critérios de atuação são postos da seguinte forma:

Missão: Promover a inclusão social por meio da educação e atuar como multiplicador das melhores práticas pedagógico-educacionais junto à população brasileira socioeconomicamente desfavorecida.

Visão: Queremos que nossas escolas sejam das melhores, principalmente na formação do homem, um homem de caráter.

Princípios Éticos: Integridade, equidade, compromisso com a informação e com a eficiência nos resultados, relacionamento construtivo, liderança responsável.

Como apontamos não iremos convergir a discussão para as questões da qualificação da mão de obra no Banco. Iremos privilegiar o ideário que aí está implícito, pois, o histórico de inserção de trabalhadores no Bradesco informa que os critérios de seleção de seu pessoal tem a função de coesão social, no sentido minimizar conflitos e maximizar a produtividade.

Nesse ponto incorre a “proposta de colaboração harmoniosa que é concretizada no sistema de carreira fechada”, que não sugere apenas a intenção de obter trabalhadores

³⁶ Dados e informações disponíveis no “site” da Fundação Bradesco: <http://www.fb.org.br/institucional>

capazes para seus cargos, mas de despertar-lhes o potencial de submissão a ideologia da empresa, por entendê-la como um degrau para o ingresso e promoção na carreira. (SEGNINI, p. 142).

Esse movimento antigo e já tácito na instituição se realiza, conforme bem cunhou Segnini (1988), sendo o gerador de um comportamento que através da minização das diferenças individuais, uniformizando-as de acordo com os padrões de conduta caracterizados pela obediência ao ideário organizacional, forma o que se convencionou dizer “*Mensageiros a Garcia*”.

A noção do termo empreendido por Segnini (1988), “*Mensageiros a Garcia*”, se refere a uma mensagem circular do Bradesco, que hora ou outra corria nas agências, sendo esta distribuída em vários momentos para funcionários e clientes.

Essa mensagem é uma publicação antiga que data de 1899 nos Estados Unidos da América, escrita pelo pensador Elbert Hubbard. Seu título se refere a um militar, Tenente Rowan, que levou uma mensagem ao General Garcia sem pedir orientação a ninguém, desafiando os inimigos cubanos, sem medir qualquer tipo de esforço e intempérie. Este texto tornou-se símbolo de determinação e competência, de acordo com a lógica de exploração do trabalho e produção capitalista. (A íntegra do texto pode ser vista em anexo à página 143).

O seu conteúdo está fortemente ligado aos preceitos de conduta ética no Bradesco, ou seja, em termos histórico institucional, esses preceitos são observados em, Regulamentos Internos, ‘Declaração de Princípios’ e a vigilância existente entre trabalhadores promovida por essa concepção.

Em um regulamento interno que data de 1974 podemos observar como esses sentidos estão postos em forma de condutas morais no nível das “Atribuições Gerais” passadas aos trabalhadores do Banco na época (ver documento em anexo, página 145). O documento é enfático no seu Artigo 26 (Capítulo V- Das Atribuições Gerais).

Art. 26 - Este Regulamento Interno deve ser impresso em forma de livreto, para ser entregue a todos os funcionários, não importando a categoria hierárquica ou tempo de serviço dos mesmos, que deverão acusar o recebimento ao Departamento do Pessoal, declarando, nessa correspondência, que tomaram inteiro conhecimento das disposições regimentares e que se comprometem a cumprí-las fielmente. Deve, ainda, figurar na primeira folha do Mapa de Instruções, **para ser relido frequentemente, e, assim, ser de viva lembrança.** (os grifos são nossos).

Num modelo atualizado, o “Codigo de Conduta Ética Bradesco”, aprovado na “RECA nº 946, de 30.6.2003, e revisado nas RECA nº 1.010, de 31.5.2004, RECA nº 1.060, de 15.2.2005, RECA nº 1.366, de 30.10.2008 (alteração de denominação, entre outras), RECA nº 1.718, de 27.12.2010 e RECA nº 1.792, de 25.7.2011³⁷”, e que deve ser assinado por todo trabalhador que adentra a Organização, prescreve aos novos e modernos “mensageiros”:

“Caros Colaboradores,

*O regime da livre iniciativa e concorrência impõe às empresas, seus representantes, prepostos e funcionários conduzirem-se dentro de um ambiente de respeito e entendimento, zelando para que toda e qualquer forma de relacionamento, interno ou externo, enalteça a dignidade das pessoas, preserve a **lealdade** e assegure transparência, indispensáveis à coexistência dos sentimentos de **confiança** e de **boa-fé**.*

*Desde o início das atividades da Organização, sempre prestigiando o diálogo e a força do trabalho, conseguimos conquistar a admiração de nossos clientes e parceiros, resultado da **firmeza** das nossas ações e **seriedade** que devotamos ao **trabalho**.*

*Estamos ampliando constantemente o nosso universo de clientes e parceiros, atraídos pela certeza de que na Organização há respeito à **ética** e à **dignidade** das pessoas.*

*A **reflexão sobre esse importante assunto**, em suas mais variadas formas, conta com o comprometimento do Conselho de Administração, que expressa, por meio deste Código de Conduta Ética da Organização Bradesco, as **linhas mestras que orientam a nossa política de relacionamento**, desempenhando papel fundamental no processo de fortalecimento da cultura da Organização.*

*Assim, é dever de todos **conhecer, entender, vivenciar e tornar efetiva a observância das recomendações** previstas neste Código de Conduta Ética, respeitando os valores nos quais elas se inspiram”³⁸.*

Os valores e princípios do atual “Código de Conduta Ética” se pautam nos seguintes termos:

- a) Cliente como razão da existência da Organização.
- b) Transparência em todos os relacionamentos internos e externos.
- c) Respeito à concorrência.
- d) Crença no valor e na capacidade de desenvolvimento das pessoas.

³⁷ Reunião Extraordinária do Conselho de Administração.

³⁸ Os grifos são nossos.

- e) Respeito à dignidade e diversidade do ser humano.
- f) Responsabilidade socioambiental, com promoção e incentivo de ações para o desenvolvimento sustentável.
- g) Compromisso com a melhoria contínua da qualidade do atendimento, de produtos e de serviços.

Tais termos envolvem:

- a) Integridade.
- b) Equidade.
- c) Compromisso com a informação.
- d) Exatidão
- e) Valorização de pessoas
- f) Relacionamentos Construtivos
- g) Liderança Responsável

Mas, *em que traços* essas disposições carregam e dizem sobre um ideário “caipira” e *remetem a noções de rupturas e continuidades*, e o que isso tem haver com uma noção de formação para o trabalho?

Estamos de cordo com Gomes (2000) quando observa que as relações de poder do Bradesco se estruturam em princípios que por sua vez surgiram a partir de uma “origem caipira” e de um “ideário disciplinar”.

Conforme o autor, a resposta pode estar na biografia de um dos fundadores do Banco, Amador Aguiar, “um homem de poucas palavras, rude, enérgico e simples” (GOMES, 2000, p. 17).

Esse homem nascido em 11 de fevereiro de 1904 na cidade de Ribeirão Preto, é o terceiro de 13 filhos de João Antônio Aguiar e Silva e de Maria Coelho, um casal humilde de lavradores do interior. Pelos dados que se utiliza Gomes (2000), tratados na Revista Exame de 1973, na matéria “O Eterno Bancário”. Amador Aguiar cursou apenas os quatro anos primários.

Até os dezesseis anos, o fundador do Banco era um lavrador, apesar dessa trajetória nunca ter sido confirmada por ele, depois se tornou tipógrafo na cidade de Sertãozinho, onde fora criado.

Aos 21 anos, iniciou sua carreira de bancário, trabalhando como contínuo e simples funcionário no Banco Noroeste do Estado de São Paulo onde chegou em 1943 ao cargo de subdiretor e se lançou posteriormente na transformação de uma Casa Bancária de Marília-SP, chamada “Casa Bancária Almeida”, em Banco Brasileiro de Descontos S.A. – o atual Bradesco. (GOMES, 2000, p. 19).

Gomes (2000), considera uma passagem que entendemos como *mítica* sobre o assunto, relatada na Revista Exame, citada anteriormente. Conforme descreve o autor:

José Galdino de Almeida, logo no início da fundação, entregou a direção da Casa Bancária Almeida ao seu filho José Alfredo Almeida (Zezé) – diretor superintendente – e aos genros, José Cunha Júnior (médico da zona da Estrada de Ferro da Alta Paulista) que exerceu a presidência do Bradesco até aposentar-se aos 73 anos, em 1972 – e José Carlos Negreiros, diretor gerente. Dois dias antes da fundação do Bradesco, um dos três sócios em passagem de negócios pela cidade de Santos, morreu repentinamente, de um colapso cardíaco. Assim foi preciso escolher com urgência um novo diretor gerente. O Dr. Cunha propôs a Zezé o nome de Amador Aguiar, onde ocupava o cargo de subdiretor regional do Banco Noroeste S/A. Aguiar, com seus 39 anos, aceitou o cargo e levou consigo um de seus companheiros de trabalho, o jovem Laudo Natel [...]. O Dr. Cunha relatando o fato de Amador ter aceito o convite para trabalhar no Bradesco, declara: “Ele não discutiu (...) o Aguiar vestiu o paletó e partiu para Marília comigo”. (GOMES, 2000, p.15).

Uma nota importante sobre essa passagem é a trajetória do “jovem” Laudo Natel, que “abandonou” a carreira de bancário e ingressou na carreira política, tornou-se Governador do Estado de São Paulo por duas vezes . Natel se autodenominava o “Governador Caipira”. Seu primeiro governo foi entre 1966-67, quando vice-governador, assumiu a cadeira de Ademar de Barros, cassado pelo Regime Militar. Seu segundo mandato segue entre 1971-75.

Esses dados convergem com as imbricações consideradas por Segnini (1988), e assumidas por nós pelo viés de Gramsci. Laudo Natel em seu último mandato deu ênfase ao desenvolvimento do interior paulista, através do Plano Rodoviário de Interiorização do Desenvolvimento (PROINDE).

Nesse sentido, unificou a malha ferroviária sob insígnia da FEPASA (Ferrovia Paulista S.A.), criou a ‘Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo’ (SABESP) e a ‘Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo’ (CETESB). Em 1978 tentou nova candidatura, mas foi derrotado na convenção de seu Partido (ARENA³⁹) pelo então Secretário de Transportes, Paulo Maluf. Em 1982 tentou novamente o pleito pelo PDS⁴⁰ (Partido que sucedeu a antiga ARENA), mas fora derrotado nas bases partidárias novamente⁴¹.

³⁹ Aliança Renovadora Nacional.

⁴⁰ Partido Democrático Social.

⁴¹ Uma bibliografia sobre o tema pode ser vista em: VIVEIROS, Ricardo, *Laudo Natel - Um Bandeirante*. São Paulo: Editora Imprensa Oficial, 2010.

Por esses dados, a passagem remete para além da mítica cena do paletó. Entendemos que essas pessoas são agentes de importância que atuaram sob financiamentos da produção na frente de expansão para o oeste do Estado de São Paulo. Isso significa que existe uma política que vai ao encontro de aberturas nas estruturas de um Brasil rural, carregados de resquícios com o passado colonial e da Primeira República.

Nota-se a pouca idade de formação dos municípios da Região. Marília conta com 84 anos, além disso, os pitorescos nomes “indígenas” de boa parte de seus municípios: Tupã, Parapuã, Iacri, Ocaçu, Paraguaçu, Pacaembu, Irapuru, misturados a Marília (de Dirceu), Pompéia, Osvaldo Cruz, Gália, Rancharia; esses “talvez” sejam indícios fenomenológicos, enfim, são outras histórias.

O que queremos dizer é que existe o uso do conhecimento nativo “caipira” que prepondera nas ações iniciais de expansão do Bradesco, pois a antiga Casa Bancária Almeida negociava arroz no município de Marília e posteriormente, o Banco Brasileiro de Descontos, nas ações de Amador Aguiar, destinará empréstimos a pequenos e médios sítiantes da região. Nesse sentido, havia contato direto com esses lavradores, imigrantes e população rural que predominava nesses municípios. (GOMES, 2000).



304384 SÉRIE XXII DATA <u>2-10-52</u> A FAVOR DE <u>Aguiar</u> EM PAGAMENTO <u>de</u> <u>Redu</u> SALDO ANT. CR \$ <u>1000,00</u> DEPÓSITOS CR \$ <u> </u> CR \$ <u> </u> TOTAL CR \$ <u> </u> IMPORTÂNCIA CR \$ <u> </u> DESTE CHEQUE SALDO A CR \$ <u> </u> TRANSPORTAR CR \$ <u> </u>		Banco Brasileiro de Descontos S.A. Série XXII Cr. \$ Nº 304385 Pague por este cheque em..... ou à sua ordem a quantia de..... Flórida Paulista de de 19.....
---	---	---

(Cópias de um cheque do Banco Brasileiro de Descontos S/A [Sacado]. O título data de 1952 e se vincula a agência bancária de Flórida Paulista-SP; pertencia a um pequeno agricultor da cidade – [emitente]).

Entendemos que os idealizadores do Banco eram conhecedores da ‘terra’, falavam, compreendiam e assim exploravam em determinações capitalistas, apesar do “*status*” que ocupavam, o saber-fazer local. Acreditamos que ocorreu uma instrumentalização desse saber (o trabalho obstinado do camponês) dada por meio de práticas impostas por Amador Aguiar.

É oportuno dar sustentação a essa questão, pois ela se conjuga aos aspectos de ‘ideário disciplinar’, que de acordo com Liliana Segnini (1988) está pautado na “Declaração de Princípios” que vigorou até início dos anos de 1990 no Banco.

É fato que aos 25 anos Amador Aguiar se converteu ao Presbiterianismo, religião de sua esposa, Elisa Silva Aguiar. Talvez aí esteja um indicativo da associação que Liliana Segnini (1988) realiza entre “ideário disciplinar”, os antigos ritos comemorativos do Bradesco, tal como o “Dia Nacional de Ação de Graças” e “ética do trabalho”, pautando-se nos argumentos da sociologia de Max Weber em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”.

Para Segnini, a Declaração de Princípios sugere o dever profissional, base na qual o Bradesco procura construir sua filosofia - um verdadeiro ‘ethos’ (SEGNINI, 1988, p. 115).

Cabe ressaltar que a Declaração foi redigida a próprio punho por Amador Aguiar em 12 de março de 1983. Segue a transcrição conforme a autora:

Declaração de Princípios

Eu, fulano de tal, prometo, solene e fielmente, com otimismo e entusiasmo que seguirei e defenderei os princípios que a seguir declaro.

- 1- *Amar o Brasil, dedicando-me integralmente a ele e trabalhando sempre mais e melhor, até onde minhas forças permitirem;*
- 2- *Colocar os interesses públicos, os do Banco e demais organizações Bradesco acima dos meus próprios interesses;*
- 3- *Dentro da convicção de que ‘só o trabalho pode produzir riquezas’, agir com plena dedicação ao mesmo, com todo meu amor, minha disciplina e justa humildade;*
- 4- *Respeitar e manter o princípio da hierarquia, condição essencial, quer no Estado, na Família e na Sociedade, para o aprimoramento do homem*
- 5- *Com o mais sincero sentimento de amor à Pátria e inspirado sempre nos princípios cristãos, colaborar para formação de um Brasil melhor, através das Fundações mantidas pelo Banco e associados, educando, alimentando, curando, vestindo, formando melhores técnicos e, dentro das possibilidades permitidas, promovendo oportunidades aos brasileiros desafortunados que, através dos tempos, pela inconsciência de alguns e pela indiferença e criminosa omissão de outros, ainda não puderam sair da miséria do analfabetismo;*
- 6- *Dedicar-me a atividades construtivas e de bem coletivo, entrosadas com as que o Bradesco vem mantendo, ou a outras, com a aprovação do Conselho de Administração do Bradesco;*
- 7- *Responder, moral e materialmente, pelos eventuais e involuntários erros que venha a cometer;*
- 8- *Tratar a todos com urbanidade e respeito, principalmente os mais humildes e necessitados;*
- 9- *Integração total à filosofia de vida e do trabalho do Banco, respeitando e fazendo respeitar seus estatutos e Regulamento Interno, bem como os dos seus associados.*

Local

Data

ASSINATURA

Estamos inclinados a dizer que a questão religiosa do banqueiro não sobredeterminou esse ideário, mas sim, houve uma convergência entre um tipo de formação fortemente calcada nos valores de entendimento que se tinha do trabalho (ideário caipira) e um ideário disciplinar.

De outra forma, seria difícil ligar essa “Declaração de Princípios” aos valores postos para serem exercidos pelos antigos trabalhadores do Banco e assim apontar continuidades vistos na espécie de codificação atual.

Vale perguntar, como podemos elucidar isso?

Temos apontado que o Bradesco possui uma ‘simbologia’ fundamentada nos valores do trabalho, isso pode ser visto nos monumentos em destaque nos jardins da Matriz

do Banco, na Cidade de Deus em Osasco-SP. São apologias ao trabalho em ‘bases interioranas’.

Assim são, a Locomotiva “Maria-fumaça” que transportava café e algodão das frentes pioneiras para as cidades portuárias; o ‘burraco de bronze’ que carregava arqueado, pesados cestos (balaies) e, representa a dedicação ao trabalho; além de impressos que figuravam no Banco com os dizeres: “Só o trabalho pode produzir riquezas”.

Ao nosso ver, esse “ideário caipira”, são nexos de um tipo de formação para o trabalho obstinado, sem aparentes questionamentos, numa idéia que comunga uma noções de ‘simplicidade’, firmeza e implícita ‘honestidade’, muito diferente da figura do “Jéca” impressa por Monteiro Lobato. Como observamos, o Banco nasceu nos intentos da expansão territorial e de intensa produção cafeeira, desconstruir o mito caipira - sem sonhos de crescimento e progresso, vai ao encontro desse tipo de política.

Nesse sentido, para nós, o elemento mais representativo está no “plano de carreira” do Banco, ou seja, a “carreira fechada”. Isso significa que esses valores fiquem perpetuados, ou os princípios da Organização se dêem em continuidade.

Um atual e bom exemplo, foi a matéria feita pela Revista “Isto é – Dinheiro” em 18 de março de 2009 – “A Nova Era do Bradesco”⁴² - quando o atual Diretor-Presidente do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco Cappi assumiu o cargo.

A Revista inicia a matéria da seguinte forma: “*A nova era do Bradesco Luiz Carlos Trabuco assume a presidência e conta à DINHEIRO como vai administrar o banco fundado por Amador Aguiar*”.

Consequente na matéria, os valores míticos são apontados:

*O primeiro café **sai bem cedo** na Cidade de Deus, como foi batizada a sede do Bradesco, em Osasco, município da Grande São Paulo. São **seis e meia da manhã** e o novo presidente executivo do banco, Luiz Carlos Trabuco Cappi, **já está a postos na grande sala de trabalho** da diretoria, no Prédio Novo. Ele **segue o exemplo do** chefe, Lázaro de Mello Brandão, o presidente do Conselho de Administração, **notório madrugador**. Às 7h30 da quinta-feira 12, ambos se dirigem ao heliponto do banco para posar para as lentes da DINHEIRO. **A cena remete a uma foto histórica do século passado**: o encontro, em janeiro de 1981, do fundador Amador Aguiar e seu sucessor, que aponta para o futuro. Ao fundo, o edifício no qual trabalha até hoje. Este é o retrato fiel do Bradesco. **Presente e passado se misturam e se completam, num processo de continuidade e renovação que já dura 66 anos. O Bradesco,***

⁴² A Matéria da Revista “Isto é - Dinheiro”, é assinada por Milton Gamez e as fotos por Claudio Gatti .

mais uma vez, muda para continuar o mesmo. (ISTOÉ – DINHEIRO, 2009 s/n; grifos nossos).

A Matéria aborda temas como a fusão do Itaú-Unibanco que, em termos de ativos superou o Bradesco - na liderança há décadas, e nesse sentido, imputa ao atual Diretor Presidente o desafio da reconquista do posto. Para tanto, leva em conta as considerações do Diretor de Conselho Administrativo do Bradesco, Lázaro Brandão, um dos mais antigos funcionários e comandantes do Banco; na época Brandão contava 82 anos de vida.

Ao ser questionado pela boa recepção que Trabuco teve diante dos acionistas, Brandão responde: *“ele é da gema”*. Essa frase é importante e abre as portas para revista tecer um histórico pessoal e profissional de Luiz Carlos Trabuco Cappi, o que para nosso foco é de grande valor; segue:

Modesto, é um **bancário com 40 anos de experiência no Bradesco**, onde **começou como assistente de escriturário e, devagar e sempre**, chegou ao topo da carreira executiva. Ele não minimiza o desafio que tem pela frente: motivar a equipe para inovar, satisfazer mais de 30 milhões de clientes, contentar acionistas exigentes e manter o banco, um dos 20 maiores do mundo, em posição de destaque no setor. "Tenho consciência de minhas responsabilidades para com a Organização, seus acionistas, clientes e nosso País, e dos desafios da atualidade, que certamente iremos superar", escreveu Trabuco, numa carta de quatro parágrafos que entregou a seu Brandão no dia da posse, como **sinal de compromisso**. **Humilde**, ele **se apresenta como uma peça de uma grande engrenagem**, que precisa rodar como nunca para continuar crescendo. (ISTOÉ – DINHEIRO, 2009 s/n; grifos nossos).

Nos posteriores relatos concedidos à revista, Trabuco conta um pouco de sua carreira a partir da pergunta, “Qual a sua ambição como presidente?”:

Sou um bancário de carreira. Comecei lá em Marília, como auxiliar de escriturário. Tenho muito orgulho de ter sido caixa. Aprendi muito o relacionamento com a clientela, pois o caixa é onde você tem contato com os clientes. Foi uma coisa muito preciosa para mim. O aprendizado que o banco possibilitou no desenvolvimento da minha carreira vai me ajudar muito a estabelecer, ou melhor, reforçar uma estratégia de negócios baseada no relacionamento. (ISTOÉ – DINHEIRO, 2009 s/n; grifos nossos).

Luiz Carlos Trabuco Cappi é formado em filosofia pela Universidade de São Paulo e fez pós-graduação em psicossociologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

No seu entendimento sobre a atualidade dos Bancos e, nesse sentido do Bradesco, fez a seguinte consideração sobre os reforços que pretende promover:

Já temos uma cultura de relacionamento muito arraigada. O que é a indústria bancária, se não a sintonia de dois pólos, os recursos humanos e os de informática? A complementaridade do alto contato humano e de alta tecnologia é o que define uma estratégia bancária vitoriosa. Temos mais de dez mil gerentes de relacionamento. Atendemos quase seis milhões de pessoas por dia nas agências. Precisamos sempre melhorar e aperfeiçoar os pontos de contato, sejam humanos ou eletrônicos. (ISTOÉ – DINHEIRO, 2009 s/n; grifos nossos).

As colocações da matéria de revista, principalmente quando remetem as falas do atual presidente administrativo do Banco, são elementos que postos de maneira não fragmentada, na forma de elos entre o passado institucional e sua ‘configuração atualizada’, podemos sustentar que perpassa o antigo e novo trabalhador do Bradesco uma figura residente, almejada pela instituição, lapidada por ela e explorada, por fim, largada a própria sorte. Essa figura, como vimos, se chama “Mensageiro a Garcia”.

Para concluirmos esse capítulo é necessário que conectemos por elementos vivos a exposição e argumentos que utilizamos para que se torne paupável no sentido da experiência suas determinações, assim seguiremos para um último nexos.

4 Nexos – “esse homem tomou a carta, guardou-a num invólucro impermeável, amarrou-a ao peito e, após quatro dias, saltou de um pequeno barco” – Relatos de um “Mensageiro” de carne e osso:

O Relato que passaremos a expor é de um senhor de 62 anos, que chamaremos por **Sr.J.**; ex-bancário do Bradesco, demitido do Banco em meados da década de 2000 no momento em que se via prestes a alcançar seu tempo de aposentadoria. Sua história concentra fundamentalmente as noções expostas por nós sobre o *antigo* e o *novo* tipo de trabalhador bancário do Bradesco.

Ela perpassa elementos que fundaram expectativas calcadas nos termos da “formação de mensageiros a Garcia”, notadamente dentro de estruturas que antecederam o “desmonte neo-liberal” na década de 1990, como visto nos tópicos anteriores.

Nesse sentido, sua história remonta o processo de precarização do trabalho bancário, principalmente em aspectos do intenso desemprego sofrido pela categoria entre

1990 e 2000, as novas formas de contratação que sobrevieram nesse contexto e o novo tipo de trabalhador almejado pelos Bancos.

Em termos de vida e trabalho, a narrativa expõe níveis de tensão e tragédia, que certamente também foram vivenciados por muitos outros ‘mensageiros’ no lidar com a vida.

“Vazio dos desmontes”.

“Em 1973 sai da minha cidade de origem, Braúna, morava em um sítio com minha família e me mudei pra Osasco. Na época o Banco Bradesco estava contratando bastante gente, como sempre foi. Na verdade, eu vim pra trabalhar de faxineiro. Fazia um serviço bom, limpava muito bem, como limpo até hoje. Logo fui promovido pra “Encarregado da Limpeza”, eu era o chefe do pessoal da limpeza. Eu gostava muito de ler jornal, me informar, apesar de ter estudado apenas até a quarta série em colégio rural. Ai numa conversa, um rapaz que era escriturário me disse de uma seleção para escriturários que teria, pra eu participar, porque ele achava que eu passaria. Ai eu fiz, e passei.

Já tinha minha esposa e duas filhas pequenas, o salário era bom, consegui sair de um barraco e aluguei uma casinha de dois cômodos. O Banco já me fazia crescer. Dai pra frente foi só alegria. Eu ia subindo de cargo, porque dependia apenas do meu esforço, da minha dedicação e não dos meus estudos.

Consegui comprar uma casa própria, pôr todos meus cinco filhos na Fundação Bradesco. O Banco me dava uma vida que eu não imaginava ter. Eu só crescia. O Seu Amador Aguiar cuidava dos funcionários como filhos, tínhamos hospital, mercado, escola, lazer, tudo! com preço acessível, era uma grande família. Éramos uma família feliz! Minha esposa começou a trabalhar de copeira lá, mas sofreu um acidente e se aposentou por invalidez. Minhas filhas faziam esportes, coral, elas chegavam de manhã e iam embora à noite da Cidade de Deus.

Eu era muito competente, trabalhava com muito vigor, nunca fiz nada de errado, nunca trapaceei ninguém, nunca faltei, nunca fiquei doente, eu era um funcionário querido e dedicado, cheguei ao cargo de gerência de departamento. Minhas filhas mais velhas começaram a trabalhar lá também, aos 14 anos. E eu incentivei muito, queria elas lá comigo! Eu amava tudo aquilo!

Mas no meio dos anos 90 as coisas começaram a mudar. Vimos Bancos serem incorporados, demissões que nunca aconteciam, começaram a acontecer. Uma preferência por jovens estudados, mas inexperientes. Começaram a cobrar faculdade. Eu não tinha nem a quinta série, mas eu achava que isso não ia acontecer comigo, ninguém me mandaria embora. Mas no final dos 90 e começo dos 2000 incorporaram o BCN. Tudo mudou! Pessoas mandadas embora. Gente com cargo maior e mais tempo de trabalho no Bradesco, ganhava muito menos que qualquer funcionário do BCN. Foi tudo muito horrível. Mas todos eles eram estudados, só tomavam café o dia inteiro, mas sabiam falar. Mas a gente trabalhava mais, os antigos do Bradesco.

Eu comecei a sentir medo, mas não imaginava que seria mandado embora. Até que um dia, às 4 da tarde, minha chefe me chamou. Ela chorava na sala e disse que eu estava sendo desligado do Banco, eu não disse nada, só um adeus. Voltei, tinha amigos chorando, todos sabiam, ninguém me contou. Eu arrumei algumas coisas, liguei pra uma das minhas filhas ir lá me buscar.

Deixei meu crachá lá, como eles pediram. Sai, lembrei que eu tinha esquecido uns papéis, voltei. O guarda não me deixou entrar, pediu que minha filha entrasse pra buscar, porque, infelizmente, eu não podia mais entrar. Ela chorou e pegou. Hoje ela me conta que naquele dia, eu estava com duas canetas atrás da orelha, eu fazia contas. Não sabia como contar pra minha esposa, nem para meus filhos. Cheguei em casa, contei, todos choraram, mas me apoiaram. Minha filha mais nova, que levava uma vida boa, já foi atrás de emprego naquela semana mesmo, no Bradesco, pra ajudar em casa.

Me sinto chateado, mas entendo que eles não podiam ficar comigo, que eu devia ter estudado. Mas enfim, o Banco me deu tudo. Tenho duas casas, uma família boa, todos estudaram lá, todos trabalharam lá, duas das minhas filhas saíram, penso que se eu tivesse me aposentado lá não deixaria que elas saíssem, mas hoje me sinto até feliz que elas tenham saído de lá. Elas estão melhor que os outros”.

CAPÍTULO III - Diálogo proximal exposto: quando os mensageiros retornam

Nesse capítulo, como informamos anteriormente, introduziremos as *narrativas de vida e trabalho* na ‘*possibilidade do diálogo proximal exposto, ou seja, levaremos os bastidores ao palco e a experiência será construída conjuntamente com as falas*’.

A intenção desse capítulo é fundamentar pelas histórias de vida, como os elementos de precarização e precariedade do trabalho se infiltram por veios cotidianos, sedimentando-se em práticas corriqueiras, porém, ao atribuir-lhes sentido elas retornam como perdas ou necessidades de superação. Assim, é necessário que se considere os seguintes pontos:

Essa forma de expor sugere que as narrativas são dinâmicas e os mínimos recortes quebrariam conexões vivas dos sentidos que os trabalhadores dão ao trabalho, à exploração e suas experiências.

Insistimos que nossa forma não é uma isenção e da mesma maneira, uma distorção empiricista, e sim, uma construção textual para fazer com que as falas não figurem como elementos inertes.

O recurso de entendimento das narrativas é compreender que estão postas de maneira tal, que é possível ser lançado a elas permitindo que se observem as categorias e elementos fundamentados nos capítulos anteriores. Há trilhas que iremos oferecer, como um título prévio, o “mote” e uma ilustração. Algumas intervenções nas falas se dão no sentido de “ligar” as histórias.

É importante saber que o mais enriquecedor são as próprias histórias, *pois são elas que fundamentam os termos de precarização e precariedade do trabalho*; o sentido das entrevistas se deram por meio de histórias vida, o seu relatar, bem como a leitura é uma costura paciente, feita à mão, dessa maneira, o olhar cuidadoso é fundamental.

A construção que intentamos será feita por duas narrativas, a primeira com um antigo ex-bancário do Bradesco e, a segunda, com uma bancária que permanece contratada pelo Banco.

Os dois trabalhadores atingiram cargos gerenciais nas suas trajetórias, suas histórias se dão em ambientes de trabalho em agências bancárias de varejo. Porém, se distinguem nas formas de inserção no trabalho, ou seja, nos termos de uma qualificação instrumental; elemento este que remonta a aspectos geracionais sobre o trabalho no Brasil nos últimos

trinta anos. Outra questão é a noção de “gênero”, que será trabalhada na forma expositiva que remeteremos às narrativas.

Por fim, essas são histórias de uma “classe-que-vive-do-trabalho”. Entre as duas narrativas existem, obviamente, diferenciações temporais e enredos contrastantes. Ou seja, a maneira como expõem uma idéia de formação para o trabalho, nesse sentido, existe entre elas um entendimento claro sobre trabalho e exploração da vida em sentido amplo. Para que se entenda melhor, antecipamos o fim de uma história:

“Me arrependo do que fiz, e do que deixei de fazer, mas duvido quem escapa disso”. Leia-se por nós, “me dói contar o que fizeram comigo e do que permiti para que assim fizessem, mas duvido quem escapa disso”.

Os nomes desses trabalhadores são fictícios, visto uma questão de procedimento de pesquisa e entrevista. Nesse sentido, os elementos que pudessem figurar como demasiada exposição dos entrevistados foram retirados da construção textual, assim somente as questões concernentes a temática de nossa abordagem são levadas ao texto. Nossas mediações e tópicos de assunto estão em *destaque* e os assuntos ficam em sequência pelos marcadores a,b,c (...).

Narrativa 1 – “Precisa-se com urgência de um homem capaz de levar uma mensagem a Garcia” - “Cadê aquele branquelo?” – formação para o trabalho.

Sr. L.: Antigo trabalhador do Bradesco.

Idade: 59 anos.

Vive: No interior do Estado de São Paulo – Flórida Paulista.

Função: Exercia posto gerencial em agência bancária de varejo; demitido em 1992.

“A Ingratidão”.

Ilustração: “(...) às vezes volta cansada, ferida machucada, mas volta pra casa, batendo suas asas com grande dor. Igual às andorinhas, eu parti sonhando, mas foi tudo em vão. Voltei sem felicidade porque na verdade, uma andorinha voando sozinha não faz verão. As andorinhas voltaram e eu também voltei, pousar no velho ninho que eu aqui deixei”. (Letra da música “Andorinhas” – Barrerito).

- *“Deixe-me começar assim. O Sr. falou de algumas histórias, mas vamos começar a falar da sua. Onde você nasceu? Sua trajetória com relação ao trabalho, se trabalhou na infância, se trabalhou na adolescência, como surgiu a oportunidade de você entrar no Bradesco, assim, como essas coisas foram acontecendo (...)”.*

Sr. L: Eu, como na minha época, a maioria da minha geração trabalhava na roça, meu pai era um cafeicultor médio e, eu tinha mais três irmãos. De dez a doze anos trabalhava todo mundo e, eu vim pra cidade, por que meu pai comprou um sítio perto da cidade, em torno de 900m do centro da cidade, considerando a rodoviária. Naquele tempo era sítio, hoje continua sendo sítio, mas só que na época não tinha luz elétrica por perto, tinha luz de vapor de mercúrio na minha rua.

Então, pra lá era urbano, pra cá era rural, mas eu cheguei ali com três anos, e ali eu ouvia histórias... Tinha uma “tulha”⁴³ e nessa tulha meu pai contratava camaradas. Você sabe o que é camarada? Camaradas são pessoas que vinham do norte de Minas, ficavam nas rodoviárias, tinha alguns deles que até iam para uma pensão mais baixa, aí eles procuravam um patrão pra colher café, ou pra trabalhar na sua propriedade.

Esses camaradas, eles vinham pra casa da gente e eles eram pessoas que se tornavam com pouco tempo, quase que parte da família, tanto era o respeito. A mãe da gente lavava roupa pra eles e cozinhava pra eles, e eles trabalhavam num regime assim, dormiam na tulha, o pai da gente tinha uma cama e tinha colchão de pano, colchão naquele tempo era de palha, então chegava a mãe da gente dava o pano e eles tinham que ir no paiol rasgar a palha, chamava rasgar a palha, então enchia aquele colchão de palha, e a mãe da gente dava um lençol, geralmente a coberta eles traziam, eles dormiam na tulha.

E ali com esses camaradas, a gente ouvia muitas histórias, histórias de lobisomem, de assombração, história de personagens que nem sei se existiu como, Gasparino, “Jão” Geada e Bernardão, sério! Isso aí a gente ouvia muito, entre essas aí, saci, assombração, não sei o quê, um tal de “corpo seco” que eu nem sei o que é, eu tinha medo daquilo lá, e era esse tipo de história que se contava a noite, principalmente.

Jantava, e tinha muita laranja, a gente catava um saco e uns chupavam laranja, outros cana, aquele converseiro, outro fumava cigarro e eu ficava ali, aquilo ia até 9 horas da noite mais ou menos, e cada um contava de suas regiões, de briga, de jogo de futebol, e

⁴³ Uma espécie de celeiro. Por uma denominação regional (interior paulista) é um barracão próximo ao terreiro onde se escoava e secava os grãos de café. Na “tulha” se guardava ferramentas e a colheita, ao passo que abrigava trabalhadores temporários também, os chamados “camaradas”.

eu tive uma infância assim, fui um moleque de sítio, inclusive esses “camaradas” ensinavam muito a gente a fazer armadilha pra pegar passarinho sabe, armadilha tal, eles ensinavam a gente a pegar passarinho, tinha uns até caprichosos que fazia bodoque pra gente, estilingue, e eu fui criado no sítio, mas, como eu morava perto da cidade, eu comecei a ter contato com os moleques da cidade, que era chamado de moleque de rua. Quem era moleque de rua?

Era moleque não muito bem comportado, que não era da sociedade lá dos centros, era moleque da periferia, aqueles moleques que brigava, jogava bola descalço, jogava burica, jogava pião, e eu fui criado nesse meio aí.

Aos oito anos mais ou menos, todo menino que se prezasse, que quisesse ter dignidade, tinha que ser engraxate, e eu fui ser engraxate. E na cidade tinha os pontos e, lá pro centrão você tinha que brigar, você tinha que apanhar, você tinha que comprar, enfim, você tinha que fazer alguma coisa pra você poder engraxar lá, e eu fui engraxate por muito tempo na rodoviária. Até hoje eu lembro o preço dos pares dos sapato, era dez um par de sapato e 40 uma bota; você pegava aquelas botas pra engraxar, aquelas botas que vinham até em cima, vixi, aí nós fazíamos a festa.

Na cidade tinha duas firmas importantes, uma delas ainda tem o prédio que eu passo por lá e eu lembro, era a Fábrica de taco e uma oficina de carroça. A Fábrica de taco eu não lembro o nome dela, a oficina de Carroça chamava Geraldo Bozanelli.

Eu nunca trabalhei na fábrica de taco, mas meus amigos trabalhavam, chamava picar taco, porque o taco pra colar, ele tinha que passar no piche e no pedrisco, sabe, o piche grudava o pedrisco, ou então serrar os tacos. Não imagino o que é picar dez mil tacos, pega o taco põe no piche, põe no pedrisco, tal e tal.

Essas firmas absorviam muito moleque. Eu fui um dia trabalhar de padeiro, tinha um caboclo lá que precisava de mim pra entregar pão, eu fui lá conversei com ele, ele me aceitou, aquilo era conversado assim “zóio no zóio”. “Amanhã você vem?” E eu tinha que chegar lá quatro horas da manhã, eu cheguei, mas trabalhei uma semana e não aguentei de sono, porque quatro horas da manhã não dava, e aí não deu certo, voltei pro sítio de novo, aí teve um dia que eu cheguei no Seu Geraldo e disse: “Seu Geraldo, o senhor dá um emprego pra mim?” Aí ele disse: “Seu pai sabe que você tá aqui?”, “Sabe”, “Quem que é teu pai?”, “Você falou pra ele?”, “Falei”, “Quantos anos você tem?” “Eu tenho doze anos” (mas eu tinha onze anos) aí ele falou: “Então amanhã você vem”, “Que horas?”, “Sete horas”.

Aí eu fui lá, e eu fui pintar carroça, a princípio tinha que lixar aquelas ferpas, aí depois eu pintava a carroça no comando de um outro pintor de carroça, ele que mandava pintar - “Isso aqui você pinta de vermelho”, eu borrava muito, mas depois ele ia lá e corrigia os borrões, explicava tal e tal. Mandava eu lavar pincel, aquele negócio todo, então eu lavava pincel, pintava, mas eu só pintava o grosso, depois os acabamentos era ele, chamava Aparício.

Eu sempre gostei muito de mecânica, de serra, e eu mexia muito na serraria da Oficina de Carroça, a gente fazia os parafusos, aqueles ganchos, aquelas coisas... E um dia, eu tava ali, como diz o linguajar de hoje “me coçando” e passou o dono da oficina e falou “O que você tá fazendo aqui?”, “Não, eu só to vendo”, “Vai lá pintar carroça!”, quase que me tocou dali. Com certeza, ele percebeu alguma coisa; fui lá pintar carroça, pintar carrocinha de caminhão.

Tinha um rapaz que trabalhava na serraria que ajudava o outro, e esse outro ferreiro chamava Seu Arlindo – que era o gerente geral da oficina – e se chamava Jacir esse molecote que ajudava – aí ele quebrou a perna e não foi ajudar, aí o dono da oficina chamou “Cadê lá aquele branquelo?” e eu vim pra ferraria da oficina e comecei a amolar meia-lua. Meia-lua é uma ferramenta que se usa muito nos cafezais, o ferreiro batia para desengrossar, porque de tanto usar, ela engrossava. Aí você punha no fogo, batia com a marreta e afiava; depois tinha que aparar aquelas coisas no esmerilho, e eu aprendia. Eu aprendi a fazer rosca, aquele negócio todo, e vai daqui, vai de lá, e foi meu primeiro contato com mecânica, ai tá.

Depois não deu certo nosso negócio lá e voltei pro sítio, mas eu não era feliz no sítio, até que um dia eu cheguei numa oficina mecânica e pedi um serviço lá, oficina de caminhão, mas eu não sabia como é que funcionava aquilo, eu era um molecote forte e eu queria aprender a mexer com a técnica do caminhão, motor, etc e tal.

Como eu era forte, eu só mexia com coisa bruta, eu era usado como um guincho, um objeto, e eu não tava gostando daquilo também. Aí fui, procurei outra oficina, realmente de automóveis e carros utilitários que era a procurada pela elite da cidade. Lá ninguém gostava de trabalhar com esse homem porque diziam que ele era muito bruto, muito bravo, o Zé Roberto, que é meu cumpadre hoje.

Eu cheguei nele, ele era um cara novo, recém-casado, “O senhor que é o Seu Zé Roberto? Eu queria trabalhar com o senhor”, “O que você sabe fazer?”, “Ah, eu sei alguma coisa, muito eu não sei não, mas um pouco eu sei”. “ Eu tô precisando sim”, “Posso pegar

agora?” e ele falou: “Não, amanhã cedo”; “Que horas?”, “Aqui é o seguinte, é sete e meia, tolera-se até sete e quarenta, depois da sete e quarenta você não trabalha mais; sai seis horas e no sábado sai cinco e meia”. Eu nem perguntei quanto é que ganhava.

Aí eu cheguei às sete e meia e fui fazer um serviço lá, ele ia jogando pra mim, e foi tendo entre eu e ele uma confiança recíproca, ele mandava eu fazer o serviço e eu correspondia e, chegou a tal ponto de ele ter que sair da cidade pra receber algo fora e ficar, às vezes, uma semana e passar o comando da oficina pra mim, mas em todos os sentidos. E essa confiança tornou-se quase como se eu fosse o dono da oficina, não o dono da oficina porque eu não era o dono, mas eu resolvia, tanto quanto ele; chegou ao ponto de nós dois discutir, discutir no bom sentido, que tipo de serviço fazer, o grau de aprendizagem, o grau de domínio do trabalho mecânico que eu tinha, ao ponto de eu chegar num professor meu e falar “você tá errado, é assim!” deu pra entender? E foi numas dessas idas que chegou um senhor na oficina chamado Lázaro Colombo e era o contador do Bradesco de Flórida Paulista.

a) Ignição: A entrada no Banco.

E ele chegou lá, era mais ou menos 2 horas da tarde com a chave da ignição enguiçada no miolo, e ele chegou em mim e falou “Isso aqui é ...” e eu falei assim, Sr. Lazinho é o seguinte, isso aí tem que trocar o miolo, eu troquei um semana passada que custava “quarenta reais”, e ele “Nossa, tudo isso?”, era uma Belina – 1, que hoje são aquelas velhas, era o sei lá o que da moda aí, o carro.

Mas eu disse pra ele, “Eu não posso fazer pro senhor Seu Lazinho, porque se eu for fazer, eu vou ter que cobrar do Senhor. O Zé Roberto não tá aqui e eu não posso fazer, se ele estivesse aqui... é questão dele, eu não posso fazer pro senhor porque se eu fizer, eu vou ter que cobrar, mas eu vou ensinar uma técnica facinho do Senhor fazer e o Senhor vai sair daqui aprendendo, e ele falou “O que é?”

“Esse negócio seu aí é poeira”. Aquele tempo não tinha pó de grafite, certo? O senhor pega um lápis, racha ele no meio, daí pega uma folha de caderno e pega uma gilete ou um canivete e raspa aquilo lá bastante, mas bastante mesmo na folha, e faz uma biquinha assim e derrama dentro onde vai a chave, aquele pozinho lá e o Senhor vai lá com a chave e enfia, enfia e tira, enfia e tira, faz aquilo lá umas cinquenta vezes. E ele: “isso

vai parar?” Eu falei “vai!”, “Não vai enguiçar?” Eu falei: “não vai, porque aquilo é uma graxa seca e não vai pegar pó”. Ai eu falei, “olha se não der certo tem que trocar o miolo”.

Eram umas cinco horas mais ou menos, e ele chegou lá e falou “Menino, mas que coisa boa que ficou. Ficou um espetáculo! Olha, vou deixar uma cerveja paga pra você lá na Cinelândia”. Cinelândia era o bar da cidade. Aí eu falei, “não bebo cerveja, mas se o senhor deixar uma coca-cola lá, eu aceito”. E acabou.

Passado um tempo, chegou um moleque lá de bicicleta, “Seu Lazinho falou que semana que vem vai ter um teste do Banco, se você não quer fazer.” Naquela época eu fazia o colegial já... Eu já tinha me formado no colegial, segundo grau, isso. foi em 76. Mas os meninos da minha época não estudavam, sabe? Tirar a quarta série do ginásio já era muito, que nem o ensino médio hoje.

Então eu cheguei lá pra fazer o teste, e eu tinha o cabelo por aqui comprido, eu usava uma tarja na testa. Antigamente, no Uruguai, tinha um grupo de Guerrilheiros e eu não sei por que eu me simpatizei com aquilo, eles usavam uma tarja assim, e eu tinha aquele cabelão, mas eu usava aquilo pro cabelo não atrapalhar na oficina e eu achava bonito também.

Aí tá, fui fazer o teste no Banco, embora eu fosse mecânico, eu tinha um conhecimento já de escola muito grande, tinha noção de muita coisa, o que melhor apresentou, a melhor performance, foi a minha, mas aí ficou a dúvida. Essa dúvida, eu só fiquei sabendo depois que eu entrei no Banco - “É mas ele não é muito bem visto, é cabeludo, não vai dar certo no Banco” Aí o gerente na época: “Ah, mas traz ele aqui, se não der nós não pegamos ele”, aí chamaram meu patrão e perguntaram se ele concordava que eu saísse, ele falou que por ele tudo bem, aí ele chegou em mim: “Mas você tem certeza que é isso que você quer?”. Falei pra ele: “Quero casar, e o que eu recebo na oficina não dá”, “Mas eu te pago bem se você for casar”, mas eu não queria não, eu queria entrar no banco mesmo, isso foi a maior cagada que eu fiz na minha vida.

Esse senhor que era o subcontador me levou pra lá, e aí eu entrei como contínuo. Como continuo eu limpei Banco, encerei Banco, limpei banheiro, fiz de tudo que você possa imaginar, limpei vitrô, limpei caixa de gordura do gerente, fiz de tudo, busquei porco com o gerente no sítio, tudo que você possa fazer, eu era assim um empregado de luxo.

Depois eu fui promovido a escriturário, e depois, logo em seguida, eu fui promovido à caixa, aí aconteceu um evento interessante. Estava na minha agência um gerente que não estava contente com a sua remoção de onde ele estava para Flórida

Paulista, e ele não deu muita ênfase pra gerência, e praticou algumas operações que, a meu ver não podia ser dada, que é o crédito dado. Porque o crédito dado, ele tinha consciência disso, dar o crédito mensal, por exemplo, para uma pessoa do sítio, é pedir pra apanhar, porque a renda é anual, então ele utilizou mal utilizado o serviço que o Banco tinha disponível, tanto que é que ele posteriormente foi demitido do Banco.

Aí chegou um outro gerente, e quando viu aquela situação grave, perguntou pra esse contador, esse mesmo cara da chave; “Aqui não tem nenhum funcionário que conheça o município de ponta-a-ponta?”, “Tem aquele de cabelo arrepiado lá” e era eu, eu era caixa do Banco (...).

Aí esse gerente me chamou e disse, “Seu Lazinho disse que você conhece bem o município de Flórida” e eu falei: “Conheço sim senhor, seu Valdemar”, “Então eu vou lhe incumbir de um serviço, o Senhor tem carro?” falei, “Tenho!” Eu tinha carrinho coisa mais linda. “Eu te dou a gasolina, e te passo a relação e você vai pedir pra eles virem no banco, porque esses caras receberam o empréstimo mal emprestado” e eu fui no sábado, no domingo. Na segunda-feira, ele não vencia atender esse povo, e ele gostou da minha performance e, passado esse período de turbulência e tudo mais, nós revertemos a situação, ao invés de cobrar, nós íamos em busca desses clientes, você tá entendendo?

Uns tinham vendido café, outros tinham vendido boi, e o meu conhecimento com a presença do gerente tornava-se uma visita importante para as pessoas e, o intuito era trazer eles para o Banco E assim, nós administramos muito tempo, eu saí de caixa e fui elevado a uma categoria que no Banco não era muito comum aqui na região, se chamava “Operador de Mercado de Capitais”, essa categoria era mais pra cidades maiores, e o que esse cara fazia?

Esse cara fazia captação, captava recursos, letra de câmbio, RDB, essas coisas aí, mas ao mesmo tempo, também, ficava a cargo desse profissional certas operações que não existiam por aquela região, que era “leasing”, Finame, financiamento da casa própria, bom, aí o que aconteceu ...

- “Só um momento, me deixe fazer uma pergunta: Quando você entra para Operador de Mercado de Capitais, você tá dizendo que entra na lógica do Banco, porque até então o Banco tinha uma capacidade de expansão, mas em Flórida era mais para circular o dinheiro e, quando você entra nessa categoria, parece que você entra na mesma lógica que o Sr. Amador Aguiar implantou em Marília nos anos 50?”

Sr. L: Isso! Então eu era aquele cara que buscava recursos, que chegava em você e falava, mostrava qual era a melhor opção de aplicar o seu dinheiro, ou se você fosse tomar dinheiro, havia muito dinheiro no BNDES, Banco Nacional, Banco de Fundo Nacional, e os Bancos eram avalistas disso, que nem um corretor. Então, é interessante para o Banco que tivesse também algum benefício do governo, eles tinham também que trabalhar essa área, tinha que ter também vários financiamentos no BNDES, principalmente BNH.

Mas aí o que aconteceu, nessa época também, começou a entrar aí no auge, o cartão ELO, que é hoje o cartão de crédito, mas ninguém sabia nada, nem o gerente sabia. Sabia assim, a grosso modo, muito embora nós tivéssemos um “atlas” de discussão, que era um livro que eu tinha lá, nós não sabíamos muito, então eu comecei a fazer cursos na Fundação, no Centro de Formação, CENTREFOR, “Centro de Formação Profissional do Bradesco” fiz vários cursos, vários cursos.

E eu aprendi essas técnicas de financiamento do BNDES, de leasing, de outros tipos de financiamento, resolução 163, que é uma resolução com dólar. Enfim, todos, inclusive Lei de Mercado de Capitais, que foi fundada pelo Castelo Branco, que ele que regulamenta a Lei de Mercados de Capitais em 1966. Foi Castelo Branco que inventou isso aí, então eu fui “esse cara” na agência, eu que corria, todo mundo que vinha procurar isso aí, vinha comigo, e eu me tornei uma pessoa, não o gerente da agência, mas uma pessoa que tinha um destaque dentro da agência. Tanto é que a minha cadeira era colocada ao lado do gerente, ao lado de uma cerquinha, um tapete que tinha, era ali que eu ficava, era ali que eu atendia esse tipo de coisa, agora tem umas baías, mas antes eram umas cordinhas, então, esse gerente me introduziu porque descobriu em mim um potencial, eu era bem falante, muito comunicativo. Além de comunicativo eu tinha um português, português que eu falo, mas também a linguagem que o povo entende. Aí o gerente foi embora, uma tristeza pra mim.

b) Intrigas e fofocas.

Veio outro gerente que também era bom, mas ele tinha uma mulher que hoje eu entendo, ela tinha um negócio que hoje eu conheço como transtorno bipolar, essa mulher tinha isso, mas eu não sabia, e um dia eu tive uma desavença com ela, uma coisa alheia ao banco, em uma festa que eu nem fui, mas ela teve um transtorno na hora e cismou comigo

lá e ficou me enchendo e eu, pra não perder o emprego, cheguei pro diretor regional, que eu tinha uma boa amizade e falei: “Seu Mirvan, me tira daqui, porque eu briguei com a mulher do Sr. Leôncio, ela foi numa festa e eu não fui na festa e ela falou que eu falei um negócio, me entenderam mal, e eu sei que ela quer vir na agência pra me pegar, então pelo amor de Deus Seu Mirvan, eu tô com a mulher grávida, e eu comprei a casa tô devendo a casa, passou o asfalto na minha casa, tô cheio de dívida, eu não posso perder o emprego agora”. Aí ele pensou, pensou, “Eu vou te mandar para Valparaíso”, na hora, assim.

c) Tempos do Pró-Álcool – uma tática maior.

Fui pra Valparaíso. Eu já fui bem recebido, fiz das tripas coração pra convencer as pessoas de que eu não era um cara errado. Chegando em Valparaíso, isso na década de 80, dezembro de 80, meu filho tinha nascido, e existia um plano chamado Proálcool, que foi a Crise do petróleo, da gasolina, que o Brasil começou a fazer álcool.

Eu fui pra Valparaíso pra desenvolver esse mesmo trabalho que eu tinha desenvolvido em Flórida, mas aí a Usina de Álcool passou a ser o alvo do Bradesco. Então, eu ficava mais na Usina do que no próprio Banco, isso foram uns quatro anos mais ou menos e, por isso, eu tinha um contato com a diretoria de São Paulo, com a regional sim, mas também com a de São Paulo. Todo dia eu tinha contato com os diretores de lá, falava mais eu com eles, com os departamentos, do que o próprio gerente, mas em função desse trabalho. Nisso, surgiu outra Usina vizinha e eu continuei fazendo esse trabalho, e ficou assim essa intimidade entre diretor e eu.

Até que um dia, existia na agência um aparelho chamado TELEX, você conheceu o Telex? (Não? tem no museu do Bradesco). Uma fita que você gravava, cheia de furinho. Como era difícil de você pegar a linha do Departamento de Crédito, eu tinha que passar as coisas para o Departamento de Crédito, porque pleiteava-se muito, pleiteava-se baixa de juros, isso não tinha permissão, que era reduzir a taxa de juros. Você podia fazer o que quisesse, menos mexer nos juros. Se mexesse nos juros, não adiantava, porque o sistema não pegava, o sistema era vacinado para não pegar, para quebrar esse sistema.

Aí, tinha que ter um número de um diretor, nem regional não era, para quebrar a trava do sistema, era a única coisa que a gente não tinha. Então, durante o dia, era pleiteamento de redução de taxa de juros, redução de cobrança de tarifa, financiamento, pedido de parecer de cobrança de duplicata, era o dia inteiro nessa “putaria”. Aquilo dava

um estresse, e eu chegava uma cinco horas mais ou menos e gravava tudo aquilo na fita. Aí, lá pelas seis e meia, sete horas, até às oito eu ia embora. Colocava a fita no Telex e digitava o código. Aí se pegasse, a hora que o aparelho confirmasse, aí apertava o “ok” e começava a digitar. Ficava quase meia hora pra pegar, era até bonito, sabe (o barulho), e no Banco aquele tempo não tinha tanto ladrão, o Banco lá em Valparaíso era de frente pro sol, eu tinha uma cortina que tapava o sol.

Eu estava ali, e não tinha mais ninguém na agência, nem gerente, nem ninguém. Eu tava lá em cima, eu encostei a porta e encostei a cortina, nem passei chave, normal, eu tava lá em cima passando telex. Nisso, entrou o diretor regional, entrou, olhou lá embaixo, ouviu o barulho lá em cima, foi lá, “Ué, o que você está fazendo aqui?”, “O Sr. P., eu é que pergunto, eu estou passando umas consultas pro Departamento de Crédito que consegui só agora, eu estou passando aqui, só agora consegui linha”.

Então, desci com ele na agência e ele sentou na gerência e falou assim: “Quatro horas amanhã você vai ser gerente na agência de Parapuã”, “Mas Sr. P., como? Uma hora dessas? Não tenho nem sapato, eu tenho que comprar sapato”, “Se vira cara, pega o carro, que seis e meia eu quero você lá pra eu te dar a posse e dar a posse pro gerente de lá, em Juqueirópolis, e vai pra casa!”.

Eu fui, comprei um sapato, fui no posto, lavei o carro, cheguei em casa, falei pra minha mulher “Olha, amanhã vou lá”. Aí foi aquele converseiro, acho que era uma sexta-feira, cheguei lá não eram nem seis – eram cinco e pouco – e fiquei esperando, aí subi! Cheguei na minha primeira gerência, fiz um sucesso muito grande.

d) Um frango, seis cervejas e um baralho novo – relações de confiança.

Sr. L: “No Banco, você tinha as suas limitações, mas se você tomasse uma atitude extra, fora daquele comando, eu nunca tive conhecimento de que foram desfeitas.

Até estava contando pra você um episódio de uma cumplicidade que eu tive com um diretor, um caso assim alheio, ninguém nunca soube disso, só eu e o diretor, porque o Banco era assim, tinha a administração que era o presidente, o vice-presidente, o diretor de Estado de Região, e depois tinha o diretor regional.

E na cidade que eu fui pela primeira vez gerente, havia tido uma geada em 75 que tinha devastado tudo os cafezais na região, e quando eu fui pra lá, em 85, foi a época áurea que o café se revestiu, que as árvores se revestiram todas, e foi o primeiro ano que deu

café, que como se diz, se juntava no rastelo, se juntava nem sei como de tanto café que deu. E como ali era tudo café, eu – como conhecedor da lavoura cafeeira, dos costumes do agricultor, a sua paixão, as suas coisas – então eu tive um avanço muito grande, porque eu também tinha um bom relacionamento num departamento que existia no Banco que chamava, eu não sei se vou me lembrar agora, mas era muito ligado à Fundação Bradesco. Eram eles que coordenavam aqueles negócios de camiseta, essas coisas assim, então eu tinha um bom relacionamento lá, e eu pedia que eles me mandassem caixas de camiseta com variados números, então eu carregava no meu carro camisetas boas, aquela malha que tem dois peixinhos... Hering, era camisa da Hering, algodão puro, coisa de primeiríssimo mundo, poucas agências tinha aquilo lá, mesmo porque pela amizade, eu tinha camiseta com numeração para oito anos, cinco anos, dez anos, tudo que é tamanho, e eu levava de caixas no meu carro.

Então eu ia visitar um cliente, geralmente à noite, a tardezinha, e tinha muitos bairros em Parapuã, e a gente jogava uns trucos – e até tive uma briga de casamento por causa de truco, sabe? – a gente jogava uns trucos ali e eu tinha uns funcionários. E você sabe que jogo de truco, além do manuseio das cartas, é roubar sem o outro perceber, e eu tinha dois funcionários que eram especialistas, eles conseguiam roubar de um jeito que eu que era parceiro deles não conseguia ver, só que como eu era o gerente, eu tinha sobriedade, e a gente jogava valendo um frango caipira, seis cervejas, e um baralho novo. Quem perdesse pagava a conta, só isso, a gente sempre ganhou, mas eu nunca deixei eles pagarem, você tá entendendo? E quando eu saía então, todo mundo ganhava camiseta, era desse jeito.

Aí eu era convidado pra dar o primeiro chute na bola. Naquele tempo, era futebol de várzea, isso era campeonato de futebol, assim de bairro, que vinham todos os times, e o que ia perdendo ia saindo, quem ia ganhando ia ficando e, geralmente eles chamavam pra eu ir lá, e por gentileza, eu ia dar o primeiro chute na bola, coisa assim, e sempre eu levava uma camiseta. E com isso, eu ganhei uma fama enorme, chegou a ponto de juntar Banco do Brasil, Caixa Econômica e o Banespa, com tudo o que eles tinham (depósito de poupança, CDB, RDB, o escambal, depósito à vista) que não dava o depósito a vista que eu tinha. Você tá entendendo o quanto que eu tive, né?

A gente tinha cliente que tinha café e recebia o cheque no sábado, aí no sábado ele vinha pra receber e quantas e quantas vezes eu não fiquei com cheque de milhões na minha casa, que eu não podia depositar porque as máquinas tavam fechadas, e ficava, como diz,

no meu guarda-roupa, ou na gaveta do meu criado-mudo, pra na segunda-feira eu efetuar o depósito. Muitas dessas vezes eu não tava em casa, era minha mulher que pegava (...).

e) Quando os “Mensageiros” voltam desorientados – A ingratidão, o adoecimento.

- *“Veja, Sr. L., parece que o Banco era formado por vários grupos. Pessoas que “vestiam a camisa” e as coisas que você conta tem um tom aventureiro, parece que vocês estavam abrindo coisas novas, fazendo coisas novas e, aquilo era muito interessante. Mas o Banco realmente explora. Como vocês encaravam essa questão da exploração do Banco, como você viu essa exploração? Por que na sua trajetória, quando você fala do momento em que saiu da oficina, você disse, “foi a pior cagada que fiz na minha vida”. Isso tem um sentido; depois você vai contando a sua trajetória que me lembra muito um filme chamado “Blow”, traduzido como “Profissão de risco”, com aquele ator Johnny Deep. E você vai contando essas histórias e essas histórias vão engendrando na sua vida, e você usa alguns termos para se referir a isso: “Eu fui do céu ao inferno”, “Bebi champagne, como também bebi da pinga mais ruim que tem”. O que eu estou querendo dizer, é que você foi compondo uma ideia, e essa questão do Banco explorar os trabalhadores era amenizada a partir das ações que vocês faziam em relação ao Banco. Mas quando você chega em Adamantina, em 1991, você se depara com um conjunto de funcionários que sentem a exploração real do Banco, e não é mais a ideia de vestir a camisa, é uma coisa que não encaixa. Qual é sua noção de exploração pelo Banco, como é para você essa questão da exploração do trabalho bancário?*

Sr. L.: Olha, pra mim, em Adamantina uns funcionários tinha uma noção maior de Sindicato, porque Adamantina era sede do sindicato e o presidente do Sindicato era do Bradesco. Então ele tinha uma abertura maior com seus funcionários e contava para os funcionários algumas coisas que tinha feito, coisa que eu muitas vezes não gostava que ele contava, porque qual era a exploração que eu via do Bradesco? Não era tanto o trabalho que nós fazíamos, era a má remuneração, por aquilo que eu fazia e os funcionários faziam, nós éramos muito mal remunerados. A meu ver, era a maior exploração, eu não me importava de limpar o Banco, de vestir a camisa e nem de jogar bola com o nome do Bradesco. O que nós ficamos “putos” era com o baixo salário que o Banco pagava pra nós.

Aquilo lá era maior humilhação que a gente sofria, essa foi a maior exploração que eu sofri.

O gerente ganhava até menos que um caixa do Banco do Brasil. Tinha gerente há um tempo na agência que ganhava igual escriturário do Banco do Brasil, porque tinha diferença. Um funcionário assim, eles tinham um salário deles de portaria, aí conforme ele ia galgando seus cargos, se ele fosse um caixa, ele tinha um salário de portaria, mais uma função de chefia de caixa, mais riscos de quebra de caixa, juntando aquilo dava um salário “x”. Um cara que fosse gerente, ele tinha um salário de portaria, mais função de chefia, mais gratificação, aquele negocio todo, mas tinha agência que tinha gratificação de chefia direto, que juntava portaria mais não sei o que lá, que dava um escriturário do Banco do Brasil.

Ah! Uma coisa que eu não falei. Em 85, foi tirado de nós gerentes o lucro, o lucro que nós tínhamos sobre a agência, nós tínhamos 5% do lucro líquido da agência, como prêmio, e foi tirado em 85.

Então, eu me lembro que a primeira vez que ganhei isso, junho de 1985, deu 5% do lucro e a agência tava muito grande, era igual um conglomerado. Tinha o Banco Bradesco de Investimentos, que é o BBI e o Banco Bradesco de Descontos que era o comercial. Eu era gerente do comercial, mas a gente fazia, prestava serviço para as financiadoras e para ao BBI; era tudo um grupo só, mas quem me pagava era o Banco Bradesco de Descontos.

Então, eu tinha minha agência e recebia um “x” pelo serviço que Bradesco de Descontos tinha executado, mas seu eu fizesse financiamento para a Financiadora Bradesco ela pagava também a minha agência, porque eu era o vestiário daquele lucro, mas dava pouquinho e o Banco Bradesco de Investimento também. Então, um gerente inteligente não gostava de fazer muito investimento daquele tipo, gostava muito de trabalhar com papagaio⁴⁴, desconto de duplicata, aquela coisa. Pagava diretamente para o Banco Comercial, o Banco de Descontos, que era o que mais gerava lucro pra gente, porque o lucro que eu tinha, eu pagava até a parte do bujão que eu usava pra fazer o café; aqueles rascunhos que recebemos no banco que é retalho, aquilo eu pagava, eu pagava os empréstimos, até o telefone que vinha pra mim, chamava taxa de administração, então o lucro que ficava na agência era líquido, então até o ar que você respirava era pago.

A maior exploração era que a gente tinha vergonha do salário. Surgiu uma frase, até um diretor que disse pra nós em tom de brincadeira, num churrasco que tava todo mundo

⁴⁴ Na linguagem comum “papagaio” se refere a empréstimos.

meio bêbado: “Quanto você ganha é assunto seu que merece maior sigilo, porque se você falar pras suas namoradas elas não casam com vocês”.

- *“Uma coisa, meu estudo é sobre narrativas de vida e trabalho, mas há muitos trabalhos sobre bancários que é direcionado para adoecimentos como LER (Lesão por esforço repetitivo), alguns tipos de adoeciment, estresse (...). Eu busco isso de outra perspectiva. Bom, existem formas de falar do trabalho que vão ficando cristalizadas, e ouvir você falar que o novo funcionário é como se fosse uma chave torx, diz muito sobre isso. Se você pudesse contar o que pensa sobre isso, já que conversando me disse que o senhor teve um AVC (Acidente Vascular Cerebral) e esse AVC é um prolongamento da sua saída do Banco; me pareceu que nesse momento você entra numa zona de desconforto, você sai de um mundo e tem que lidar com outras coisas...”*

Sr. L: Acontece o seguinte, você começa a ver que o financeiro teve uma decadência, mas não foi tão importante, como disse pra você. Na minha época, não se ganhava muito, mas também na categoria que eu estava, eu não vou dizer os outros, por ter tido vários impedimentos, eu era uma cara que ganhava relativamente bem, não era tão baixo, tive uma perda financeira, mas o que mais me doeu muito, foi a perda de um investimento que eu fiz e que não tinha mais retorno, eu não tinha mais idade pra recomeçar de novo.

Eu procurei outro serviço, mas fui chamado de velho com 39 anos 40 anos, com toda a experiência que eu tive, então aquilo foi me trazendo uma tristeza interna, que nem eu soube explicar. Isso me jogou num lugar que graças à formação que eu tive no passado, me proporcionou a sobreviver tanto psicologicamente, como fisicamente, me ajudou a suportar uma série de intempéries, até mesmo da natureza. Só que isso me provocou uma gastrite nervosa, essa gastrite eu tratava com bicarbonato de sódio, tomei um remédio chamado, tem um remédio... não me lembro, tomei aquilo que tinha um sabor enorme de bicarbonato de sódio, e aquilo acabou com tudo, aí um dia eu não tinha dinheiro pra comprar aquele remédio e eu fui no mercado e comprei um saquinho de bicarbonato, 50 centavos, e eu tomei e sarou, batia que nem morfina. Ai tive um AVC, por depressão, uma série de coisas.

Tinha dia que eu não tinha vontade de voltar pra casa, eu não queria vir pra casa porque tinha conta pra pagar e eu não tinha dinheiro, e minha conduta moral não era de

ficar devendo, eu não sabia como resolver aquela questão, eu não tinha vontade de voltar pra casa, mas eu também não sabia pra onde que eu ia. Aquilo me doía o estômago, aquele negócio todo, aí depois pra ajudar, eu fui trabalhar num segmento que era de puxar leite.

As pessoas que eu lidava eram de uma mediocridade tão grande, não querendo desmerecer essas pessoas, porque elas não tinham culpa de serem ignorantes, eram pessoas que não tinham preparo pra conversar comigo e eu tentei construir o mesmo segmento que eu tinha feito no Bradesco. Naquilo, até tive certa liderança, mas a Cooperativa acabou quebrando e eu não consegui fazer com que seus diretores vissem que bastantes pequenos formavam um todo grande. Eles viam que um grande fazia por dez pequenos, eu via de outro ângulo: eu achava que dez pequenos faziam um todo grande, e quando se rompia, não se rompia de forma drástica.

Eu senti muito na pele quando eu trabalhei fazendo um serviço de coleta de leite em que eu mexia com os produtores de leite, com os empregados dos produtores. Ali sim eu vi muita exploração, pior do que a do Banco, porque era exploração do suor mesmo. Isso aí, juntando esse estresse do dia-a-dia, essa tristeza, essa ingratidão que eu sentia, esse bicarbonato de sódio que eu acredito - porque eu tenho que provar pra mim – mesmo que psicologicamente, verdade ou não, que isso sobe a pressão, e que me tornou uma pessoa não vou dizer incapaz, mas me tirou muitas alegrias que eu tinha e que eu tenho que superar com outras coisas hoje.

Eu tocava viola muito bem, acordeon também, e escrevia muito bem à máquina. Eu escrevia sem olhar pra máquina, essas qualidades eu perdi, e perdi o equilíbrio também, porque minha perna esquerda ficou dura. Eu era uma pessoa capaz de subir em qualquer lugar, sem medo, hoje eu me tornei uma pessoa limitada, eu não tenho certas coordenações motoras, algumas que tenho é com a criatividade que eu usei, tanto é que, por causa disso, eu consegui uma disfunção, eu tive uma bela duma tendinite, tentando o direito acudir o esquerdo.

Então, eu tive um AVC que foi essa junção de ingratidão, ter jogado uma vida fora, por isso que no começo eu falo que foi a pior cagada que eu fiz, foi ter saído da oficina, porque se eu tivesse ficado na oficina, e eu acredito que o desenvolvimento que eu tive no Banco não foi porque ele deu pra mim, eu já possuía essa qualidade, ele simplesmente pegou essa qualidade e explorou.

Se eu tivesse na oficina, certamente na minha oficina, naquela época, eu já ia ter um balanceamento eletrônico, eu já ia ter máquinas que fazem serviço com perfeição, eu já ia atender clientes não só da classe A, B ou C, eu ia atender clientes de vários níveis.

Por isso que eu disse que a pior cagada que fiz foi ter deixado, não que o Banco me pegou e me fez grande, eu já era grande. O Banco simplesmente aproveitou, é igual você pegar um diamante e lapidar ele à sua moda. A oficina também teria me lapidado, me tornado um cara desse jeito, que nem eu contei pra você no começo. Eu estou na fase do arrependimento, me arrependo do que fiz e do que deixei de fazer, mas duvido quem escapa disso.

Narrativa 2 - Um novo bancário - O que querem dos novos “mensageiros”? “Eles só querem cobrar, cobrar, cobrar”. Formação para o trabalho.

Suzana.: Trabalhadora do Bradesco.

Idade: 33 anos.

Vive: No interior do Estado de São Paulo – Marília-SP.

Função: Exerce posto gerencial em agência bancária de varejo.

“Vilipêndio”.

Ilustração: “(...) quero lhe contar como eu vivi e tudo que aconteceu comigo. Viver é melhor que sonhar, eu sei que o amor é uma coisa boa, mas também sei que qualquer canto é menor que a vida de qualquer pessoa. Por isso cuidado meu bem! Há perigo na esquina. Eles venceram e o sinal está fechado pra nós que somos jovens”. (Letra da música “Como nossos pais” – Belchior).

Suzana: Eu nasci em Osvaldo Cruz, mas eu só nasci; depois eu fui para Penápolis⁴⁵. Foi lá que me criei e fiquei até aos 18 anos. Com 18 eu fui para São Paulo, fiquei lá por 11 anos aí eu fui trabalhar, na verdade fui para São Paulo, para fazer um curso de comissária, acabei não exercendo - fiquei com medo de voar. Acabei entrando na aviação, mas fiquei em terra. Nesse processo, eu também estava fazendo o processo

⁴⁵ As cidades citadas por Suzana são todas do Interior paulista, fazem parte da chamada região da “Nova Alta Paulista”, ficam ao extremo oeste do Estado.

seletivo para o Bradesco. Entrei no Brasdeco em 2002, daí eu fui trabalhar numa agência grande, passei por diversos setores, a gente sempre começa como escriturário, depois setor de cobrança, cadastro, enfim, depois de três anos no Banco eu pedi para ser demitida.

- *“Com três anos você pediu para ser demitida!”*

Suzana: É... (risos), porque eu não queria, eu só entrei no Banco para fazer Faculdade, só para poder pagar minha faculdade, eu fiz Comércio Exterior (Administração em Comércio Exterior). Fiquei esses três anos e pedi para me demitirem. No começo, meu gerente não queria, mas eu via como os gerentes sofriam com as pressões de meta e eu não queria aquilo para mim.

Ele me fez uma proposta de me promover para gerente de pessoa física. Eu agradeci, pedi que dessem a oportunidade para outra pessoa, mas não iria fazer carreira no Banco. Ele ficou “passadíssimo”, admirou minha coragem, e me disse: “Fica aí um pouquinho, treina uma pessoa para ficar no seu lugar...”. Nessa época, eu era Gerente de Pessoa Jurídica. Eu disse tudo bem, não tem problema. Só que nessa época eu engravidei, daí é aquele negócio, né? Você fica preso naquela condição: se eu sair o que vai ser do meu filho?

Querendo ou não, o Banco te dá uma condição razoável de sobrevivência, pois o que compensa, não é o seu salário, mas são os benefícios. A gente tem “tickets”, tem seguro, tem assistência médica, odontológica, então, acaba te prendendo por certas comodidades; você pode incluir sua família, filhos, marido. Daí eu fiquei, depois que eu ganhei meu filho, eu fui transferida para outra agência que ficava no aeroporto, que era uma agência de conveniência. Eu fiquei lá uns dois ou três anos e foi muito legal, porque lá a gente tem muito contato com o pessoal do exterior e acabei praticando um pouquinho de Inglês.

(...) Tive experiências grandiosas, mas enfim, depois disso, eu vim para Marília, pedi transferência porque eu ficava sozinha lá, era casada, mas acabei me separando. Ainda fiquei dois anos depois da separação, mas estava muito difícil para ficar sozinha com meu filho numa cidade enorme, onde parece que você tem amigos, mas depois que você sai de lá, nem um amigo mais te liga. A vida é muito louca lá, ninguém tem tempo de nada.

- *“E seus amigos eram bancários também?”*

Suzana: Sim, a maioria, um ou outro por fora que não era. Você vê que no final você não tem ninguém, você tem companheiros de trabalho, você tem colegas de curso de faculdade. Ficaram um ou dois lá que ainda tenho contato, mas acho que só. Vim morar em Marília. No começo, tive uns atritos com meu gerente, estava bem abalada, tive umas discussões, mas já se resolveu.

Ele viu que eu não sou tão incompetente assim, como ele julgou no começo. E aí, ele começou me bombardear de trabalho, me deu um monte de coisas para fazer, tudo deixava na minha responsabilidade, delegou alguns produtos. Eu sou gestora de alguns produtos que eu tenho que responder. Daí ele viu que eu dei conta e desarmou um pouco.

Ah, eu estou bem mais tranquila agora aqui no interior. Eu vivia muito estressada lá em Guarulhos, fazia acupuntura, terapia, tomava uns remédios. Eu tinha alguns problemas de infecções por conta do estresse, eu era muito pilhada, a própria vida lá, já causava isso. Você fica quarenta minutos no trânsito para levar seu filho na escola, o que demoraria dez minutos, se não tivesse trânsito.

De modo geral, eu não acho ruim trabalhar no Banco, mas é uma coisa ainda que eu não me encontrei, não sei ainda o que eu quero. Na verdade eu sei, mas por enquanto não dá. Gostaria de trabalhar com alguma coisa relacionada à estética, à beleza, uma loja como “O Boticário”, uma coisa franqueada que andasse sozinha.

Mas eu gosto muito do Banco, porque apesar da rotina, não tem uma rotina sequenciada. Numa situação, você tem vários tipos de condições diferentes que você acaba aprendendo muito, você tem a oportunidade de passar por setores diversos. Várias promoções, o Bradesco é uma empresa de carreira fechada, uma coisa bem interessante.

Mas tem o lado da pressão, como todo lugar tem, tem metas – que são bem abusivas por sinal – a gente tem nossa meta da agência, mas daí se a regional não bate essa meta, ela faz uma audioconferência e solicita para todo mundo de novo. Eles repartem essa meta novamente e é um pouco massacrante, pois você está com a meta batida, mas, eles pedem mais um pouquinho, porque as outras agências não bateram; então eles pedem para todo mundo de novo.

Mas isso vai da gestão de cada gerente geral, porque tem gerente que quer aparecer mais que o outro e acaba forçando muito a barra com a equipe. Enfim, é a função deles, a gente tem que entender, mas que é abusivo é.

-“*Essa questão do estresse no trabalho, como você lidava e lida com ela? Certamente, quando você entra numa rotina, você acaba se adequando a ela encarando as coisas de forma natural. Acho muitas vezes atribuímos estresse às situações como o trânsito, as finanças que não estão dando certo, um problema de relacionamento. Porém, não existe algo estranho? Será que o trabalho não acaba contribuindo? Dentro do seu trabalho, como você faz essa relação?*”

Suzana: Como o trabalho influencia minha vida?

-“*Sim, no sentido de como as pressões acabam refletindo no seu cotidiano...*”

Suzana: Sim, no começo, quando entrei no Banco, eu dormia e acordava no Banco, até sonhava com o Banco. Chamava “o próximo!”. Assim, estava dormindo e, “O próximo!”. Quando trabalhava no balcão era muito corrido e você ficava o tempo todo em pé, atendendo todas as solicitações.

-“*Em pé!*”

Suzana: Em pé. Isso era uma coisa... Causava muitas dores nas minhas pernas. No começo você vai de saltinho e vai diminuindo até chegar numa sapatilha, porque não tem condições de ficar seis horas em pé, com quinze minutos de almoço, o que é um lanche na verdade, para quem trabalha 6 horas. Aí, quando a pessoa começa a trabalhar 8 horas, já é 1 hora de almoço. Você pode até estender para uma hora e meia, duas horas, mas daí, você estende o horário de trabalho. No começo, eu sonhava chamando o próximo, conversando com o cliente, mas isso era preocupação inicial, quando você quer mostrar trabalho, provar para você mesmo que você é bom naquilo que faz.

Eu dei uma relaxada depois que meu filho nasceu, porque eu procurei ter uma gravidez supertranquila para não afetar meu filho. Se um gerente vinha falar mais alto comigo, eu já falava alto com ele também, não estava nem aí. Não estava me importando com mais nada, só com o meu filho.

a) Uma gravidez - são dois contra o mundo.

-“Você se sentiu mais segura com a gravidez?”

Suzana: Bem mais, me sentia à vontade para falar o que eu quisesse. Primeiro, porque não podiam me demitir, e também não queria passar esse estresse para o meu filho. Às vezes, tinham gerentes maldosos que queriam que nós fizéssemos coisas erradas com nosso código, e aí eu já peitava ele, “Eu não vou fazer!”. E eu era assistente, que moral eu tinha para falar com ele naquele nível? Eu falava, “Eu não vou fazer porque está errado assim, assim e assim. Está faltando esse documento, esse e esse, e eu não vou fazer!”, “Então eu vou falar com o A., que é o Gerente Geral”, “Então fala, e fala para ele vistar aqui, se ele vistar, eu faço”. Então, você fica mais “peituda” também. Mas tudo isso foi para proteger o meu filho, eu fiz para proteger ele. E eu tive uma gravidez bem tranquila.

Aí depois, eu fiquei um pouco mais preocupada, porque você sai da estabilidade, daí o pessoal começa alfinetar para ver se você tem toda aquela coragem mesmo. Mas ainda bem que eu fui para outra agência e lá me adaptei muito bem. O pessoal era bem melhor e lá eu desenvolvi esse lado comercial, porque eu não tinha. Eu era uma porta para vender qualquer tipo de coisa, um cartão de crédito... não saía nada. Enfim, todas essas coisas.

Então eu desenvolvi esse lado comercial e fui para a gerência. Na gerência é bem pesado, o negócio é mais pesado. Apesar de que agora é muito tranquilo, lá (Guarulhos), o pessoal é mais agressivo, tem até um certo assédio moral. O pessoal chega e, “Você faz ou você pode ser demitido, pode ficar mal lá com a regional”. Tem muita dessa sacanagem, esse ninho de cobras é natural. (silêncio)

b) A Depressão.

-“A expressão do silêncio se deu num sentido de lembranças; foi de se notar, pelo tempo do silêncio de Suzana, que essa questão remetia a um passado atormentador. Nesse sentido, Suzana volta a falar do momento de sua gravidez”.

-“Estávamos falando de situações de estresse...”

Suzana: É, então, eu tive depressão pós-parto. Só que eu nem sabia o que era isso, então eu comecei a me dar mal no trabalho, eu fazia a parte de caixa e abertura de contas ao mesmo tempo. Não tem condições de você fazer isso, ou você mexe com dinheiro ou você mexe com o público, com venda de produtos. Não tem como você fazer os dois. E eu tinha que fazer os dois - ter que abrir a conta e atender o aposentado ali para sacar o dinheiro. Nessa, eu tive muita diferença de dinheiro, essas diferenças eu tive que ir pagando.

-“Teve que assumir a diferença?”

Suzana: Eu cheguei num ponto que eu estava deixando meu salário lá no Banco, estava trabalhando de graça. A gerente sempre vinha perguntar para mim: “Está acontecendo alguma coisa, está tudo bem?”. E eu, “Sim, está tudo bem, eu vou melhorar...”.

-“Mas ninguém se questionava sobre essas duas funções que eram atribuídas a você?”

Suzana: Não, imagina isso aí! Se você não faz, tem outro que faz. Eu falava algumas vezes para ela, “Olha, não tem como atender e...”. Numa abertura de contas, se você quer ela perfeita, não tem como eu atender um aposentado, pagar ele, ficar contando dinheiro, pegando dinheiro do cofre, não dá! É uma coisa ou outra, para ser bem feito, né? Mas tem aquele negócio, ela também não podia questionar porque eram normas do Banco. E começou a ter muita diferença. Chegou um ponto que eu falei para ela, “Ó, me manda embora, porque eu não aguento deixar mais meu salário aqui. Ou você me manda embora ou me muda de setor, porque para mim não está dando mais”. Mas nessa, eu não sabia que eu estava em depressão.

Ela ainda era psicóloga, tinha muita paciência, ela conversava: “Olha, eu vou te ajudar, tem algum problema?” Ela era bem tranquila – gerente geral – “Não, não tem nenhum problema”, não querendo demonstrar. Sei que bem eu não estava. E bem nessa época tinha muito sequestro de bancários em São Paulo.

Eu chegava em casa, não queria entrar para cuidar do meu filho. Eu queria ficar o tempo inteiro no trabalho, fazia 3, 4, 5 horas extras para não ter que voltar para casa. Na época, eu namorava. Comecei a namorar quando meu filho nasceu. Meu namorado começou a ficar preocupado. “Onde você estava?”. E eu estava na frente de casa. Ele ligava para babá, a babá ligava para ele, ele ligava para mim, e só caía na caixa postal, por conta do celular estar sem bateria. Daí ele ficou nervoso por causa desse negócio de sequestro. Daí tinha as brigas: “Poxa, você está na frente de casa, custava interfonar para babá? Você está na frente de casa!”. Mas enfim, era porque eu não queria voltar para casa, para cuidar do meu filho.

c) A Cobrança - E o que levo para os meus?

Daí, eu fui para outra agência, para ser gerente, daí o assédio é bem maior, muito grande. Eu entendo como capitalismo funciona, se eu fosse dona do Banco, eu cobraria da mesma forma, só que assim. Não é só a cobrança, o problema é que eles não incentivam você a nada, eles só querem cobrar, cobrar, cobrar. Uma gratificação, algum tipo de bonificação, não existe isso. Até tem algumas campanhas em que eles dão umas premiações, mas são coisas ridículas. Pois, o que motiva um funcionário, uma pessoa, é o financeiro. Então, eles querem, “Se você vender R\$ 100.000,00 de capitalização você vai ganhar um jantar com o Diretor”. “Pô, eu quero jantar com o Diretor! Para!”. Tudo bem que do lado profissional você se destaca. Mas, vale muito mais se disser: “se você vender 100.000 de previdência, você vai ganhar um fim de semana com sua família num Resort”. Pô, bacana, isso incentiva muito mais.

Agora, por exemplo, teve uma campanha lá na agência para quem vendesse R\$ 2000,00 do “Vida Único”, ou R\$ 700,00 de mensal⁴⁶ ganhava uma cesta da Cacau Show. Fantástico, porque eu tenho filho, sobrinhas, isso é bacana até, porque você acaba se motivando para dar para as crianças. Nada melhor para fazer uma mãe feliz, do que agradar seu filho.

Eu acabei fazendo, ganhei. Mas, tem umas coisas que são ridículas, você ter que vender 10 mil de seguro de vida para ganhar um Kit Churrasco (Kit Churrasco é uma faca e um garfo). Meu! É ridículo isso, esse tipo de coisa acaba estressando também, desmotivando.

⁴⁶ Aqui Suzana diz sobre produtos bancários como “Seguros de Vida”.

Pô, não é fácil vender 10 mil reais de seguro de vida, ainda cota única, para ganhar uma faca e um garfo de churrasco. Chega até ser ofensivo. Esse negócio de almoçar com diretor, com regional, também acho ridículo. Enfim, eles acham que é glamoroso.

Bom, depois dessa fase da minha gravidez que eu fui para parte gerencial tem essas pressões por metas e tudo, aí a gente fica muito tensa. Eu fazia muito acupuntura lá, muita massagem relaxante, porque você não aguenta. Só de você ficar no trânsito você chega pilhado no trabalho, daí você chega e todos os dias é reunião, todos! Todos os dias têm reunião inicial e no final ou, no outro dia eles verificam o que foi feito, o que é que falta, é muito tenso isso. Tem gente que suporta viver sob pressão, sob metas...

-“O conteúdo dessas reuniões era sobre o quê?”

Suzana: Só metas. Quanto falta para atingir, quanto está a defasagem. Se bateu a meta do mês, se está defasado no período, ou seja, só questão de metas. Ou, a gente tem um programa de objetivos, e nesse programa de objetivos tem pontuações e, no final se agência ganhar, ela até recebe uma verba pra fazer uma festinha no final do ano; mas é uma verba pequena, que dependendo do porte da agência, não consegue nem dar uma festa. Tem esse tipo de coisa e, essas reuniões eram especificamente sobre metas, objetivos. Lá na agência onde eu estava até era legal, toda quarta feira eles faziam uma “escolinha”. Na verdade, a escolinha era uma apostila com cada tema da agência, tema de trabalho, que um funcionário pegava e lia. Ia para casa, lia e, no outro dia, dava uma palestra. Era bem legal, porque você acaba aprendendo muito.

O Bradesco tem até um programa de treinamento que eu acho muito bom, é fantástico, só que não é funcional. Porque você tem lá “duzentos” cursos para se fazer pela internet e são cursos que até te dá diplomas, certificados e tudo mais. Só que meu... Você está ali, trabalhando...

-“O Banco quer que se faça no horário de trabalho?”

Suzana: Deveria, mas você nunca consegue fazer. O certo seria você tirar meia-hora, uma hora do seu trabalho para fazer. Só que eles obrigam a gente fazer em casa. E isso está condicionado a promoções, aumentos salariais. Então é bem abusivo também.

É ótimo, é fantástico, o Bradesco tem um Centro de treinamento fantástico. Você vai para Campinas, tem em São Paulo, você fica 15 dias, três dias, em um hotel bom, com tudo pago, um treinamento muito bom, com especialistas da USP. Mas eu acho que é muito dinheiro desperdiçado à toa, porque isso poderia ser revertido em estímulo para o funcionário. Porque é muito mais fácil você deslocar um profissional para vir dar um curso na Regional para 40 gerentes, do que deslocar 40 gerentes para São Paulo, para ter esse custo imenso. Mas enfim, cada um...

d) Um salário não muito justo, ‘não se pode mudar um sistema todo, então a gente aceita.’

-“E a questão salarial, como você vê no Bradesco?”

Suzana: Olha, eu não acho o salário assim, não muito justo. Porque se um caixa fizer horas extras, uma ou duas, por dia, ele ganha mais que eu que sou gerente e, ele só tem a responsabilidade do dinheiro, já eu, não. Eu tenho a responsabilidade de minha carteira, da rentabilidade, da produção, do aumento, do aumento líquido dessa carteira. Eu tenho que tratar bem os clientes, eu tenho que vender produtos, tenho que ser “Miss Sorriso” ali dentro, para eu ganhar igual a um caixa.

O Bradesco ainda é um dos Bancos que menos paga para seus gerentes. Valoriza muito pouco, porque a gente só tem nosso salário fixo, não tem nenhum abono, comissão, nada. Todos os outros Bancos, os funcionários, além dos seus salários, têm comissão. Nisso, eu acho que eles pecam um pouco.

Tem até uma briga sindical contra isso. Por que todos os Bancos pagam e o Bradesco não paga. Mas isso é pura politicagem entre o próprio sindicato, porque eles são funcionários do Banco também, eles são registrados e, enfim, é pura politicagem. Eles fingem que não está acontecendo, mas eles também ganham para isso não acontecer. Você não pode mudar um sistema todo, então a gente aceita.

e) Quebrando o prescritivo – a ajuda mútua para se atingir as metas e aliviar o estresse.

Ainda assim, falando dessas questões de estresse, problemas que eu tive lá em São Paulo. Vejo que hoje estou muito tranquila, porque eu vim para o interior e, não que também não seja tenso e tudo mais, mas eu deixei as pessoas se preocuparem por mim. Tem produtos que odeio vender e tem um rapaz lá na agência que ele bate metas sozinho, são 50, 80 mil reais todo mês, fazendo crédito rural.

Então há uma parceria, o cliente pega duzentos mil reais a juros de 6, 75 ao ano, mas ele faz mais uns 20 mil de capitalização que irá ficar parado lá rendendo nada, não tem correção de IGPM, sei lá que tipo de correção que é. Provisão matemática, para nada. Pura parceria, para ajudar o gerente mesmo, então ele acaba batendo sozinho. Então, eu estou num momento que eu não faço corpo mole. Eu trabalho o que for capaz de fazer, ótimo. O que não for, desculpe, entendeu? Eu não estresso mais...

Mas você acaba se estressando um pouquinho, porque tem mesmo aquela competição entre os gerentes, para se mostrarem mais para o o gerente regional, o gerente geral. Mas isso não me abala mais não.

- “Você parece estar mais segura...”

Suzana: Eu estou, não estou mais me importando em perder o meu emprego. Antes eu me preocupava muito. Mas é que antes eu tinha muito mais dívidas. Hoje tá controlado, mas ainda tenho. Não são dívidas, são investimentos, tenho minha casa e carro financiados, tô pagando minha casa, tô pagando meu carro. É esse tipo de coisa que me preocupa, mas o resto eu não me preocupo. Por exemplo, em relação ao meu filho eu não me preocupo, porque o pai dele ajuda bastante, então eu sei se um dia eu perder o emprego o pai dele vai segurar as pontas para mim e emprego a gente arruma. É que eu acho que eu optei por essa condição por conta do estresse, de não ficar mais pilhada, naquele negócio que te engole, você fica doente. Você ganha para você se tratar. Não faz sentido.

- “O que me parece é que você conseguiu organizar sua vida pessoal e, isso lhe deu força para ter segurança no trabalho. Talvez em Guarulhos você tivesse essa preocupação.”

Eu tinha, porque eu era sozinha lá, então você acaba se preocupando com um bandido pegar seu filho na escola, você sofrer um acidente. Eu estava sozinha, não tinha

ninguém, ninguém, ninguém... Só eu e meu filho. Aqui eu tenho minha irmã que vira e mexe ela está ali. Meus pais moram perto, em uma hora e meia estou lá. Às vezes preciso fazer um curso em Campinas, fico 15 dias lá, minha mãe vem para cá, fica com meu filho. A preocupação é menor, não estou sobrecarregada, não é tudo nas minhas costas, eu posso dividir isso com outras pessoas, então isso me alivia muito.

Então, estou mais segura mesmo, nessa parte do trabalho. Aqui no interior eu vejo muito mais oportunidades do que lá, por incrível que pareça, por menos pessoas que eu conheça ainda, eu sei que se eu sair do banco hoje, não vai demorar um mês para eu estar empregada de novo. Porque aqui as oportunidades são muito grandes, você não conhece as pessoas, mas as pessoas te conhecem, te indicam, mesmo a empresa que você gerencia lá, você acaba arrumando um emprego lá na empresa...

f) O trabalho no interior e o trabalho na metrópole

- *“E sobre o ambiente de trabalho? Como você avalia o ambiente de trabalho numa região metropolitana e aqui no interior?”*

Suzana: Nossa... São dois extremos, né? Porque lá, e não que aqui não existam pessoas ruins ou ninhos de cobras, mas aqui é muito mais fácil identificar quem presta e quem não presta. As pessoas são muito dissimuladas lá em São Paulo. Como eu trabalhei muito em postos bancários em lojas de conveniência, e o clima era melhor, fica até difícil de comparar, mas da primeira agência à última que eu trabalhei era assim, bem claro, lá tinha em média 40 funcionários. Aqui tem um pessoal que eu me relaciono melhor, não sei o porquê, mas eu me relaciono melhor com o pessoal do administrativo. Talvez porque na gerência seja muita competição também, então eu me identifico muito com o pessoal do administrativo. Tinha um gerente que brincava comigo: “Vou te transferir para o administrativo, toda vez que eu te vejo você está aqui”. Lá em São Paulo, eu sentava com o pessoal do administrativo e a gente ficava falando besteira o resto da tarde. Para aliviar mesmo, eu chegava lá às 16h30min e ficava até às 17h30min, e a gente só dava risada, falava besteira...

- *“Você fugia da competição...”*

Suzana: Eu fugia, não entrava nessa pilha não. Tinha muita competição assim entre os postos, né? O PAB que se destaca mais, ganha uma viagem, uma TV – LCD. Eu não entrava nesse ritmo de competição, pois era uma forma de o Banco te explorar ainda mais, pois o que você fazia e o 100% que você fazia não era suficiente para eles. Para eles o ótimo é 130, 150%. Cem por cento (100%) é obrigação. Eles falam assim, 130, 140% é superação, o que eles querem é a superação.

É legal? É legal, incentivar a pessoa buscar coisas melhores na vida, mas acho que não preciosa ser desse jeito, sabe? Claro, tem todo um negócio do mercado, tem que competir com outros Bancos, o Bradesco quer ser pioneiro em tudo, ele quer ser o primeiro, no ano passado ele ficou em segundo, com a aquisição do Unibanco pelo Itaú, do Banespa pelo Santander, Nossa Caixa pelo Banco do Brasil. Ele vai ficar pra trás se não fizer uma nova aquisição, mas enfim, eu acho muito sacrificante pro funcionário esse tipo de cobrança que eles fazem.

Acaba prejudicando mesmo a vida pessoal, e uma pessoa que não é tão equilibrada assim, ela destrói tudo, o casamento, a relação com filho, ela destrói tudo, se ela não se equilibrar, se ela não procurar ajuda para se manter ali no neutro, ela pira. Teve pessoas que saíram do Banco porque tiveram aquele estresse de trabalho, é uma doença, síndrome do pânico, não conseguia entrar dentro do Banco, via máquina e saía correndo. Tinha uma moça aqui que caiu no chão dura, toda torta de estresse e tensão. Ela tinha 19 anos de Banco, ela caiu, tiveram que chamar a ambulância, caiu do nada, ela desmaiou, travou, se entortou toda.

O marido dela tem uma empresa, ele me contou. Ela pegou o Fundo de Garantia, e gastou tudo com terapia, faz três anos que ela saiu do Banco e continua fazendo terapia, com medicação, com psiquiatra. Ele me disse que gasta 700 Reais por mês com tratamento e medicação. Agora o que valeu trabalhar 19 anos no Banco, se dedicou pra sair de lá travada, a troco de nada? Esse tipo de coisa realmente a pessoa tem que estar atenta.

Eu acho que ela até se aposentou, tem muitas pessoas que ficam afastadas por cinco, dez anos depois voltam, mas têm mais problemas como tendinite, bursite, por LER mesmo, eles se afastam depois ficam trabalhando 15 dias, depois se afastam por mais 10 anos. Não sei se existe ainda, mas na época existia uma lei que obrigava o Banco a aposentar as pessoas, mas dá muito trabalho, você tem que provar muita coisa. Acho que o Banco também peca nessa parte, porque fica insistindo em manter pessoas que vê que não tem mais produtividade para própria empresa. Aposenta! Uma hora ela vai se aposentar

mesmo, por que não facilitar isso para pessoa? Sendo que o custo para o Banco será até menor?

g) O uso do corpo feminino, o assédio, as metas – “Você faz cara de paisagem, dá uma risadinha sem graça, finge que não escutou”.

- “Mas Suzana, mudando um pouco a perspectiva, vamos falar sobre a Mulher no Bradesco. Como as trabalhadoras são vistas no Bradesco?”

Suzana: Hoje eu não vejo muita diferença assim, com os sexos, como competências, é bem equilibrado. Não existia Gerente Geral mulher, de uns 10 anos prá cá você já vê mais Gerente Geral mulher. Mas essa cabeça acho que não existe, essa concepção de que mulher não pode ocupar cargo gerencial. Pelo contrário, as gerentes mesmo, de pessoa física, a maioria são mulheres e os meninos eles deixam para colocar em cargos um pouco mais arriscados.

Por exemplo, tem o gerente de PA (Posto de Atendimento Avançado) que são em cidadezinhas que não tem atendimento bancário, como em Jafa, Alvinlândia, Lupércio, Padre Nóbrega. A maioria são homens, por quê? É um trabalho mais braçal eu diria, porque eles têm que ficar saindo muito, visitando cada portinha, abrindo contas, fazendo convênios com essas lojas para fazer cobrança de contas, pagamento de contas. Então eu acho que é uma coisa mais direcionada para os homens mesmo, ou em lugares que tem muito homem.

Eu trabalhei em postos empresas que eu me sentia um pouco desconfortável por que eu tinha lá mil funcionários, mas 750 eram homens. E tem aquele negócio, uma mulher vai lá e o homem fica olhando e tem aquelas gracinhas. Teve uma época que trabalhava lá uma moça mais senhora assim (...), e os caras nem apareciam lá. Quando eu cheguei, aquela PAB “bombava”, eles me perturbavam a tarde inteira, às vezes por nada; eles iam na máquina e bloqueavam o cartão e depois entravam na agência só para desbloquear o cartão, para encher o saco mesmo, tem esse tipo de coisa, coisa de homem. Mas não tem não essas coisas de competição, de mentalidade masculina.

- *“Por isso mesmo, estava dizendo sobre a organização do trabalho. No trabalho bancário, como em outros, se sabe que existe um controle sobre o corpo da mulher. Tem que ter uma postura, um padrão de roupa a se seguir, corte de cabelo...”*

Suzana: Tem todo um curso de etiqueta...

- *“Isso! Tem que estar dentro desses padrões. Nisso a mulher, ou seja, o que é usado como constrangimento da mulher, acaba sendo alvo de fofocas, coisas que acontecem com os homens também, mas de uma forma diferenciada, imagino algo mais contundente. Já com a mulher, a fofoca segue outros circuitos, por exemplo: Como será que ela conseguiu aquele negócio? O que será que ela deve estar fazendo com o cliente? Porque o gerente a dispensou para um curso? Enfim, coisas que acabam restringindo o trabalho, pois, são coerções ou assédios realizados pelo grupo de trabalho. Você já passou por situações assim?”*

Suzana: Já! Eu passei e passo até hoje isso. Teve um gerente que ficava com gracinhas, ficava pegando na minha mão. Se eu batia alguma meta, e eu ficava superfeliz, nossa, eu consegui, pois, são coisas que não se dão assim na hora, por exemplo, assinar um seguro de vida, a pessoa não assina assim na hora, tem que ter todo um planejamento para conseguir...

Eu ficava toda entusiasmada: “Nossa consegui bater essa meta!” E eu chegava super inocente, e ele pegava na minha mão, e olhava com aquele olhar... “Meu bem, eu sabia que você iria conseguir”. Aquele olhar de desejo (...), teve até algumas vezes que ele me falava umas gracinhas: “Mas você tem uma cara de safada...”. Sabe, umas coisas assim, você não tem o que falar pro cara! Você faz cara de paisagem, dá uma risadinha sem graça, finge que não escutou e sai. Vou falar o que para um cara desses? Ele pode até reverter a situação contra mim, então a gente faz isso, ignora, finge que nada está acontecendo. Já tive até clientes que me chamaram para sair.

Mas a roupa é fundamental, o ideal é uma sainha com dois a quatro dedos acima do joelho, se você põe um pouco mais curta você já é vista como “biscate” mesmo. Os clientes mesmos pensam que você veio com sainha só pra vender produto.

Já tem essa concepção porque no mercado existe isso mesmo, as mulheres se vendem, no Banco tem isso, algumas mulheres irem com decotes mais avantajados para

baterem metas. Tipo, debruçar na mesa: “Olha tá vendo aqui!”, e fica com os peitos na cara do cliente. Tem umas avantajadas... Meu!, como que o cara não vai assinar o negócio com essa pressão toda! Esse tipo de coisa existe sim e, é muito complicada, porque a gente acha que o cliente não repara na gente, mas eles reparam em tudo, até a unha, por isso eu sempre vou com a unha feitinha.

- *“Sim, eles vão interagir com você...”*

Suzana: É! E a impressão que ele tem do Banco é quando ele olha para você. Homem também, não pode ir trabalhar com a barba mal feita, se tiver um centímetro já comprido não pode. Existe um padrão, no máximo eles deixam trabalhar de bigode, mas cavanhaque e barba, nem pensar! Existe um curso sobre etiqueta no Banco.

- *“Ainda existe (!) ?”*

Suzana: Existe, eles falam o que é adequado para o homem usar, o que é adequado para a mulher.

- *“O Bradesco possui um histórico de controle muito forte de seus trabalhadores, principalmente na época do Amador Aguiar. Depois, com algumas mudanças de concepção no sentido de Banco, isso acabou se alterando bastante, mas eu penso que o Bradesco ainda tem umas permanências. O Banco traz resquícios da sua ética profissional, a noção de trabalho... sei que existiam circulares dizendo de como deve se portar o bancário.”*

Suzana: Existe isso ainda! Tem na “Treinet”, uma página da “Intranet” que a gente acessa os cursos, tem “Ética”, aliás, tem “Ética 1, 2 e 3”. Têm as políticas, as normas, regulamentos internos. Tem um negócio “desse tamanho”, uma espiral que fala da ética no trabalho.

Mas eu acho o Bradesco uma organização muito séria, tem seus abatimentos com dívidas sociais, mas é uma forma de eles ajudarem o mundo um pouco. Mas eu acho legal porque tem um plano de carreira fechado, ele não pega executivo de outro Banco, de outro lugar. Eles te dão a oportunidade de você chegar a ser um executivo. O treinamento deles é

fantástico, tem a “Treinet” que é uma forma de apoio. Mas, da forma que eles condicionam que não é legal. Têm as formas de você tirar dúvidas, têm muitas coisas que você pode se virar, porém, eu acho muito massacrante essa parte de metas.

Todo Banco tem e, eu ainda acho que o Bradesco é bem “ligh” nessa parte de cobrança, já vi amigos de outros Bancos reclamarem que as cobranças são bem mais puxadas.

Enfim, eu estou tranquila, estou procurando outro tipo de felicidade, não acho que o Banco vai ser meu “impulsor” para felicidade. Eu procuro me satisfazer com meu filho, com amigos, com passeios, não me preocupo tanto mais com o trabalho.

h) O lazer e os sonhos.

- *“Permita-me só continuar uma questão, é sobre lazer, o lazer que você percebe, sobre você, sobre seus amigos bancários...”*

Suzana: No começo, eu ficava só esperando o final de semana passar para eu voltar a trabalhar de novo, eu ficava pensando o tempo inteiro: “Nossa, esqueci de fazer um negócio, segunda-feira eu tenho que chegar e fazer isso, isso e isso”. De vez em quando eu me pego fazendo isso, mas são coisas que eu sei que vão me prejudicar se eu não fizer, de modo geral, eu ainda faço. Mas no começo, eu ficava muito mais pilhada.

Mas assim, quando meu filho nasceu eu me casei, aí eu ficava muito com a família do meu marido, porque eu não tinha família lá, não tinha ninguém, então era o tempo inteiro com a família dele, fazíamos almoços... Mas eu ia no máximo a um parque ou “shopping”. São Paulo você não faz grandes coisas se você não tiver dinheiro, porque é tudo muito caro. Aqui, na maioria das vezes, vou para casa da minha mãe, por que aqui em Marília não conheço nada, não conheço ninguém, mas estou tendo muito mais vida social aqui do que lá.

Sabe, estou mais tranquila, até com relação ao emprego mesmo. Se o cara quiser me mandar embora, paciência. Estou me valorizando mais. Quando você está dentro de um Banco, você pensa que se você sair, você não vai achar outro emprego e, eles fazem essa lavagem cerebral em você. “Ai! Você tem que valorizar, tem que vestir a camisa, por que não é qualquer Banco que vai te pagar 800 Reais de “ticket”. Realmente é um bom “ticket”, tem pai de família que trabalha o dia inteiro embaixo de sol para ganhar 800 reais

e a gente ganha 800 reais só de “ticket”, não é ruim não, mas é de merecimento nosso, é conquista do Sindicato. É direito.

Aqui no interior, eu digo que estou bem mais tranquila porque lá em São Paulo, o pessoal só trabalha para conquistar coisas materiais. Aqui ainda se vive bem, lá eu só conseguia fazer faculdade porque ainda não tinha meu filho, senão, não conseguiria fazer mais nada. Eu fiquei sete anos sem fazer um curso, porque você chegava tão cansada, emocionalmente abalada, com a cabeça cheia de coisas, que você não tinha energia.

Eu acabei até conseguindo fazer academia lá nos dois últimos anos, depois que eu me separei, que era uma coisa mais para aliviar meu corpo do que a mente. Eu ia de segunda a sexta na academia, mas eu levava meu filho junto. Mas lazer mesmo quase eu não tinha.

- “Suzana, e seus sonhos e anseios, você poderia falar um pouco sobre isso, claro que você já disse muita coisa que envolve isso, mas é uma coisa sobre objetivos, ou melhor, esses sonhos que a gente tem na vida.”

Suzana: Eu vejo que as pessoas mais novas, as que trabalham comigo pensam mais em coisas como comprar carros, equipar carros, comprar roupas. As pessoas um pouco mais velhas, que têm família, filhos, pensam em pagar contas, elas ficam mais com a família, aquela mesmice, não viaja tanto, não passeia tanto.

Mas os meus anseios minhas vontades... sabe, eu não tinha um planejamento de me aposentar no Banco, porque às vezes a gente fica com muito medo, porque falam assim: “Qual é sua profissão?”, “Bancário”, se é que bancário é profissão. Mas quando você sai do Banco, qual é a idéia? Ou você arruma emprego num outro Banco ou, você monta seu negócio. Porque é muito difícil você sair para trabalhar numa empresa se o profissional que está ali no Banco não investiu nele mesmo, não fez uma faculdade, um curso alguma coisa para quando sair do Banco exercer, mas a maioria não faz isso, justamente porque é tanta pressão tanta coisa que a pessoa não consegue sair do Banco para fazer um cursinho à noite, porque a cabeça fica tão cheia, tão pesada que você não consegue se dedicar a outra coisa, a não ser que seja alguma coisa que seja sua paixão sua motivação. Por exemplo, o meu sonho quando eu era mais nova era ser fisioterapeuta.

Considerações sobre as narrativas.

A partir das narrativas expostas, consideradas entre os *motes* “ingratidão” e “vilipêncio” é possível observar como esses dois trabalhadores vão compondo suas trajetórias em imbricações que fornecem eixos para que se chegue às categorias *precarização e precariedade do trabalho*.

Elas têm a capacidade de reproduzir de maneira direta as formas como Bradesco condicionou e condiciona a submissão dos trabalhadores aos seus interesses, elementos este retratados no capítulo I e II.

Na primeira narrativa, **Sr,L.** expressa em perspectiva um verdadeiro “mensageiro a Garcia”, na sua história é de batalhas e agenciamentos, assim compõe um tipo ideal e comum do “velho mensageiro”, entrelaçando vida e trabalho aos ideais do Banco.

Na segunda narrativa é verificado que a inserção de **Suzana** no Banco ocorre de maneira diferenciada, pois, o que na verdade é priorizado é um tipo de qualificação que não lhe exige agenciamentos maiores, no entanto, exige um ritmo de produtividade mais intenso. Os novos mensageiros têm como metas a superação diária em suas atividades, diferente do que acontecia com os seus “antigos correligionários”, nesse sentido, todo dia uma carta é expedida a Garcia.

Vimos que para o primeiro, Garcia estava a sua espera, para o segundo, Garcia está em movimento. Na verdade, subtraindo a metáfora, os dois trabalhadores entendem por vias diferentes que Garcia nunca existiu, mas não puderam ou não conseguem se livrar da missão que lhes foram atribuídas, pois o que lhes foi “recrutado” foi a “força de trabalho” num campo de batalha fatalista.

Como temos salientado, suas histórias extrapolam o entendimento dos seguimentos profissionais, elas falam sobre o emprego no qual investiram e investem suas vidas, mas em todo momento há um recorrente retorno às bases que lhes dão sustentação perante as situações de intensa exploração, é como se houvesse a eterna miragem do porto de onde partiram. Suas experiências são consideradas num todo concreto.

Compreendemos que as questões que colocam, são passíveis de recortes funcionais para inúmeras análises, mas a tensão que sobressai diante desse vivido, de fato, é o que consideram como verdadeiras perdas.

Para o antigo bancário isso se configura em nexos que vai descrevendo em sua formação e como esse sutil aprendizado lhe deu garantias de ‘sobrevivência’ na no campo

de batalha. O seu adocimento por ingratidão é referente a essa entrega e, remete a todo processo de precarização de trabalho que lhe custou fundamentalmente os sentidos que atribuía vida. O que diz como superação é sempre um retorno ao ponto de onde saiu o “velho mensageiro”.

Para o “novo” bancário encarnado por Suzana, sua experiência percebida das mazelas do trabalho, lhe apresenta e sustenta o futuro como única saída, pois o sentido de seu bem estar, é o bem estar do seus; sua perda é o medo latente que lhe é posto de não conseguir “chegar” ao futuro, aí está, sempre redundante, à precariedade de seu trabalho.

Certamente entre as duas narrativas existe um caminho aberto pelos desmontes no mundo do trabalho realizados durante toda década de 1990, isso pode ser observado nas estruturas geracionais e como a exploração do trabalho se diferencia entre elas, tal como fora tratado no capítulo I .

As metas a serem alcançadas a todo custo diaramente e, não os agenciamentos em tempos largos é que dão o mote da precarização e precariedade desse tipo de trabalho, geram por si, a idéia de um Garcia em movimento, e assim, a fragmentação das relações sociais que viveram e vivem esses trabalhadores, no âmbito profissional, como empregados do Bradesco, no âmbito da vida, como pessoas subordinadas a um sistema de expropriação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que foi ao longo da década de 1990 que se colocaram as linhas-mestras de reorganização do capitalismo brasileiro, visando a um novo modelo de acumulação em substituição ao modelo nacional-desenvolvimentista em crise desde meados da década de 1970.

As transformações que emergiram desse contexto tiveram como desdobramentos a flexibilização dos processos de trabalho e produção, desregulamentações de direitos e garantias empregatícias, implicando fortemente na flexibilização e mobilidade do mercado de trabalho, além de alterações dos sentidos do trabalho absorvida potencialmente pelas novas gerações de trabalhadores.

Noutro sentido, esses conjuntos de mudanças trouxeram (e trazem) para os trabalhadores, o “desmonte” de suas perspectivas de futuro, convertidas em frustrações nos ideários de realização profissional e ‘conquistas’ individuais. Isso quando não são atingidos por ondas de desemprego acentuado; significando então, instabilidade do emprego e financeira.

Atualmente, a literatura técnica e sociológica aponta que o período de dinamização e estabilidade econômica que o país vivencia frente à crise financeira internacional apresenta não uma intensificação do desemprego, mas matém um mercado de trabalho permeado por práticas flexíveis de contratação e organização do trabalho, no mesmo fluxo das correntes de “implementações” de novas tecnologias e discursos gerenciais. Tais questões sugerem a intensificação de formas precarizadas de inserção no mercado de trabalho, como os trabalhos terceirizados e contratações temporárias.

Assim, ocorre que em tais condições, evidentemente não se alteram as relações de subalternidade na relação capital-trabalho, ao se pensar classe trabalhadora num sentido contingente, mas as ampliam, já que incorrem no cerne das lutas de classe e diversificação nos modos de ser dos trabalhadores.

Compreendemos que tais dados e informações apenas indicam uma condição contingente nos eixos das distorções econômicas e nos discursos que possam ser justificados pelas políticas de emprego ou mesmo naturalizados pelo mercado de trabalho.

Nesse sentido, a organização do pensamento imediato é que, uma ordem global se manifeste em mudanças locais, presumindo que se possa mediar seus impactos sob um ideário tão normativo quanto aos que se impõe. Há que se levar a sério, no contexto dessas

mudanças, a noção em que uma estrutura possa ser transmutada em processo, e o sujeito, reinserido na história.

Os dados inferem no sentido de como se dão essas “distorções” no contexto do mundo do trabalho, mas não evidenciam como os indivíduos, ou mesmo uma categoria coletiva de trabalhadores, lida diariamente através desses pressupostos; ou seja, não informam situações em que o *modus operandi* do cotidiano (que pode mesmo ser entendido no plano de *vida e trabalho*, sem que essas categorias se contradigam), explicita questões “regularizadas e regulares” localizadas no interior de grandes escalas.

Não porque tais dados sejam exatamente grandes escalas, mas porque informam unicamente, no plano crônico da economia política, uma naturalização, indicativos de um modo de produção desprovido de agentes.

Nossa dissertação buscou tratar de elementos que evidenciassem as implicações cotidianas dessas estruturas.

No que abarca o foco do nosso estudo, a experiência da precariedade e precarização do trabalho bancário, se deu no modo de exposição desses elementos. Primeiro, foi necessário que tais implicações, no sentido de vida e trabalho, fossem entendidas em termos de uma lógica contínua. Segundo, para que se sustentassem nos níveis de coerência que gostaríamos de dar, foi necessário que se construísse um tecido em que tais implicações cotidianas pudessem ser expostas.

Assim, o Banco Bradesco, devido à sua história, desenvolvimento e expansão territorial, nos possibilitou compreender em tempos largos, essas determinações.

Dessa forma, procuramos evidenciar por meio das narrativas de vida e trabalho de seus antigos e novos bancários os elementos que compõem os sentidos que dão para os processos de precarização e as condições de precariedade do trabalho em que estão inseridos.

Para tanto, organizamos em nexos suas histórias, pois o Bradesco oferece elementos peculiares nas formas de inserção, controle e gerenciamento do trabalho vivo em seus quadros. Tais elementos foram tratados historicamente a partir noções como “ideário disciplinar” e como tais noções convergem em conexão para o termo que chamamos de *formação para o trabalho*, ou seja, para um tipo de formação que encerra o trabalhador almejado pelo Banco.

Porém, existe um elemento paralelo. Os sentidos de *precarização e precariedade do trabalho* se ligam às posturas neoliberais e se apresentam como ideologia, na

perspectiva em de que não há mais alternativas. Assim, os elos sociais engendrados tanto num contexto macroeconômico, como em termos das experiências cotidianas, admitem significativamente eixos fragmentários.

A ideia do trabalho foi seguir conjuntamente nessas duas perspectivas.

Nesse sentido, somente figurando as *narrativas de vida e trabalho*, diante de um *diálogo proximal exposto*, poderíamos observar que no plano do cotidiano, admitindo o discurso gerencial do Bradesco e as estruturas macroeconômicas onde se localiza, surgisse o termo *fragmentação*, que diz respeito à categoria experiência e procura alçar uma nuance dos fenômenos gerados pelo atual modo de organizar a vida coletiva.

Aqui começamos abrir espaço para o entendimento do nosso exposto. Nele buscamos demonstrar como os elementos narrados, fluem num contexto maior e, reproduzem ambientes onde as experiências (de vida e trabalho) são destituídas em razão de uma lógica de qualificação para o trabalho, calcadas na extrema valorização da produtividade.

Contudo, nossa abordagem não procurou pôr em evidência a atuação de um Banco sobre sua força de trabalho. Inúmeras monografias de maior intensidade são realizadas sobre diversas empresas do mesmo caráter, mas intentamos demonstrar como nas minúcias das falas dos trabalhadores, com experiências sobre tais desmontes, estas são capazes de evidenciar essas destituições grandiosas nas suas perspectivas de futuro e relações proximais.

Por outro lado, foi possível observar pelo termo “formação para o trabalho” que está associado a experiências fortes e cumulativas ao longo da vida, os nexos que os trabalhadores agenciam ou empreendem na sustentação de um lidar diário com as formas de precarização e precariedade do trabalho.

É essa formação que levam a cabo no entender e realizar seus trabalhos, quando atingida por normatividades contingentes no sentido organizacional das empresas, “reestruturações produtivas”, capacitações que pouco fluem para realização de tarefas, cobranças por metas abusivas ou intensa produtividade esvaziada de intenções que lhes sejam próximas, demonstram o contraditório do trabalho.

Como vimos, são nesses pontos de contradição que são gerados os “vazios”, que aparecem como ingratidão, extremo aviltamento, adoecimento.

Talvez fosse mais acertado, se associássemos diretamente as narrativas, os nexos explicativos de duas categorias fundamentais para o entendimento das relações sociais de trabalho capitalistas, como são *exploração* e *estranhamento*.

Sob a ótica marxiana, numa separação que é meramente heurística, a primeira categoria figura como um complexo de entendimento da dinâmica estrutural de produção e acumulação de valor. A segunda, o *estranhamento* sugere a *desefetivação* do ser genérico do homem a partir das *relações sociais* constitutivas do trabalho e da vida social subjacente à produção do capital⁴⁷.

Portanto, a grosso modo, enquanto a *teoria da exploração* trata da dimensão estrutural (e das leis tendenciais históricas) do modo de produção capitalista, a *teoria do estranhamento* trata do conteúdo material das relações sociais.

Porém, é preciso aí, ver de perto os elementos de junção, através da categoria experiência, que vimos trabalhando ao longo de nossa exposição. Acreditamos que necessariamente ela se dá pela forma como cunhou o historiador E. P. Thompson, que aqui, sem maiores discrições, devemos novamente reproduzir:

Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p. 189).

Foi a partir desses elementos de junção que priorizamos as narrativas de vida e trabalho, por entender que elas se dão em um terreno firme, em concepções sócio-históricas mais amplas e que, é justamente nesses eixos que operam os desmontes da precarização e precariedade do trabalho.

Tão logo, devemos explicitar que entendemos nosso trabalho ainda muito devedor, muitos caminhos devem ser ainda percorridos. É uma forma bruta, mas o consideramos como uma pequena ferramenta para trilharmos nosso entendimento em torno da vida daqueles que vivem a experiência dos “vazios”.

⁴⁷ Ver, ALVES; SELEGRIN - A Condição de Proletariedade: Esboço de uma análíticas existencial da classe do proletário. Rev. Medições (2011).

“Não está à sua altura, pessegueiro”

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, L. A subjetividade do trabalhador frente à automação. In: NEDER, Ricardo. et al. (Org.). **Automação e movimento sindical no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1988. p.133-176.
- _____. Los retos teóricos de los estudios del trabajo hacia el siglo XXI. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL: Trabajo, sujetos y organizaciones laborales do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO)** e pela Universidade Autônoma de Aguascalientes, Aguascalientes, México, 7-8 de outubro de 1999.
- ACCORSI, A. **Automação Bancária e seus impactos: o caso brasileiro**. São Paulo: In Revista de Administração, v. 27, n 4, 1992.
- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko; Chapecó, SC; Argos, 2009.
- ALVES, G. Nova ofensiva do capital, crise do sindicalismo e as perspectivas do trabalho – o Brasil nos anos noventa. In: TEIXEIRA, F.J.S. ; OLIVEIRA, M.A. **Neoliberalismo e Reestruturação Produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- _____. **Dimensões da reestruturação produtiva** : Ensaio de sociologia do trabalho. Londrina: Praxis, 2007.
- ALVES, G; SELEGRIN, E. F.R. A condição de proletariedade: esboço de uma análise existencial da classe do proletário. **Mediações: Revista de Ciências Sociais** , Londrina, v. 16, n.1, p. 71-90. jan./jun. 2011.
- ANTUNES, R. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- _____. **Os Sentidos do Trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- _____. **Adeus ao trabalho?** . São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.
- _____. **A Rebeldia do trabalho**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- _____. **O Caracol e sua concha**. Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. **O Continente do labor**. São Paulo, SP.: Boitempo, 2011.
- BATISTA, É. **A Fantástica Fábrica de Dinheiro na trilha do empowerment: o discurso gerencial no Banco do Brasil**. 2007, 207f., Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.
- BATALHA, C. H. M. Thompson diante de Marx, 2000. In: BATALHA, C. H. M. **A obra teórica de Marx: atualidades, problemas e interpretações**. Ed. Xamã, 2000.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. (trad. Sergio Paulo Rouanet) São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOITO, A. **As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil**. Sujetos Sociales y Nueva Formas de Protest. 2006. Disponível em: <www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/caeta/pIIcdos.pdf>. Acessado em: 24 jun. 2009.

BRADESCO: **Relatório de Sustentabilidade**. Portal Bradesco. Disponível em: <<http://www.bradesco.com.br/ri>>.

BRAVERMAN . H. **Trabalho e Capital Monopolista**: A degradação do trabalho no século XX. Trad. Nathanael C. Caixeiro. – [Reimpre.] Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CHAHAD, J. P. Z. ; CACCIAMALI, M. C. (Org.). **Mercado de Trabalho no Brasil**: novas práticas trabalhistas, negociações coletivas e direitos fundamentais no trabalho. São Paulo: LTr., 2003.

CHESNAIS. F. **A mundialização do capital**. (Trad. Silvana Finzi Foá). São Paulo: Xamã, 1996.

DEJOURS, C. **A Loucura do trabalho**: Estudo de psicologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1987.

DEJOURS, C.; GERNET, I. **Trabalho, subjetividade e confiança**. Saúde dos bancários/organização Laerte Idal Sznclwar, 1ed. São Paulo: Publisher, Brasil: Editora Gráfica Atitude, 2011.

DEL ROIO, M. Gramsci e a emancipação do subalterno. **Revista de Sociologia e Política**, nº 29, Curitiba, 2007.

DIEESE. **Remuneração Bancária**: Conceitos, Composição e Orçamento Familiar Aproximado. Subseção CNB-CUT, São Paulo. 2005

_____. **O Balanço nos Bancos e seus reflexos na remuneração variável**. Estudos e Pesquisas, nº 29, ano 3, 2007.

_____. **Admissões e demissões no setor bancário**. Nota Técnica, nº 38, 2006.

FILGUEIRAS, L. **História do Plano Real**: fundamentos, impactos e contradições. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

_____. Reestruturação Produtiva e emprego bancário. GOMES, A. (Org.) **O Trabalho no século XXI**: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: Anita Garibaldi. 2001.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre; Ed. UFRGS, 2004.

GAMEZ, M. A Nova Era do Bradesco. In: **REVISTA ISTO É**. Edição: 597 - 18.MAR.09.Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/465_A+NOVA+ERA+DO+BRADESCO.>

GOMES, M. **A Territorialidade do Bradesco**: de pequeno banco caipira a maior banco privado de varejo. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GORZ, A. **Metamorfoses do Trabalho** (Crítica da Razão Econômica). Annablume: São Paulo, 2003.

GRISCI, C. L. I. **Dos Corpos em rede às máquinas em rede**: reestruturação do trabalho bancário e constituição do sujeito – Socius Working Papers, nº 2, 2002. Disponível em: <<http://pascal.iseg.uti.pt/~socius/index.htm>>.

_____. **Tempos Modernos, Tempos Mutantes**: produção de subjetividade na reestruturação do trabalho bancário - Socius Working Papers, nº 3, 2002. Disponível em: <<http://pascal.iseg.uti.pt/~socius/index.htm>>.

GUIMARÃES, N. A. **Caminhos Cruzados**: Estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores. Editora 34: São Paulo, 2004.

GRAMSCI, A. Americanismo e Fordismo. **Cadernos do Cárcere**,; Edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho, Co-edição: Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira; Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2002, v. 4. Caderno 22.

_____. Às Margens da História (história dos grupos sociais subalternos). **Cadernos do Cárcere**,; Edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho, Co-edição: Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira; Rio de Janeiro; Ed. Civilização Brasileira, 2002, vol. 5. Caderno 25.

GRÜN, R. **Taylorismo e fordismo no trabalho bancário**: agentes e cenários. Rev Bras Ciênc Soc. [periódico na Internet]. 1986;1(2):13-27. [acesso 13 set 2008]. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_02.htm

Hardt, M.; Negri, A. **Império** - tradução de Berilo Vargas. - Rio de janeiro: Record, 2006

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Loyola, São Paulo. 1996.

KOWARICK, L. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

JINKINGS, N. O Mister de fazer dinheiro: automatização e subjetividade no trabalho bancário. São Paulo: Unicamp, 1995.

_____. **Trabalho e resistência na "fonte misteriosa"** :os bancários no mundo da eletrônica e do dinheiro - Campinas : Ed. da Unicamp ; São Paulo : Imprensa Oficial do Estado, 2002

LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe:** Estudos sobre a dialética marxista. Trad. Rodnei Nascimento; Karina Janini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MORAES, M. C. M. de; MÜLLER, R. G. **Tempos em que a “razão deve ranger os dentes”:** E.P. Thompson, história e sociologia. In.: *XI Congresso Brasileiro de Sociologia/SBS*.Campinas: Unicamp, 2003.

MARX, K. **O Capital:** Crítica da Economia Política. Trad. Reginaldo Sant’anna. CIDADE, Civilização Brasileira, 1974. v. 5, Livro Terceiro: O Processo Global da Produção Capitalista.

_____. **Manuscritos Economico-Filosóficos** e Outros Textos Escolhidos. Seleção, José A. Giannotti; Coleção Os Pensadores. Abril Cultural, 1974.

MAUSS, M. Noção de Técnica Corporal. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU, 1974.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da Alienação em Marx**. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

MORALES, L. A. Faxineiras em um campus universitário. In: LOURENÇO, E. A. de S.; B. I. F., SILVA, J. F. S. da; SANT’ANA, R. S. ; NAVARRO, V. L. (Orgs.). **Trabalho, Saúde e Serviço Social**. Franca : CRV, 2010, p. 53-62.

OLIVEIRA, R. C.; **O trabalho do antropólogo** - Brasília : Paralelo 15 ; São Paulo : Ed. da UNESP, 2000

PASCOWITCH, J. A hora da estrela: Como Denise Pavarina se tornou a única mulher na alta direção do Bradesco. In: **REVISTA PODER**. Glamurama LTDA, 2012.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. Ed. T.A. Queiroz: São Paulo, 1991.

Revista IDEAS – Interfaces em desenvolvimento, cultura e sociedade. ISSN 19849834. V. 4, n. 2.. **Entrevista com o Professor José Sérgio Leite Lopes**, 2010.

SEGNINI, L. **A liturgia do poder** :trabalho e disciplina. São Paulo : EDUC, 1988

SENNETT, R. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SIGAUD, L. Doxa e crença entre os antropólogos. **Novos estudos**, CEBRAP [online]. 2007, n.77, pp. 129-152. ISSN 0101-3300. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000100007>>.

SILVA, M. C. Trabalho e **sindicalismo em tempo de globalização** :reflexões e propostas - [Lisboa] : Círculo de Leitores ; Temas e Debates, 2007

THOMPSON, E. P.; Introdução: Costume e Cultura. **Costumes em Comum** . Revisão técnica, Antônio Negro, Cristina Meneguelo, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ THOMPSON, E. P. **A Miséria da teoria**, ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRADESCO: Disponível em: <<http://www.bradesco.com.br/>>

FUNDAÇÃO BRADESCO: Disponível em: <<http://www.fb.org.br/institucional>>

ANEXOS

ANEXO 1

Mensagem a Garcia

Elbert Hubbard – fevereiro de 1899

Em todo este caso cubano, um homem se destaca no horizonte de minha memória. Quando irrompeu a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos, o que importava aos americanos era comunicar-se, rapidamente, com o chefe dos revoltosos – chamado Garcia - que se encontrava em uma fortaleza desconhecida, no interior do sertão cubano. Era impossível um entendimento com ele pelo correio ou pelo telégrafo. No entanto, o Presidente precisava de sua colaboração, e isso o quanto antes. Que fazer? Alguém lembrou: "Há um homem chamado Rowan... e se alguma pessoa é capaz de encontrar Garcia, esta pessoa é Rowan".

Rowan foi trazido à presença do Presidente, que lhe confiou uma carta com a incumbência de entregá-la a Garcia. Não vêm ao caso narrar aqui como esse homem tomou a carta, guardou-a num invólucro impermeável, amarrou a ao peito e, após quatro dias, saltou de um pequeno barco, alta noite, nas costas de Cuba; ou como se embrenhou no sertão para, depois de três semanas, surgir do outro lado da ilha, tendo atravessado a pé um país hostil, e entregue a carta a Garcia. O ponto que desejo frisar é este: Mac Kinley deu a Rowan uma carta destinada a Garcia; Rowan tomou-a e nem sequer perguntou: "Onde é que ele está?".

Eis aí um homem cujo busto merecia ser fundido em bronze e sua estátua colocada em cada escola. Não é só de sabedoria que a juventude precisa... Nem de instruções sobre isto ou aquilo. Precisa, sim, de um endurecimento das vértebras para poder mostrar-se ativa no exercício de um cargo; para atuar com diligência; para dar conta do recado; para, em suma, levar uma mensagem a Garcia. O General Garcia já não é deste mundo, mas há outros Garcias. A nenhum homem que se tenha empenhado em levar adiante uma tarefa em que a ajuda de muitos se torne precisa tem sido poupados momentos de verdadeiro desespero ante a **passividade** de grande número de pessoas ante a inabilidade ou falta de disposição de concentrar a mente numa determinada tarefa... e fazê-la. A regra geral é: assistência regular, desatenção tola, indiferença irritante e trabalho malfeito.

Ninguém pode ser verdadeiramente bem-sucedido, exceto se lançar mão de todos os meios ao seu alcance, para obrigar outras pessoas a ajudá-lo, a não ser que Deus Onipotente, na sua grande misericórdia, faça um milagre enviando-lhe, como auxiliar, um anjo de luz. Leitor amigo, tu mesmo podes tirar a prova. Está sentado no teu escritório, rodeado de meia dúzia de empregados. Pois bem, chama um deles e pede-lhe: "Queria ter a bondade de consultar a enciclopédia e de fazer a descrição resumida da vida de Corrégio".

Dar-se-á o caso de o empregado dizer, calmamente: - "Sim, senhor" e executar o que lhe pediste? Nada disso! Olhar-te-á admirado para fazer uma ou algumas das seguintes perguntas:

- Quem é Corrégio?
- Que enciclopédia?
- Onde está a enciclopédia?
- Fui contratado para fazer isso?
- E se Carlos o fizesse?
- Esse sujeito já morreu?
- Precisa disso com urgência?
- Não seria melhor eu trazer o livro para o Senhor procurar?
- Para que quer saber isso?

Eu aposto dez contra um que, depois de haveres respondido a tais perguntas e explicado a maneira de procurar os dados pedidos, e a razão por que deles precisas, teu empregado irá pedir a um companheiro que o ajude a encontrar Corrégio e depois voltará para te dizer que tal homem nunca existiu. Evidentemente pode ser que eu perca a aposta, mas, seguindo uma regra geral,

jogo na certa. Ora, se fores prudente, não te darás ao trabalho de explicar ao teu "ajudante" que Corrêgio se escreve com "C" e não com "K", mas limitar-te-á a dizer calmamente, esboçando o melhor sorriso: - "Não faz mal... não se incomode". É essa dificuldade de atuar independentemente, essa fraqueza de vontade, essa falta de disposição de, solitamente, se por em campo e agir, é isso o que impede o avanço da humanidade, fazendo-o recuar para um futuro bastante remoto. Se os homens não tomam a iniciativa de agir em seu próprio proveito, que farão se o resultado de seu esforço resultar em benefício de todos? Por enquanto parece que os homens ainda precisam ser dirigidos.

O que mantém muitos empregados no seu posto e o faz trabalhar é o medo de, se não o fizer, ser despedido ou transferido no fim do mês. Anuncia-se precisar de um taquígrafo e nove entre dez candidatos à vaga não saberão ortografar nem pontuar, e - o que é pior - pensa não ser necessário sabê-lo.

- "Olhe aquele funcionário - dizia o chefe de uma grande fábrica. É um excelente funcionário. Contudo, se eu lhe perguntasse por que seu trabalho é necessário ou por que é feito dessa maneira e não de outra, ele seria incapaz de me responder. Nunca deve ter pensado nisso. Faz apenas aquilo que lhe ensinaram, há mais de 3 anos, e nem um pouco a mais".

"Será possível confiar-se a tal homem uma carta para entregá-la a Garcia?".

Conheço um homem de aptidões realmente brilhantes, mas sem a fibra necessária para dirigir um negócio próprio e que ainda se torna completamente nulo para qualquer outra pessoa devido à suspeita que constantemente abriga de que seu patrão o esteja oprimindo ou tencione oprimi-lo. Sem poder mandar, não tolera que alguém o mande. Se lhe fosse confiada a mensagem a Garcia retrucaria, provavelmente:

- "Leve-a você mesmo!". Hoje esse homem perambula errante, pelas ruas em busca de trabalho, em estado quase de miséria. No entanto, ninguém se aventura a dar-lhe trabalho porque é uma personificação do descontentamento e do espírito da discórdia. Não aceitando qualquer conselho ou advertência, a única coisa capaz de nele produzir algum efeito seria um bom pontapé dado com a ponta de uma bota 44, sola grossa e bico largo.

Pautemos nossa conduta por aqueles homens, dirigente ou dirigida, que realmente se esforçam por realizar o seu trabalho. Aqueles cujos cabelos ficam mais cedo envelhecidos na incessante luta que estão desempenhando contra a indiferença e a ingratidão, justamente daqueles que, sem o seu espírito empreendedor, andariam famintos e sem lar.

Estarei pintando o quadro com cores por demais escuras?

Não há excelência na nobreza de si mesmo; farrapos não servem de recomendação. Nem todos os ricos são gananciosos e tiranos, da mesma forma que nem todos os pobres são virtuosos.

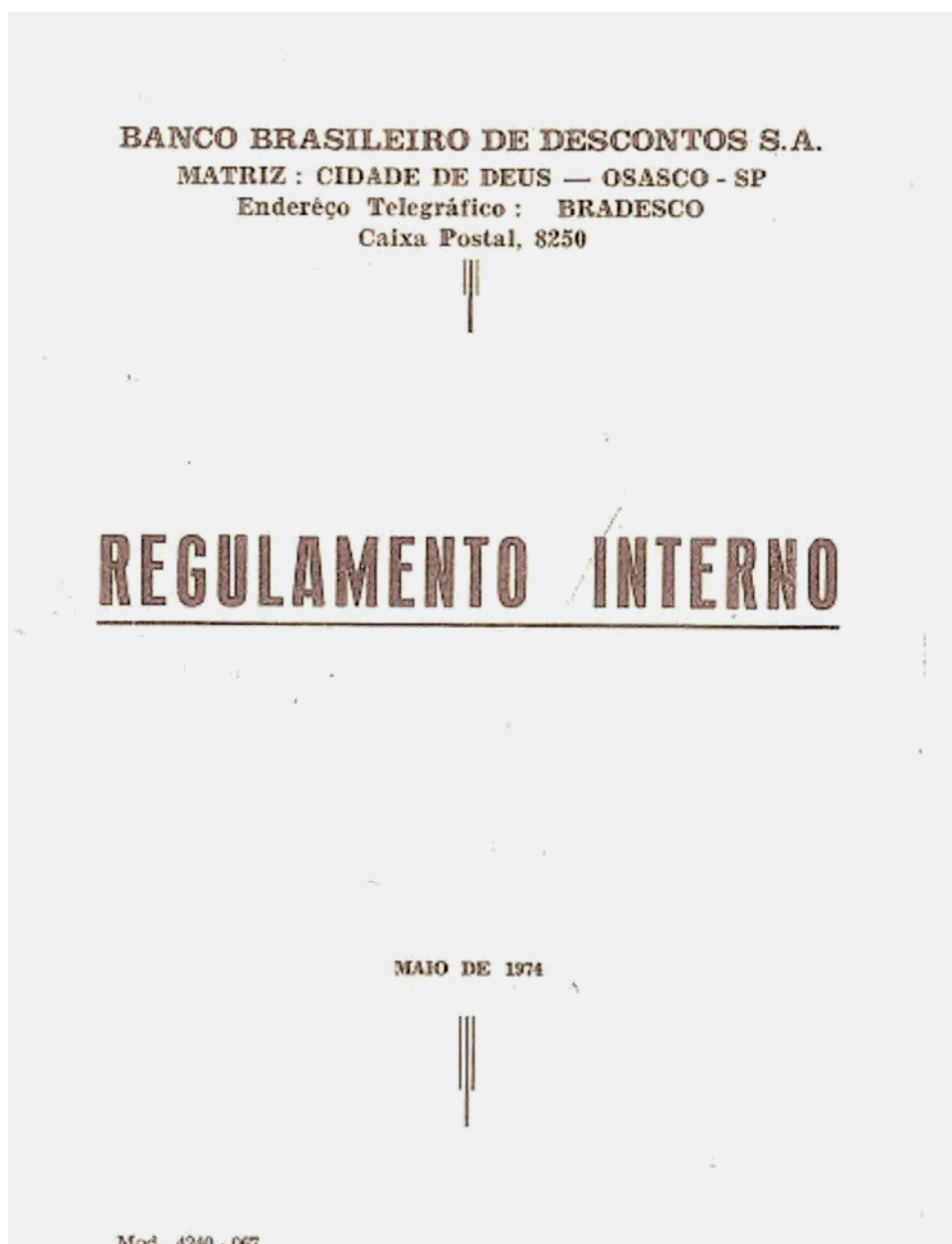
Todas as minhas simpatias pertencem ao homem que trabalha, fazendo o que deve ser feito, melhorando o que pode ser melhorado, ajudando sem exigir ajuda. É o homem que, ao lhe ser confiada uma carta para Garcia, toma a missiva e, sem a intenção de jogá-la na primeira sarjeta, entrega-a ao destinatário. Esse homem nunca ficará "encostado", nem pedirá que lhe façam favores.

A civilização busca ansiosamente, insistentemente, homens nessa condição. Tudo que tal homem pedir, se lhe há de conceder. Precisa-se dele em cada vila, em cada lugarejo, em cada escritório, em cada oficina, em cada loja, fábrica ou venda. O grito do mundo inteiro praticamente se resume nisso:

"PRECISA-SE - E PRECISA-SE COM URGÊNCIA - DE UM HOMEM CAPAZ DE LEVAR UMA
MENSAGEM A GARCIA".

ANEXO 2

Regulamento Interno Bradesco - 1974



§ 3.º — O Gerente ou seu substituto eventual, responsável que é por todas as operações realizadas pela Agência, têm a obrigação de recusar acolhimento aos negócios autorizados pela Matriz e que, por motivos explicáveis (por estarem fora das normas ou que careçam de garantias de pagamento), não interessem à posição de negócios da Agência ou do próprio Banco, ainda que tal autorização lhes seja transmitida pela Diretoria.

§ 4.º — Ao Gerente, de conformidade com a Lei n.º 1808, de 7-1-53, é atribuída a mesma responsabilidade dos diretores de sociedades anônimas nos casos de culpa e dolo no cumprimento de suas atribuições, tornando-os sujeitos a responder solidariamente até com os próprios bens.

CAPÍTULO V — Das Atribuições Gerais

Art. 21 — Os empregados do Banco, qualquer que seja a sua categoria, têm por obrigação :

- a) trajar-se de modo conveniente e asseado, mantendo sua aparência física sem exagêros e extravagâncias ;
- b) zelar pela limpeza e boa ordem do local de trabalho, bem como do material e utensílios colocados à sua disposição para execução de suas tarefas ;
- c) atender à clientela com a máxima solicitude, tratando-a com urbanidade e respeito, evitando, polidamente, qualquer discussão ;
- d) tratar sempre com respeito e camaradagem os demais colegas ;

- e) comportar-se corretamente em sua vida privada, evitando as más companhias ;
- f) abster-se de toda e qualquer interferência em assuntos políticos ou religiosos, mesmo em comentários ;
- g) executar prontamente as ordens recebidas, mesmo quando se referirem a serviços outros que não os peculiares a seu cargo ;
- h) silenciar sobre as transações do Banco, guardando sigilo absoluto sobre saldos e responsabilidades de clientes e assuntos de ordem interna do Banco ;
- i) viver dentro de suas posses, não permitindo que a sua atuação na vida particular possa refletir desfavoravelmente no bom nome do Banco ;
- j) não se alongar em assuntos e negócios que não dêem interesse à Organização, e nem se afastar do serviço sem a necessária licença, nas horas de expediente ;
- l) levar ao conhecimento de seus superiores toda informação ou sugestão de interesse do Banco, revelando igualmente, qualquer razão que o leve a suspeitar de tramas ilícitas, qualquer que seja a categoria da pessoa eventualmente envolvida. Ordens contrárias às normas traçadas pelo Conselho de Administração, às disposições do Regulamento Interno, às boas práticas bancárias e aos dispositivos legais, mesmo que porventura emitidas por superiores hierárquicos, não podem ser cumpridas em hipótese alguma. Em tais casos, deve o funcionário subalterno, verbalmente, ou por correspondência, sem o menor receio, comunicar-se, imediatamente com o Conselho de Administração do

Banco. Não deverá sobre elas silenciar. As dúvidas que eventualmente surgirem deverão ser submetidas ao Conselho de Administração ;

- m) observar, rigorosamente, o horário de trabalho, trazendo sempre em ordem o serviço que lhe fôr confiado ; atender com solicitude e presteza as ordens superiores, acatando, inclusive suspensões impostas ;
- n) executar prontamente a tarefa que lhe fôr confiada, levando ao conhecimento do chefe imediato a posição do serviço que lhe foi cometido.

Art. 22 — Todo funcionário do Banco, que desempenhar cargo de responsabilidade e confiança deverá prestar, anualmente, declaração de bens, com base em 31 de dezembro do ano imediatamente anterior ; de dívidas, se existentes, mencionando os nomes dos credores e os recursos de que dispõe para pagá-los ; e prestar a declaração de princípios, de próprio punho e assinada, já adotada pela sociedade.

Art. 23 — É proibido a qualquer funcionário :

- a) praticar qualquer modalidade de jogos de azar ;
- b) efetuar apostas em corridas de cavalo e Loteria Esportiva, tendo em conta as peculiaridades que envolvem os serviços do bancário e que poderão induzi-lo à malversação ou deslizes ;
- c) receber todo e qualquer presente ou gratificação que só se justifique pelo cargo que ocupe no Banco ;
- d) especular em câmbio, títulos da Bolsa ou mercadorias, por sua conta ou de terceiros ;

- e) dar aval a clientes do Banco ou aceitar fiança, aceite, aval, ou endosso dos mesmos, devendo viver sempre de modo a ter necessária independência perante eles ;
- f) usar imoderadamente bebidas alcoólicas ;
- g) participar ou ser sócio de qualquer firma comercial ou industrial, exceto com autorização do Conselho de Administração ;
- h) exercer outras atividades, agenciar negócios, principalmente os de seguro de vida, exceto nos casos autorizados pelo Conselho de Administração ;
- i) emitir cheques sem a necessária provisão de fundos.

Art. 24 — Todo funcionário deve obrigatoriamente inscrever-se como sócio da Caixa Beneficente dos Funcionários do Banco e possuir no mínimo, 100 ações do Banco.

Art. 25 — As instruções sobre detalhes de serviços e operações serão regulamentadas pelo Mapa de Instruções e Circulares.

Art. 26 — Este Regulamento Interno deve ser impresso em forma de livreto, para ser entregue a todos os funcionários, não importando a categoria hierárquica ou tempo de serviço dos mesmos, que deverão acusar seu recebimento ao Departamento do Pessoal, declarando, nessa correspondência, que tomaram inteiro conhecimento das disposições regimentares e que se comprometem a cumpri-las fielmente. Deve, ainda, figurar na primeira folha do Mapa de Instruções, para ser relido frequentemente, e, assim, ser de viva lembrança.

Art. 27 — Os casos omissos serão resolvidos provisoriamente pelo Conselho de Administração até ulteriores alterações neste Regulamento.